

ABRIL

REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

S U M M A R I O

No primeiro dia de aula. — A nova orientação no ensino normal, *João Massena*. — O ensino de historia do Brasil, *Edesio Corrêa Rabello*. — A memoria (De um capitulo de *Paul Jagot*). — Instrução moral e civica (As virtudes do alumno), *J. Géraud*. — Auditorium. — Instrução moral (Problemas sobre a propriedade). — Inefficacia da punição para os retardados, *Ciaccia*. — A formiga-leão, *J. H. Fabre*. — O ensino da leitura, *Firmino Costa*. — Educação physica (Jogos gymnasticos), *Guíomar Meirelles*. — Caderno de preparo das lições, *Maria Luisa de Almeida Cunha*. — Primeiros fructos, *Maria Luisa de Almeida Cunha*. — Problemas de calculo. — A pedagogia de Jesus Christo, *Mario Casasanta*

SECÇÃO DO CENTRO PEDAGOGICO DECROLY
DAQUI E DALI — ACTOS OFFICIAES
INFORMAÇÕES UTEIS

REVISTA DO ENSINO

ORGAN OFFICIAL DA
INSPECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO

N.º 210

Data 20-10-27

NO PRIMEIRO DIA DE AULA

Vamos começar, de novo, a nossa tarefa de professores. Fechamos um anno de grandes preparações: reforma de organização e de programmas, conferencias, cursos intensivos, admoestações, instrucções, conselhos.

O governo de Minas, num dos mais bellos impetos republicanos que a nossa historia tem registrado, disseminou escolas por toda a parte, numa sementeira formidavel e, dentro em pouco, todas essas escolas estarão perfeitamente providas de sufficiente material didactico.

Refundindo a legislação escolar, aproveitando sabiamente o que as administrações passadas construíram e insuflando um novo espirito nos processos pedagogicos, procurando introduzir methodos, modos e expedientes como determinando as finalidades do ensino primario e normal, pondo-as de accordo com o que de melhor se tem feito em outros paizes, — quiz o governo remodelar as nossas escolas e torná-las mais efficazes, com o fim de alcançarem mais effeitos uteis, com menos esforços inuteis.

Foi essa a grande tarefa do governo. Agora é o ponto de nos perguntarmos a nós mesmos o que temos feito para correspondermos á admiravel obra realizada.

Que é que estamos pensando, na hora solenne da elaboração dessa obra formidavel?

Que é que pensamos dos regulamentos que foram feitos?

Que é que nelles achamos de bom ou de máo?

Que é que pensamos dos programmas apresentados?

Que livros lemos para nos pormos ao par desse movimento extraordinario que tanto rumor tem feito, nos circulos intellectuaes do paiz?

Quando o escol do professorado brasileiro tão vivamente se agita de curiosidade pela obra realizada em Minas, que é que pensa dessa reforma e como a encara o professorado mineiro?

Deixamos aqui estas interrogações e esperamos sinceramente que as considerem e meditem todos os professores de Minas. Um professor honesto e serio, que queira cumprir conscienciosamente os seus deveres, não pôde cruzar os braços diante da notavel campanha civica que ora se está realizando.

Não se nos exige que conheçamos, num momento, todas essas coisas novas para nós, não obstante serem antigas nos centros mais cultos. Não se nos exige que conheçamos, com profundeza, os novos methodos, da noite para o dia, só porque os regulamentos os hajam introduzido.

O que se nos pede é que nos interessemos vivamente e devotadamente pelo exacto cumprimento desses regulamentos, adquirindo os livros necessarios, lendo esses livros, procurando estudar os novos methodos e tentando applicá-los immediatamente, de maneira que, dentro em breve, estejamos inteiramente preparados para a nossa missão.

O que se nos pede é que não durmamos o somno pesado da rotina, enquanto em outros lugares, muitas vezes, atirados por esses sertões longinuos, professores de verdade modificam os seus methodos, arejam as suas

aulas, encantam os seus alumnos e fazem delles bons brasileiros, sem temor nem acanhamento, judiciosos e ageis, com iniciativa e coragem.

O que se nos pede é que procuremos melhorar, dia a dia, a nossa escola, de maneira que não se diga de nós o que se pôde dizer dos professores rotineiros, atrazados e sem patriotismo, que não houverem participado desse movimento sacrosanto:

—Emquanto todas as escolas de Minas se transformavam, de casas severas e infructuosas em casas alegres e fecundas e, assim, formavam brasileiros intelligentes e corajosos ao envez de jecas desanimados e doentios, aquella escola ficou a mesma escola, com o mesmo azedume do mestre e com o mesmo atrazo dos pequeninos. E' uma escola-cortuja. Derme, enquanto as outras se beneficiam dos raios do sol...

A NOVA ORIENTAÇÃO NO ENSINO NORMAL

Quando, ha mais de 30 annos passados, fundou-se em Juiz de Fôra uma das nossas primeiras escolas normaes, acreditei que alli só seriam recebidos alumnos que quizessem aprender a ensinar. Era natural a minha suposição, visto que se tratava de preparar professores, precisamente para o ensino primario, que é de todos o mais delicado e o mais difficil. Em virtude do alto fim que collimavam, pareceu-me tambem que em taes escolas só deveriam ingressar pessoas já relativamente instruidas, que apenas desejassem aprender os melhores methodos para lidar com a caprichosa e ainda mal conhecida mentalidade das crianças; que pretendessem aprender a transmitir-lhes com facilidade, rapidez e segurança, a grande massa de conhecimentos usuaes que a vida moderna exige; que desejassem conhecer os melhores processos para desenvolver-lhes sadiamente o corpo e o espirito; para formar-lhes um caracter vigoroso e nobre; em summa, para instruir-las e educá-las.

Imaginei que qualquer candidato a professor já deveria possuir pelo menos a cultura desse conjunto de disciplinas a que se convencionou chamar humanidades; seriam moços ou moças que houvessem aprendido pelos methodos dolorosos ainda em uso naquella época, quando a palmatoria e outros castigos deprimentes eram o unico methodo e a *suprema ratio*; seriam individuos altruistas que, tendo sido victimas do obscurantismo daquelles tempos infelizes, quizessem melhorar a sorte das novas gerações, aprendendo, vendo praticar e praticando, por sua vez, methodos e processos de ensino mais racionais, mais efficazes e principalmente mais humanos. Acreditei tambem que os professores escolhidos para as Escolas Normaes deveriam ser aquelles que se houvessem distinguido por uma orientação mais liberal, dispondo, além disso, de alguns annos de pratica. Não dessa pratica rotineira e cega que é ainda peor do que a inexperiencia absoluta, porque é sempre teimosa e irreductivel nas idéas que um dia aceitou e das quaes não desmorde nunca, nem por bem nem por mal. Quero, ao contrario, referir-me á pratica estudiosa, illuminada pela theoria, auxiliada por vocação irresistivel, acostumada a examinar, a ponderar constantemente as opiniões dos grandes educadores, e sempre prompta a abandonar

antigas idéas se outras melhores se apresentarem. Infelizmente as minhas previsões eram extemporaneas e por isso não se realisaram. Não tinhamos (e ainda não temos) esse grupo de moços e principalmente de moças com a instrução sufficiente para emprehender com proveito estudos especiaes de Pedagogia. Naquelle tempo foi pois necessario que o Governo começasse por fornecer-lhes a cultura propedeutica indispensavel, e para isso fundaram-se, com o titulo de Escolas Normaes, simples cursos de preparatorios. E' certo que havia alli uma cadeira de Pedagogia; mas eram simples divagações theoricas e muitas vezes archaicas sobre a natureza da criança; sobre as faculdades da alma e outras discussões da philosophia escolastica a que se misturavam uns salpicos de João Jacques, umas tinturas de Pestalozzi e Froebel, algumas citações de Spencer, Binet e Le Bon, cousas excellentes talvez, porém tudo historias de entrar por um ouvido e sair por outro, visto que lhes faltava o fundo pratico e não provinham da observação directa. Os alumnos funcionavam como simples receptores de idéas e opiniões, não agiam e não observavam por si mesmos: a observação lhes vinha diluida e desbordada através das paginas do compendio ou das soporíferas preleções dos professores. E todos sabem que essa aprendizagem puramente passiva, esse ensino puramente verbal, tem sido a praga do Brasil, desenvolvendo a nossa bacharelise, a nossa conhecida capacidade de *saber dizer mas não saber fazer*. Quasi todos os professores, por sua vez (e quem vos fala foi um delles) acreditavam piamente na omnipotencia das preleções. Desde que houvessem discorrido brilhantemente sobre qualquer assumpto, tudo dizendo e tudo explicando, julgavam-se mestres perfeitos e insuperaveis. Tinha-se como excellente a lição desde que ella fosse feita em um bello e fluente e demorado discurso. No meu caso foi necessario um longo contacto com os professores americanos para desilludir-me daquellas idéas, tão caras á mentalidade brasileira. Parece que, os latinos, herdamos de longinquos antepassados a fé que estes acalentavam no poder magico das palavras e das fórmulas cabalisticas. Vergilio acreditava, ou fingia acreditar, que alguns versos, isto é, um conjunto de palavras medidas e cadenciadas, podia até fazer descer a lua dos céos, *carmina vel caelo possunt deducere lunam*. E os Romanos não conheciam o encanto das rimas; façam idéa se o conhecessem, se além das syllabas longas e breves, harmoniosamente alternadas, ainda viessem as rimas augmentar as volupias do ouvido, seria então caso para dizer-se que os versos podem até fazer descer dos céos a lua a e o sol. (*Carminavel caelo possunt deducere lunam*)... e só não diriam *et solem* porque, dito assim, não cabe em verso.

E o nosso povo ainda hoje acredita que certas formulas de oração possuem poderes especiaes perante a Divindade. Para as

classes inferiores é facto indiscutível que certas palavras, ditas na direcção dos bois enfermos, fazem cair os parasitas que os infestam e curam as chagas que os atormentam. E nós todos, imitando os antigos, acreditamos que palavras, muitas palavras, cantando que sejam sonoras e fluentes, podem fazer medicos ou engenheiros, pharmaceuticos ou advogados. Basta, para cada caso, mudar-lhes um pouco a medida ou a cadencia. Por toda a parte pois, como na tragedia de Shakespeare, palavras, palavras e palavras. Sem duvida a palavra, moderada e discreta, é o instrumento mais efficaz de que possa usar o professor e elle deve possuil-a facil, fluente e correcta, principalmente correcta porque os alumnos aprendem a lingua materna muito pela imitação e pelo exemplo, quasi nada pelas theorias e regras grammaticaes. Mas se a *palavra* é o principal utensilio do mestre, a *acção* é indispensavel ao discipulo. Aprender agindo, aprender fazendo, *learning by doing*, é um dos lemmas do ensino americano, principalmente do ensino primario, porque as crianças, conservadas inactivas, adormecem facilmente quando as embala a monotona cantilena do professor conferencista.

Mas, além dos defeitos que estamos apontando, outros appareceram. A principio as Escolas Normaes, ao menos como simples cursos de preparatorios, eram excellentes. Mas com o correr do tempo a industria do ensino particular apoderou-se dellas produzindo moéda e não professores, com raras e honrosas exepções.

Felizmente o benemerito Governo do eminente sr. dr. Antonio Carlos acaba de modificar profundamente esse deploravel estado de cousas, estabelecendo o verdadeiro ensino normal, aquelle que consiste principalmente em *ensinar a ensinar*. Temos da visto assim um prodigioso salto para a frente, deixando a perder de vista a organização de hontem. Quero dizer que a Escola Normal, como até ha bem pouco era concedida e modelada, se a resuscitarmos, já nos pareceria hoje um anachronismo.

A nossa Escola Normal moderna começa por um Curso de Adaptação, feito em dois annos e no qual ingressam alumnos que hajam prestado os exames do quarto anno primario. Esse Curso de Adaptação, bem considerado, não passa de um curso primario mais desenvolvido, ao qual se juntam as primeiras noções de uma lingua estrangeira. Aliás, o saber livreco que os alumnos ali possam adquirir, os conhecimentos de grammatica, Geographia, ou Historia que nessa phase os professores lhes possam ministrar, quasi não têm importancia, pois tal curso deve ter um caracter mais educacional do que instructivo. O alumno vae continuar ali o desenvolvimento das suas qualidades *escolares* e por consequencia *sociaes*. Vae aprender a fixar a sua attenção, naturalmente voluvel naquella idade; vae acostumar-se á dicitplina e ao dominio de si mesmo, nesse periodo da existencia em que todos somos pu-

ramente impulsivos: vae firmar habitos de hygiene pessoal, adquirir boas maneiras e principalmente a boa linguagem, por ouvi-la, e não pelas enjoativas theorias grammaticaes. Finalmente vae ainda receber um pouco de educação physica e um pouco de educação artistica.

O illustre autor da actual Reforma teve o bom senso de confiar esse curso sómente a professoras, confirmando-mo assim em uma opinião que venho sustentando ha annos e da qual posso dar uma synthese tendo o que disse em um discurso a professores do Granbery. Ali dizia eu: «A Pedagogia não é ainda infelizmente uma sciencia exacta. Nesse campo é ainda necessario discutir, demonstrar: convencer. E' materia opinativa, sciencia ou arte ainda em formação, em pleno periodo da mais franca controversia. Eu vos peço por isso que não extranheis as opiniões, por ventura erroneas, que aqui vou manifestar. Não gosto de ver dirigindo a infancia professores homens e principalmente professores moços. A não ser em casos excepcionaes de verdadeiras vocações, faltam lhes em geral a paciencia, a *sympathia* e a bondade, necessarias para bem entender as almas infantis. E, sem incansavel bondade, sem mutua *sympathia*, sem inalteravel paciencia não ha educação e não ha ensino.

Ainda que isto pareça um horrivel paradoxo, eu vos direi que não gosto tambem de ver dirigindo as primeiras classes professores sabios, porque a principal qualidade do professor primario é saber limitar se, e os sabios tanto falam e tanto explicam que estabelecem o cansaço e a confusão no espirito fragil da criança.

Penso, pois, que foi á mulher que a Providencia confiou o grato e ao mesmo tempo penoso encargo de dirigir a infancia.

E por estas razões, quando encontro um joven e espevitado professor, ensinando as primeiras letras, tenho a impressão de esbarrar com um absurdo.

A mulher, pelas limitações naturaes de sua intelligencia, pelo absoluto predominio do seu coração sobre o seu cerebro, pelos sentimentos de maternidade que são innatos na sua divina organização, é a professora ideal para as tenras crianças. >... Repetindo essas palavras antigas, quero mostrar que continuo ainda a pensar como então pensava.

Terminado o Curso de Adaptação, seguem-se tres annos de preparatorios. Ahi, sim, a instrução deve predominar sobre a educação e o ensino deve ser feito por professores de saber mais profundo e que já tenham alguns annos de experiencia.

O alumno começa a aprender a ensinar, vendo ensinar e observando o methodo usado por seus professores. Cada um destes não se deve pois esquecer de que está preparando futuros normalistas e que essa lição mal preparada, uma lição arrastada e escura é um exemplo pernicioso que fica, é um mal incurá-

vel que se vae propagando de geração em geração, porque a tendencia natural do discipulo é imitar o mestre, tanto nas suas qualidades como nos seus defeitos. Dahi se segue que não é o alumno quem mais deve estudar a lição: é o professor, se quizer ser claro, se quizer que seu ensino não seja confuso e inutil. Reconhecendo isso, o Regulamento determina que nenhuma aula se faça de improviso e sem plano. Mas naturalmente não exige que a lição seja escrita por completo, e que seja repetida de cór, palavra por palavra, em todas as suas minucias. Nesse caso seria melhor escrever obra original ou copiar qualquer compendio. É visível que o legislador, exigindo uma summula daquillo que o professor deve explicar, só desejava evitar a improvisação e a consequente ausencia de methodo. Ha pois necessidade de um plano; mas apenas de um plano, mesmo porque uma lição *viva* e *activa* é imprevisível no seu desenvolvimento: a cada passo a maneira pela qual os alumnos regem, entendendo ou não, pedindo esclarecimentos, ou permanecendo indifferentes, mostram-se attentos ou desattentos, socegados ou turbulentos, imprimem ao ensino marcha diversa e imprevista, cuja direcção geral só a custo se mantém e isso mesmo quando os professores são habéis.

Terminados os tres annos do curso de preparatorios, durante o qual o alumno de um modo indirecto, isto é, pela imitação e pelo exemplo, por ter visto ensinar, iniciou tambem a sua aprendizagem, o seu tirocinio de futuro mestre, começa o curso propriamente normal, aquelle em que directamente se cuida de ensinar a ensinar. Ahi se estudam disciplinas que ensinam a conhecer a criança e a preparar o meio escolar onde ella se vae mover, tornando esse ambiente o mais favoravel que fór possível ao desenvolvimento physico e á saúde mental das tenras creaturas que vão surgindo á vida. Hoje todos sabem que o dever primordial do professor é o de observar com interesse e sympathia as tendencias e possibilidades da alma infantil, procurando conhecer a criança na sua physiologia, conhecê-la, senão perfeitamente, ao menos o quanto nos permite o estado actual dos estudos pedagogicos entre as nações civilisadas. E já não podemos tolerar o caracter aspero e simplista da nossa antiga escola primaria, onde a acção util do professor se limitava a fazer decorar e a tomar a lição. Ao antigo pedagogo mineiro pouco importavam as actuaes modernices: as questões de hygiene corporal e de hygiene mental, a commodidade do mobiliario escolar, a distribuição da luz, o renovamento do ar, a orientação das salas, o numero de horas de trabalho, a medida approximada da capacidade intellectual pelo tests, os recreios, os jogos e as excursões, os canticos escolares, a boa apparencia do mestre e a sympathia que elle deve inspirar, a sua eloquencia ou pelo menos a sua facilidade e flu-

encia no explicar e até mesmo a necessidade que tem o professor de possuir uma vasta cultura, eram cousas de que ninguém cogitava.

O professor era silencioso e casmurro; se falava, era só para ralar, para marcar a lição ou para verificar, de livro em punho, se todas as palavras do compendio haviam sido bem decoradas. Ser professor era muito facil, ser alumno, isso sim, era doloroso e difficil. Não havia explicações; basta lembrar que a escola antiga não conhecia nem o giz nem o quadro negro, diante do qual tresseuam hoje todos os professores.

A palavra pedagogo, tão suave na sua significação, tornara-se, por isso, quasi um insulto e servia para motejo e para ridiculo, porque chegara a transformar-se em um synonymo de velho ignorante e rabugento, irritadiço e resmungão. Parece até que toda a gente antiga se empenhava em tornar o ambiente escolar aggressivo e hostil para a infancia, e isso se fazia com a cumplicidade dos proprios paes, que conheciam estas cousas e não protestavam. A escola era pois dolorosa e sombria; all as melhores intelligencias, inibidas pelo terror, não podendo livremente espanejar-se á luz, permaneciam apagadas e confusas.

Mas eu não pretendo rever aqui as tristezas do passado, quero antes proclamar as conquistas do presente, e entre estas está sem duvida, a instituição das aulas modelo, creadas pelo novo regulamento. Todos os professores do curso normal devem dar aulas dessa natureza, varias vezes por mez. Assistirão a essas aulas os alumnos mestres, isto é, aquelles que já se acharem no Curso de Applicação. Será um meio excellente de manter acceso o fogo sagrado do interesse pelo ensino, estimulando o professor a fazer cada vez melhor, sujeitando-o mesmo uma critica amigavel e cortez, que será feita pelo professor de methodologia. Essa critica ha de espicaçar um pouco o amor proprio de cada um, fazendo com que todos nós nos esforcemos por não deixar cabir as nossas aulas no somolento ramerrão das classes costumeiras, onde o publico é só de alumnos.

Com esta instituição das aulas modelo parece pois que chego finalmente alguma cousa novo ao velho ambiente escolar, onde as lições eram sempre as mesmas, no mesmo tom, no mesmo methodo, nas mesmas estafadas questunculas, demasiadamente insignificantes para serem levadas a serio. Um pouco de critica, uma apreciação calma e esclarecida é sempre necessaria para agitar os espiritos e ventilar as idéas, para destruir a natural tendencia ao menor esforço, emfim, para pôr um pouco de movimento, um pouco de agitação, na habitual dormencia.

Mas naturalmente a critica a uma lição modelo não deve ter a intenção preconcebida de exaltá-la ou deprimí-la. Terá antes o caracter de uma amigavel troca de idéas entre dois ou mais pro-

fessores perante os alumnos e por isso mesmo dentro dos limites do respeito mutuo e da mais rigorosa cortezia. Tal critica não poderá tambem referir-se á essencia mesma da lição, isto é, não poderá servir para combater idéas ou conceitos, opniões ou theorias expostas pelo professor: referir-se á simplesmente a ordem seguida, ao methodo escolhido, aos recu sos didacticos empregados, á habilidade revelada pelo professor na exposição do assumpto e na direcção da classe. A lição servirá apenas de *thema* ou de *motivo* para provocar e fazer surgir idéas, crear circumstancias e oportunidades, que de certo não surgiram nem se haveriam de crear em sua simples aula theorica de methodologia.

A expressão—aula modelo—poderá parecer um tanto pretenciosa e de certo assustará os professores que hajam de dar aulas com tão pomposo titulo. Nem mesmo os mais antigos e experimentados profissionais osousariam affirmar, no começo de uma aula, que esta lhes iria sahir primorosa e modelar. Só a inconsciencia dos tolos poderia nutrir e acalentar semelhante pretensão, irrisoria e ridicula. Mil pequenas circumstancias influindo costumam conturbar e escurecer os mais brilhantes espiritos. Basta qualquer indisposição organica, leve cansaço ou maguado estomago; basta a presença no auditorio de alguma pessoa antipathica, dessas que sabidamente são dotadas de espirito critico e mordaz; basta um alumno irreverente; basta emfim o desinteresse, a indifferença, o desprezo, o pouco caso revelado por qualquer ouvinte desattento para desconcertar o mestre e atrapalhar a lição.

E' hem possível que contesteis esse meu modo de ver, allegando que é justamente por isso que nas esco'as se preparam professores: para que aprendam a dominar o seu auditorio, interessá-lo e dirigí-lo, mesmo quando todos os ouvintes se mostrem aggressivos e rebeldes.

Porém essa qualidade é rara e os professores em geral são tímidos, da incuravel timidez que lhes provém da propria cultura. Tambem é sabido que ainda mesmo os grandes oradores, os grandes actores e os velhos mestres tem os seus dias infelizes e soffrem ás vezes d'quelle inexplicavel pavor do publico que inhibe o pensamento e escurece a vista, que faz gaguejar e suar frio. Acresce ainda que, em Pedagogia, assim como em medicina e a muitas outras artes e sciencias, ninguém pôde ter certeza de estar agindo do melhor modo. Falando do medico, já certa vez eu disse: Não sei como possa andar tranquilla a consciencia medica: No meio das escolas que se combatem, das doutrinas que se chocam, das theorias que se repellem, das opinões que divergem, o espirito vacilla, a duvida apparece e o entusiasta de hoje se transforma no sceptico de amanhã. Parodiando, posso tambem dizer: Não sei como possa andar tranquilla a consciencia

do pedagogo. Tantas vezes já vii variarem idéas e conceitos que lhe pareciam mais claros do que o sol e mais firmes que as montanhas; tantas vezes já vii a derrocada de velhas e novas theorias, a ponto de perder a confiança nas affirmações catheticas, ainda mesmo quando ellas partam de grandes mestres ou pareçam fructo amadurecido de uma longa experiencia. E não havendo confiança e certeza, não pode haver enthusiasmo no ensino. Sobre este ponto, o grande pensador Gustavo Le Bon disse mais ou menos o seguinte: Ensinam-se hoje nas cathedras, como verdades incontestaveis, muitas cousas que amanhã terão de apparecer como erros palmares, erros de que os nossos pósteros se hão de rir, como nós ás vezes nos rimos, dos enganos dos nossos antepassados. E é essa a eterna historia. Em Pedagogia, como em tudo mais, a verdade absoluta ainda está longe, tão longe, que me parece inteiramente inatingivel.

Mas se a perfeição for inatingivel, se o modelo procurado não nos occorrer, se estiver acima da nossa capacidade e além de nosso alcance, ao menos faça cada qual o melhor que puder, com dedicação, com enthusiasmo e com amor, porque assim terá cumprido o seu dever...

Senhores, eu vos disse a pouco que a Pedagogia não me parece sciencia exacta nem sequer sciencia plenamente constituída. Nesse vasto campo é ainda necessario discutir, convencer e demonstrar. As doutrinas pedagogicas, em muitos pontos, contém materia opinativa e se acham em pleno periodo da mais franca controversia. Mas, dizendo assim, eu não pretendo insinuar que, nesse terreno movediço, não haja alguns pontos fixos: algumas conquistas definitivas e muito trabalho radioso e explendido. Grandes e nobres idéas ali foram lançadas e germinaram e cresceram. Todos os professores temos o dever de conhecê-las, temos o dever de estudá-las continuamente, acompanhando o seu continuo progredir.

Foi sem duvida por pensar assim que o eminente autor da actual Reforma instituiu, para professores e alumnos, duas especies de reuniões, altamente instructivas: primeiro reuniões intimas para troca de idéas, para o mutuo esclarecimento de todos os assistentes sobre os numerosos problemas do ensino em geral e, no caso concreto de cada Escola, para concertar a marcha do estabelecimento, a qual não pode ser dispersiva nem deve ficar ao criterio variavel de cada professor, nem mesmo de cada director. Além dessas, haverá tambem reuniões para conferencias, que devem ser publicas, nas quaes os mais experimentados expõem aos outros professores e aos alumnos-mestres os resultados de suas meditações e de seus estudos. De todas as disposições do Reg. uma idéa resalta bem nitida: é a necessidade que todos temos de um solido preparo pedagogico. Temos que formar pro-

fessores e é visível que, em todas as cátedras, mesmo naquellas que pareçam nada ter com as questões de technica pedagogica, devemos pensar nessa technica e dirigir as nossas aulas de accordo com os melhores preceitos da moderna Methodologia. Temos todos que ensinar a ensinar. Mas não se aprende a ensinar somente por meio de regras e preceitos; aprende-se muito pela pratica e muito mais ainda pelo exemplo, isto é, por ter ouvido lições modelares, por haver aprendido com um bom professor. Há pouco eu vos disse e repito: o alumno insensivelmente, automaticamente, imita o mestre nas suas qualidades e nos seus defeitos.

De onde se segue que uma lição sem methodo, arrastada e confusa, é um exemplo pernicioso que fica, é um mal incuravel que se vae propagando de geração em geração. Cada qual ensina como aprendeu. E porisso muitas vezes vemos, até mesmo em nosso meio, jovens professores usando no entanto processos de ensino obsoletos e anachronicos, porém acreditando, na mais perfeita boa fé, que estão agindo do melhor modo possivel e até repellindo com energia qualquer suggestão que se lhes faça no sentido de mudarem as velhas idéas que automaticamente estão seguindo. Assim aprenderam, assim vão repetindo.

Temos, sem duvida, excellentes explicadores, mas, de um bom explicador exigem-se apenas tres condições: que saiba a materia, que saiba transmiti-la, e que consiga manter a disciplina, suavemente, sem violencia e sem esforço, por uma irradiação natural da sua pessoa. Um bom explicador é o quanto basta para os cursos secundarios e principalmente para os cursos superiores. Mas para o ensino primario é indispensavel a essas condições acrescentar tambem as difficeis e raras qualidades de um bom educador, tomando essa palavra no seu sentido exacto. Um bom explicador recebe as intelligencias já desenvolvidas e formadas, só lhe cumpre esclarecê-las, ministrando-lhes conhecimentos literarios ou scientificos; mas o educador recebe-as ainda em embryonarias e não evoluidas. A pedagogia classica tinha como um dogma que a intelligencia se desenvolve pelo exercicio. Porém autores actualmente mais em moda affirmam justamente o contrario: que a intelligencia não augmenta pelo exercicio.

Cada individuo já traz ao nascer sob a forma potencial um certo numero de energias cujo valor não pôde crescer e cuja evolução far-se-á expontaneamente. Apenas compete ao educador guiar essa evolução. E' um modo de pensar, seja porém como fór é claro que educar é diferente de explicar.

Por minha parte, confesso, apesar de já haver ensinado durante cerca de trinta annos consecutivos, não passo ainda de um regular explicador. E muitos de entre vós, colhidos ha pouco no exercicio de outras profissões, naturalmente vos achaeis tam-

bem nas mesmas circumstancias; sois, de certo, excellentes explicadores. Porém precisamos avançar um pouco mais; precisamos conhecer tudo quanto o pensamento moderno tem decidido sobre os numerosos problemas do ensino. Provavelmente foi esse o desejo do sábio reformador quando instituiu as aulas modelo e imaginou a critica dessas aulas pelo professor de Methodologia.

Não vejo inconveniente nessa critica, se fór feita nas condições a que acima me referi, visto ser aquelle professor o nosso tecnico, o unico que por dever de officio, pelo proprio assumpto de sua cátedra, tem o dever de ser, desde já, um consumado conhecedor dos assumptos pedagogicos. Nós outros podemos esperar um pouco, e temos até o direito e o dever de consultá-lo nos casos de duvida. Ninguém se deprime por consultar o medico, o advogado, ou o engenheiro nos assumptos em que esses profissionais se especializaram. O professor de Methodologia é o especialista a quem nos devemos dirigir quando o nosso saber estiver em falta. Por minha parte, sujeitar-me-ei prazentemente até mesmo a uma critica severa desse professor e não me hei de julgar diminuido se as opiniões d'elle não coincidirem com as opiniões que adoptei.

Outras innovações da actual Reforma são as *excursões* e as palestras feitas pelos alumnos, para habitua-los a falar em publico, para habitua-los a vencer a timidez e o acanhamento.

Essas excursões e palestras, cuja utilidade não é necessario encarecer, estão sendo organizadas e espero que os professores as ponham em pratica ainda em dias deste mez.

Ligo a maior importancia á fiel execucao do actual Regulamento, porque estou convencido de que, se o não executarmos com entusiasmo e fé, a Escola Normal recahirá naquelle somnolento curso de preparatorios de que ha pouco vos falei e cujos frutos, pêcos e maninhos, temos visto e estamos vendo, até mesmo nas maiores cidades do nosso Estado.

Uma ultima recommendação tenho ainda a vos fazer. Em muitos estabelecimentos as aulas são, por assim dizer, *quasi secretas*: os mestres com os seus discipulos encerram-se nas suas salas, onde, por cortezia ninguém mais se atreve a entrar. Os professores ignoram assim quaes as qualidades, quaes os defeitos, quaes os trabalhos, qual a orientação dos seus collegas. E' visivel o grave inconveniente desses esforços assim desordenados e dispersos. Consenti, pois, que de accordo com o Regulamento, o Director visite as vossas aulas, não como fiscal inutil e irritante do cumprimento de vossos deveres, porém sim como um coordenador de esforços, coordenador necessario e indispensavel para que todo o nosso trabalho se faça na mais perfeita harmonia de vistas e de modo a obtermos maior efficaçia do ensino.

Não quero concluir sem vos dizer algumas palavras animadoras. Em nome de minha velha experiencia posso affirmar-vos que nestes ultimos trinta annos temos progredido muito em materia de ensino, principalmente em materia de ensino primario. Já não temos mais a horrivel escola antiga e vamos preparar aqui novos e cada vez melhores professores. O grande estadista mineiro que se acha agora á frente do Governo, escolhendo os vossos nomes illustres, mostrou implicitamente confiar, como eu tambem confio, no vosso generoso esforço.

Quero ainda vos dizer que não temos muito que nos envergonhar do nosso passado pedagogico. E, se «mal de muitos consolo é», deixo ler-vos um trecho da auto-biographia de um medico europeu, publicada ha pouco em uma revista de medicina. Diz elle: Uma das recordações de minha infancia que se ergue em minha memoria com mais relevantes rasgos, é a dos castigos que nos infligia D. Joaquim. Seus methodos didaticos, rudimentares e simples, baseavam-se principalmente na punição inexoravel e, muitas vezes, crudelissima. Os instrumentos de tortura ante os quaes tremiamos todos os seus discipulos eram a palmatoria e a vara. Quatro annos de minha infancia soffreram o tormento daquelle ensino irracional e absurdo, reduzido unicamente a um cultivo ininterrupto da memoria, sem o auxilio de nenhum methodo mnemotechnico. D. Joaquim não nos inculcou jamais *nenhuma idéa*, não facilitou com as suas explicações, o acesso de qualquer conceito, de qualquer conhecimento, ás nossas jovens intelligencias. Sua função educativa foi nullo. Os castigos corporaes tinham uma esteril influencia sobre nossa conducta. Quando dei-xei de frequentar aquella escola, melhor diria aquella masmorra, onde se acorrentava a intelligencia e se decepava e destruia a floração exuberante das energias e da vitalidade infantil, acreditel resurgir a uma vida nova. O pesado illo que opprimiu meu espirito desvaneceu-se, porém a sua tragica recordação ergue-se a miudo na minha memoria, acompanhada de feros accentos de execração».

E', como vèdes, a copia fiel da antiga escola primaria em Minas. Mas esse trecho nos prova, como um consolo, a certeza do proverbio: Cá e lá más fadas ha.

Tambem eu, até hoje, em recordo, como esse medico hespanhol, do meu primeiro mestre escola, tão feroz e rabugento. Coitado, como elle era alheio a qualquer orientação pedagogica, como era desconhecedor das almas infantis, como se achava desprovido de qualquer affecto ou sympathia pelas pobres criancinhas.

Estou convencido de que, naquelle espirito rotineiro e arido, os meninos, mal entregues á sua guarda, deviam ser considerados como outros tantos demoninhos, aos quaes era preciso do-

minar pelo terror e manter quietos á força de ralhos e pancadas. Tal qual aconteceu ao referido medico na pequena escola de sua aldeia, tambem eu, na minha velha cidade mineira, soffri bastante nas mãos do meu horrivel pedagogico.

Mas, ó milagre suavissimo do passado, ó véo de ouro e purpura que os annos estendem sobre as cousas que se foram e principalmente sobre os dias descuidosos da descuidosa infancia. Passou-se um longo tempo sobre aquelles soffrimentos. E esse longo tempo que passou, como adoa e suaviza os asperos contornos daquella rispida figura. Ella me vem surgindo agora das sombras do passado, com o olhar severo, a barba intonsa de carrancudo aspecto, diante de uma velha mesa onde se ostentava sempre a infalivel palmatoria. Mas no rictus feroz daquelles labios que nunca riam, eu julgo descobrir agora um sorriso disfarçado. Talvez elle não fosse tão máo como parecia; mas era costume e moda daquelles tempos obscuros que o Mestre fosse temido e não amado. Talvez elle tambem fosse victima do obscurantismo de seu meio e de seu tempo, talvez aquillo fosse mesmo um sorriso, um sorriso de pae, mas de pae á moda antiga, que quanto mais amava, mais batia....

Senhores, eu vos concito, vamos contribuir com todo o nosso esforço para que estes tristes cousas não voltem mais.

E, para terminar, tenho ainda um pedido a vos fazer e o faço com maior empenho, é o seguinte: Não deixemos nascer o joio ou a cisania nas lavouras sadias desta Escola... Se alguma semente, *vinda de outras terras*, aqui apparecer, procuremos esmagá-la, não a deixemos medrar. Graças a Deus, nem a intriga nem a inveja, ou a maledicencia e as baixas competições pessoais, não conseguiram ainda entrar nas nossas portas. E tenho fé que não entrarão nunca! Comtudo é bom permanecermos attentos e vigilantes porque cada um daquelles feios demonios anda sempre rondando as nossas almas—*quaerens quem devoret*, procurando a quem devorar. Permanecamos sempre unidos e solidarios porque só a união fraternal dos professores poderá conduzir este estabelecimento aos altos fins para que foi creado.

JOÃO MASSENA

Director da Escola Normal de Juiz de Fora.

(Conferencia realizada na Escola Normal de Juiz de Fora).

O ENSINO DE HISTORIA DO BRASIL

Algumas observações no decurso do ensino de Historia do Brasil. Defeitos notados no modo pelo qual é elle administrado, na sua distribuição pelos annos do curso primario e normal, na sua dosagem e fim collimado.

Na minha missão de professora, tenho percorrido varias etapas do magisterio: ora como professora primaria, lecionei todos os quatro annos do tirocinio, repetidas vezes, sujeita á execução de varios programmas; ora como professora do curso normal, lecionei algumas materias, sujeitas a programmas varios, entre as quaes, Historia; outra vez administrei ensino a alumnos para prestarem exames parcelados de preparatorios. No curso primario e no normal, na parte referente á Historia, vi-me muitas vezes embaraçada—o termo embaraçada é fraco para exprimir a minha difficuldade—vi-me impossibilitada de prender a attenção dos alumnos, durante as lições, e de fazê-los corresponder á minha expectativa de grande aproveitamento, entrando como factores para um elevado estado de conhecimento, a intelligencia dos alumnos, e a sua capacidade para o trabalho, a boa vontade para o estudo, assiduidade ao mesmo, o meu interesse em que elles aprendessem e a minha vaidade de apresentar alumnos que fossem uma prova irrefutavel (nesse tempo ainda pensava que o conhecimento dos alumnos fosse um attestado vivo do preparo dos professores) dos meus conhecimentos. Ainda andava no começo da minha dolorosa e gloriosa via, e por mais que fizesse trabalhar as minhas cogitações, não auxiliada pela experiencia que hoje tenho, não podia comprehender, porque um resultado que devia ser grande, dado factores tão eminentes, fosse pequeno. Não via o que hoje vejo: outros factores—a quantidade e a qualidade do ensino e a idade do estudante—continuadamente diminuindo os que se propunham para dar-nos o resultado esperado.

Analysemos o ensino de Historia, administrado nos grupos, e estudemos um meio de sanar os seus defeitos: por menos dado que um individuo seja á psychologia infantil, salta-lhe logo aos olhos o pouco interesse que a criança tem pelas coisas passadas.

Ella não se pode interessar por uma coisa que não possui: o passado.

A sua existencia iniciou-se agora. Ella só tem o futuro. E assim só se interessa pelo que está passando e pelo que se passará amanhã. Para ella não ha ligação nenhuma entre o dia de hontem e o de amanhã. E' por isto que muitas vezes surprehend mos professores e paes gastarem uma rhetorica toda, para convencerem a uma creança de 6 a 12 annos que devem ser razoaveis e deixar um logar no automovel para o irmão que hontem não foi ao passeio, havendo-lhe cedido o logar, ou a fazer no presente algum sacrificio para o bem de alguém que o obsequiára dias anteriores. Ella cede pela força, mas não comprehende que haja ligação entre os prazeres gozados dias anteriores e o sacrificio que lhe impõem na actualidade. Mas se disserem que deve ser docil e sensata hoje, para amanhã ter a remuneração dessa sensatez ou docilidade, teremos nessa criança, agora, um verdadeiro santinho, ou um heroe, como se diz em Historia. E' esta a razão de ficarmos desalentados, quando ensinamos a crianças uma bella pagina da nossa Historia, vendo o pouco interesse que ella lhe desperta. Lançamos mão de meios, que suppomos attraentes, para prender-lhes a attenção. Não conseguimos. E, professores que somos, obrigados a ensinar a Historia sob medida, que fazemos? Transformamo-nos em novos Procustos para o martyrio dos alumnos. Mutilamos-lhes as intelligencias, formulando os horribes e execrâdos pntos e introduzimos-lhes em suas cabeças, á moda dos taes hspedes da mythologia. E' forçoso que procedamos desse modo. Os alumnos devem saber recitar os portos bem, para terem o programma prompto para o exame. Mas que estudo de Historia! Somente a enumeração de datas, de nomes dos homens e dos locaes onde se desenrolaram os acontecimentos! Nada de concatenação dos factos com a evolução social do momento, nada de deducção do resultado pratico que adveio desses acontecimentos. E' um absurdo ensinar-lhes isto. As crianças não o comprehenderão. E a professora que tiver a utopia de querer fazer-se comprehender, tirando deducções dos factos historicos, terá uma aula cheia de bocejos ou de traquinadas. Os cerebros infantis não comprehenderão que alguém se houvesse sacrificado nos tempos historicos para a felicidade dos pósteros. Não prendem o passado ao presente. E dahi este pouco caso que a dissertação lhes desperta, sendo esta aula um martyrio intellectual para professores e alumnos.

Pelo que dissemos acima, parece que o ensino de Historia deve ser eliminado do curso primario. Nosso asserto não vae a tanto. Mas, se não o eliminarmos s devemos dosá-lo em quantidade muito criteriosa, muito bem escolhida e muito bem prescripta, de

modo que advenham deste estudo vantagens praticas para os alumnos. Só assim este estudo haverá attingido o seu alvo: *preparar o alumno a adaptar e utilizar as forças naturaes em beneficio da sociedade.*

Conhecendo-se a psychologia infantil em relação ao passado, e o resultado pratico que devemos colher do estudo da Historia, devemos ensinar ás crianças de idade escolar a nossa *Historia Futuro: «a confiança e a crença nos destinos immensos que por certo haverão de estar reservados áquelle trecho unico no planeta onde o sol dos tropicos está fundindo a materia prima mais bizarra registrada pela historia».*

Ensinemo-lhes a historia passada somente quando lhes explicarmos as festas nacionaes.

Não é possível, de uma maneira racional, ensinar a crianças de idade escolar, a Historia, porque lhes é impossivel compreender factos que estão presos á natureza economica—modo unico, racional, pelo qual deve ser encarado o ensino da Historia. Ellas decorá-los-ão, os nomes dos personagens que nellas figuraram, os seus actos e as datas dos acontecimentos. Mas, não ficarão sabendo a Historia. E quando das suas memorias apagarem-se todo este amontoado de nomes, factos e datas, só ficará do *estudo da Historia* a lembrança do esforço inaudito que fizeram para decorá-la, e uma grande aversão pelo estudo da mesma. Tudo resultado de um estudo absolutamente viciado, devido á má quantidade applicada á qualidade.

Só nos cursos de Adaptação e de Preparatorios, quando os alumnos já attingiram á idade de 14 annos, já podendo compreender certas questões de ordem economica e politica, deve ser-lhes administrado o ensino da historia do passado: emboabas, bandeiras, invasões francezas e hollandezas, Inconfidencia, Independencia, regencias, Imperio, escravidão e Republica. Porque sendo a unica vantagem desse ensino a *«importancia dos phenomenos economicos como base concreta para explicação dos casos abstractos»*, antes de 14 annos, idade terminal para o curso primario, uma criança, a não ser que ella seja um super-homem, não pode comprehender o alcance do estudo da Historia.

E todo o esforço mental, que professores e alumnos fizerem para o ensino e conhecimento dessa disciplina, será igual ao daquelles reclusos das prisões da Russia, descriptos por Dostoiewsky nas «Re ordações da Casa dos Mortos», condemnados a trabalhos forçados, e que eram obrigados a tirar com grande difficuldade agua de um rio e despejá-la a cem passos no solo, sem que houvesse deste trabalho proveito para o guarda, o prisionei-

ro ou o Estado, resultando deste esforço improductivo exasperação dos guardas e desalento dos reclusos.

Do que vimos por nossa fraca observação, pensamos que o estudo de Historia no curso primario deve limitar-se á explicação das datas nacionaes e a despertar nos alumnos amor ao trabalho, á saude, á belleza, á disciplina, a confiança em si, solidariedade aos compzrñheiros, o dever de auxiliar os fracos, a hombridade em todos os passos da vida, o restricto cumprimento dos deveres, confiança nos dirigentes, isenção de animo nos julgamentos, amor ao progresso, á humanidade e á paz.

EDÉSIA CORRÊA RABELLO
Professora do Curso de Adaptação

A MEMORIA

Condições preliminares de uma boa fixação

Para uma boa fixação é preciso partir do geral para o particular e estabelecer o maior numero possível de conexões.

É necessário, antes de mais nada, estabelecer uma idéa central, um ponto de apoio a que a memoria se possa apegar. Definidas e assentes as idéas geraes, formaremos secções, que se irão subdividindo em categorias, á medida que representem aquisições intellectuaes.

Armada a chave dessa fórma, a technica consiste, no momento que quizermos fixar uma idéa qualquer, em encontrar, immediatamente, o lugar exacto que compete a essa idéa.

A chave seguinte contem tudo o que nos pode interessar :

- a) o que se relaciona com os característicos pessoais : constituição, aptidões, etc.
 b) o que se relaciona com a vida e sua conservação : saude, profissão, etc.
 c) o que se relaciona com as affeições : familia, amigos, etc.
 d) o que se relaciona com os conhecimentos e cultura : sciencias, artes, etc.

Ou melhor :

A personalidade	I Características psycho-physi- ologicas	A—Constituição
		B—Aptidões
		C—Faculdades
		D—Tendencias
	II A vida e sua conservação	E—A saude
		F—Profissão
	III Affeições	G—A Família
		H—'s amigos
	IV conhecimentos peraes e cultura	I—Sciencias
		J—Artes
		K—Letras

Podemos e devemos subdividir cada uma das secções. Vamos, por exemplo, subdividir o numero 4.º, letra I :

Secção IV Letra I Sciencias	O universo	}	O estudante	Theogonia				
				Cosmogonia				
				Metaphisica				
				Philosophia				
				Astronomia				
				Cosmographia				
	A terra	}	}	}	Mathematicas, etc.			
					Geologia			
					Topographia			
					Geographia			
					Mineralogia			
					Botanica			
O ho-em	}	}	}	Zoologia				
				Chimica				
				Physica, etc.				
				individual	}	}	}	Anatomia, Physiologia, Therapeutica, etc.
								Psychologia, etc.
				collectivo	}	}	}	Origens: Androgonia, prehistoria, etc.
Historia: Universal, etc.								
				Aactualidade { organização, politica etc.				

O artista deverá seguir, mentalmente, todas as transformações que opera em seu material de trabalho.

As phases de sua tarefa habitual, os diversos utensilios usados, tudo constituirá objecto de subdivisão minuciosa.

O industrial organizará um schema comprehendendo : a directriz geral do trabalho, administração, fontes de materia prima, fabricação, pessoal, venda, reclames, etc.

O artista, cujo trabalho representa o fim e o meio de subsistencia, partirá de duas ordens de idéias : a perfeição individual em sua arte e a realização da obra.

Meditando detidamente, devemos procurar as conexões existentes na chave proposta. O estado de saúde, por exemplo, apresenta varias conexões: interessa á profissão, á familia, aos amigos, ás faculdades, aos estudos, etc.

Até o momento da fixação, vamos percebendo nitidamente as diversas relações do objecto de nossa attenção e dos diversos centros de chrystallização, ao mesmo passo que iremos notando novas relações e novos pontos de contacto.

A FIXAÇÃO

1.º — *Constituição de fichas mentaes e sua classificação.*

As disposições precedentes têm por fim estabelecer um encadeamento analogico estreito de todo o conteúdo da reserva mental.

Cada pessoa e cada cousa, uma vez que despertem o nosso interesse, têm, por assim dizer, uma ficha em nosso espirito. Tanto que tenhamos um certo numero de indicações sobre um determinado objecto, agrupados em uma ficha, devemos subdividi-las em algumas secções, de ligações bem nitidas, de conexões bem distinctas e claras.

Tratamos, por ex., de nossa saude. Se a ficha que organizamos for incompleta, podemos alterá-la, á nossa vontade, com a adição de outras subdivisões.

Ex :

As nossas condições anatomicas.

O jogo dos nossos orgãos.

Quando é normal, quando não o é.

O que convem fazer nas desordens eventuaes: Preventivamente (hygiene) etc.

A fixação se fará definitivamente, quando tivermos uma percepção clara do seguinte:

1.º) qual o lugar que tal assumpto occupa no conjunto, do qual conhecemos as linhas mestras;

2.º) o beneficio que nos trará o conhecimento e a assimilação de tal assumpto.

Quando houvermos de estudar uma subdivisão completamente nova, devemos localizá-la no conjunto de nossos conhecimentos e depois cumprir adquirir uma idéa geral do assumpto a estudar, seja por uma leitura ligeira, seja interrogando as pessoas illistradas.

Em seguida reflectamos: Esta sciencia tem tal objecto. Estuda-a sob taes aspectos e apresenta taes conexões.

Depois cumpre fazer vibrar o centro de chrystallização onde se prende a linha analogica do novo conhecimento: e então deverá o espirito concentrar-se, por algum tempo, sobre o interesse de desse estudo.

Durante uma conuersação, uma leitura de jornal ou revista, na rua ou em qualquer outro parte, sempre surge uma idéa util. Afim de que possamo: recorda-la, no tempo opportuno, convem procurar a ficha mental correspondente e registrá-la.

— Com que se relaciona ella?

— Que modificações envolve?

— Em que momento deverá intervir?

A primeira pergunta indica a região da ficha a que se liga a nova idéa; a segunda permite estabelecer as conexões com outras idéas da mesma ordem; a terceira colloca-nos, por um instante, no futuro: representamo-nos sob uma forma concreta, agindo de accordo com as disposições favoraveis a reter a idéa.

Sempre é conveniente personalizar a idéa, evocando o objecto ou a pessoa, revendo-lhe o aspecto, escutando-lhe, mentalmente a voz, etc.

Não se deve esquecer de precisar bem a modalidade das relações que nos prendem á pessoa, o que lhe desejamos dizer ou fazer: a memoria, então, funcionará convenientemente.

2.º) — *Os trabalhos urgentes.*

O plano das pequenas occupações, das quaes precisamos nos livrar immediatamente, exige, se nos quizermos lembrar de todas as cousas em tempo, uma fixação acompanhada do sentido claro de sua urgencia.

Penso, por exemplo: «Amanhã cedo, o mais tardar, preciso comprar tal livro». Medito no emprego do tempo da manhã e, á acção de comprar o livro, ligo o aborrecimento que me causará o esquecer de comprá-lo.

Este sentimento constitue um aviso que funcionará no momento opportuno. E' fóra de duvida que uma idéa, fixada concomitantemente a um estado affectivo, impressiona mais vivamente a memoria e se grava melhor.

Succede, frequentemente, que, ao sahir de casa, experimentamos um mal estar caracteristico. Uma idéa — a idéa de quem se esqueceu de alguma cousa — começa a martelar no cerebro. Afinal, lembramo-nos da cousa esquecida.

Afim de que evitemos taes aborrecimentos, convem que todas a snossas occupaões e obrigaões sejam subordinadas a fichas mentaes, ligadas umas ás outras, numa sequenci uniforme e na ordem precisa de sua execuão.

Todas as noites devemos proceder a um balanço de nossas obrigaões do dia seguinte, ligando-as immediatamente.

Temos, por exemplo, de fazer amanhã as seguintes cousas:

- 1.º) Procurar um marceneiro para concertar uma cadeira;
- 2.º) Comprar tinta para a caneta-tinteiro;
- 3.º) adquirir uma passagem na estrada de ferro;
- 4.º) ler um livro, que temos absoluta necessidade de examinar.

Podemos agir da seguinte maneira:

Primeira ficha: Representa um marceneiro, assentado na cadeira a reparar tendo, ao peito, uma faixa, com os seguintes dizeres, bem ritidos: *caneta-tinteiro*.

Segunda ficha: a caneta-tinteiro: a seu lado, um vidro de tinta entornado, e o seu conteúdo escorrendo entre pedaços de panno.

Tercera ficha: o alfaiate a cortar pedaços de panno rectangulares. O derradeiro pedaço é branco e traz, bem visivel, a inscrição *ida e volta para tal lugar*.

Quarta ficha: O «guichet» da estação: um empregado colloca diante de nós a passagem, a qual se acha sobre o livro que deveremos examinar, na volta.

O methodo auxilia poderosamente a memoria. E' bom tentar porque, em verdade, não ha esforço totalmente perdido. A sua execuão poderá variar por numerosas formas, que ficam á iniciativa de cada qual e á vontade de cada um.

(Tradução e adaptação de um capítulo de Paul Jogot, por GUERINO CASASANTA).

INSTRUÇÃO MORAL E CIVICA

As virtudes do alumno

Ha virtudes que dignificariam qualquer pessoa de qualquer idade, mas ha outras que de preferencia illuminam um coração de criança. Pelo menos as virtudes communs da humanidade se manifestam de maneira diferente entre os adultos e entre as crianças; como tambem seus objectivos não são os mesmos para as crianças que frequentam e as que não frequentam a escola. Nem sempre o menino sabe distinguir o bem do mal; elle não se basta a si proprio, não é capaz de conduzir-se por sua propria conta, sem graves riscos. Está, pois, na obrigação de respeitar os homens de experiencia que o educam e obedecer ás prescrições de uma lei moral previamente estatuida.

O alumno deve ser respeitoso—Seria lamentavel ver as crianças entrarem na escola sem dar ao professor essas provas exteriores de respeito, que exprimem não só a eminencia da missão do educador, como a polidez do alumno. Saber ser respeitoso, e se-lo nos gestos, nas attitudes, nas palavras, em aula, no recreio, na rua, eis uma das primeiras virtudes do alumno. Não se trata desses gestos proprios do exercito, e que nelle se justificam, mas que seriam fóra de proposito numa casa de ensino; que os meninos tirem a boina diante do professor, que as meninas façam mesura, e que todos mantenham silencio em aula e nas entradas e sahidas.

Houve um tempo em que os moços não abriam a bocca diante das pessoas de idade sem serem convidadas a isso. Nós associamos demasiadamente as crianças á actividade geral da escola e da familia para lhes infligir um silencio tão cruel, mas a verdade é que ellas não progredirão jamais si deixarmos que falem umas com as outras a todo momento, transformando assim a escola numa especie de pateo familiar. Saber calar-se, por fim, tem a sua utilidade na vida pratica, e os mais nobres pensamentos fructificaram sempre no silencio.

Frequencia escolar—A criança não tirará proveito de sua actividade escolar si esta não for regular e continua; tem, pois,

o dever de frequentar a escola, de chegar na hora exacta e de trabalhar a valer durante as aulas.

Os paes não são os unicos responsáveis pela boa frequência: ha meninos rebeldes, que elles não conseguem conduzir á escola, e que é nosso dever encaminhar até ali, pouco a pouco, docemente.

Cumpre per-uadir ás crianças que ellas vão á escola para o proprio bem e porque a lei o exige. Este característico legal da frequência deve ficar bem claro, afim de que os vadios se compenentrem de que estão commettendo tambem um delicto, e não só um acto contra o interesse proprio e contra a moral.

Diversos meios se offerecem ás crianças para encorajar e corrigir as que frequentam irregularmente a escola ou que chegam sempre atrasadas: os concursos de frequência e de exactidão entre divisões da mesma classe, ou entre classes da mesma escola, costumam dar bons resultados. O encorajamento ou a censura dos companheiros triumpham muitas vezes sobre os mais refractarios ao cumprimento desse dever.

Perseverança na escola—Perseverança na actividade escolar, eis outra virtude do alumno. Observae o ar feliz do menino trabalhador, que escuta, reflecte, observa, procura, age com o espirito e com as mãos. As suas victorias dão-lhe consciencia da sua força; deixando a escola para se entregar á lavoura ou para entrar numa officina, elle terá confiança em si mesmo—o que é a primeira condição do successo—e saberá economizar o seu tempo.

Populações inteiras soffrem hoje as consequências do trabalho vagaroso, e os individuos preguiçosos são cada vez mais condemnados sem julgamento pela sociedade. O operario manual é menos bem pago do que o operario qualificado; por sua vez, o productor activo ganha mais do que o productor desanimado. As officinas modernas pagam antes ao trabalho feito do que ao tempo gasto em fazê-lo. Infeliz do preguiçoso, infeliz daquelle que, já criança, fazia mal e apressadamente a sua tarefa! Conterá sempre com salarios baixos, aliciamentos tardios, colleitas frustradas.

Sinceridade—Outro dever que se impõe: a sinceridade. A prova coizada ou a lição *collada* não são actos innocentes; constituem já um começo perigoso de habito. Quem quer ser honesto e sincero deve, desde a meninice, agir ás claras, aceitar as responsabilidades, ter a coragem das confissões. Ill. dir o professor na execução do trabalho escolar, negar a falta commetida, attribuir a outrem a inhabilidade ou o maleficio de que somos culpados, são provas de covardia. O desejo de ser o primeiro da classe e de receber recompensas é um estimulante util para quem é honesto até ao escrupulo, mas constitue uma ten-

ção terrível para quem cultiva a preguiça. O interesse do alumno é fazer sosinho, e honestamente, o seu trabalho; á falta de uma concepção mais alta do dever da sinceridade, que elle comprehenda pelos menos esse interesse.

Limpeza e boa apparencia—Limpeza e boa apparencia são tambem virtudes preciosas do alumno. Muitas crianças gostam de patinhar na lama, de pescar, de brincar com agua; poucas apreciam o banho. As fórmas da limpeza são diversas, e nós não pedimos senão o minimo: cabellos sem pioleira, unhas sem cluto, corpo aseado. A limpeza exclusiva do rosto não passa de hypocrisia; a verdadeira vae até á roupa branca, aos sapatos, ás vestes. Estar limpo não é só isso; é tambem *não se sujar*. Ha peraltas que se deliciam em esfregar as calças nos degrãos das escadas, em enlamear as blusas, salpicá-las de tinta ou de gordura; é preciso que elles aprendam a fugir dos divertimentos sujos, e a não sobrecarregar de trabalho as suas mães. Mil precauções permitem que se conserve limpa a nossa roupa lavada de pouco: guardar um pedacinho de panno para limpar a nossa penna e a nossa carteira; esfregar as solas dos sapatos, á entrada; evitar que a poeira se espalhe em nossas vestes e na classe; molhar e torcer o panno de limpeza do quadro negro, que nos livrará de sujar os moveis e as roupas com a poeira do gis; lavar as mãos, depois de usar esse gis. Tudo isso deve ser feito por iniciativa propria, e sob o olhar dos collegas.

Algumas crianças de boa vontade reuniram-se para emprender a cruzada da saude. Que todas as crianças, em todas as escolas, emprehendam a cruzada contra a immundicie, que enodão tanto as pessoas como as coisas. Chefes de turma eleitos por um certo tempo, clubs escolares, etc., podem vir a ser guardas vigilantes da hygiene. Cada um dos alumnos comprehenderá melhor o seu dever si agir sob a pressão da vontade collectiva.

J. GÉRAUD

AUDITORIUM

Em que consiste — Como se deve organizá-lo — Um modelo

O Auditorium, instituição introduzida pelo Regulamento do Ensino Primário, nos seus artigos 203 e 204, é uma reunião do corpo docente e discente dos grupos, com a participação das famílias dos alumnos, quando convidadas.

DIANTE DO REGULAMENTO

Pelo Regulamento, o Auditorium deve ser realizado duas vezes por mês, estender-se por duas horas e ter a presença obrigatória do director, professores e alumnos.

QUANDO CONVIDADAS...

O artigo 403 dispõe que o Auditorium terá a assistência das famílias dos alumnos, quando convidadas. Aconselha-se, porém, que se convidem sempre as famílias dos alumnos, para que acompanhem de perto e com carinho a vida escolar, estabelecendo entre a escola e a vida social o maior intercambio, afim de não ficar a escola um organismo á parte, de todo ponto segregado do meio social.

SIMPLICIDADE

O facto de se convidarem os paes de familia para que compareçam ao Auditorium, não obriga os directores a organizarem uma festa estrondosa e complicada. Se se tomasse o Auditorium como um verdadeiro festival, os grupos escolares seriam mais casas de diversões do que casas de ensino. Claro: a organização quinzenal de festivaes apresentaveis, com uma serie de novos numeros, novos recitativos, novos cantos, novas danças, novas peças, afinal, tomaria todo o tempo do director, das professores e dos alumnos, com grave prejuizo para o ensino.

Ora, o Auditorium, não é um festival, é uma reunião escolar. E, como reunião escolar, não tem por fim divertir os que com-

parecerem, mas instruir, espalhar conhecimentos, procurar levantar o nivel intellectual do meio em que agir.

EXIGENCIAS DO REGULAMENTO

O artigo 204 especifica e exemplifica de que deve constar o Auditorium:

I—*Cantos coraes*—Trará complicação e difficuldade a aprendizagem e o ensaio de cantos coraes? Não é um exercicio sob todos os pontos de vista altamente educativo? O repertorio ordinario do grupo deve constar apenas de tres ou quatro cantos? Não ha hoje estupendas collecções de cantos, bellos, simples e facéis?

II—*Audições musicaes*—Professores, alumnos ou pessoas amigas não poderão tocar um ou outro numero de musica, numa reunião de amigos, que deve ser o Auditorium?

III—*Exposição*—O Regulamento estabelece entre os numeros do Auditorium a exposição de um assumpto referente á escola, por professor ou por alumno. Não se trata, no caso, de conferencia ou de palestra. Trata-se de exposição, ou seja, explicação em linguagem clara, singela e familiar, por professor ou alumno, isto é, perfeitamente e geralmente comprehensivel, porque o professor tem obrigação de se fazer comprehender e o alumno, como é natural, não pode dizer coisas de tal modo elevadas que a maioria não entenda.

O que quer o Regulamento é que se disserte sobre assumpto que interesse á escola, ao programma de estudos ou qualquer obra escolar ou social que desperte a attenção dos alumnos. Tal dissertação não é, entretanto, uma conferencia e nem mesmo se lhe deve dar o nome de palestra: é uma exposição. Uma aula, em que se explique, com clareza, um ponto.

Que difficuldade haverá em conseguir dois ou tres numeros nesse sentido?

IV *Palestras* pelo medico ou dentista escolar sobre temas de hygiene. Trata-se de uma palestra simples, pratica, e á altura dos alumnos, sem alarde de erudição. A exposição de um thema de medicina com um recheio de termos technicos e minucias que só os professores podem apreciar, será de perfeita e completa inutilidade no Auditorium. No Auditorium, repetimos, não ha lugar para a solemnidade: é uma festa de natureza simples e o mais possivel familiar. Não cabem nelle discursos que não sejam entendidos pelos alumnos.

V—*Conferencias*. O Regulamento pede tambem conferencias. Mas que conferencias? Acompanhadas, se possivel!

de demonstrações praticas. Não devem ser dissertações eruditas e profundas, mas dissertações que todos entendam, e, para que todos entendam, deve haver demonstrações praticas. Além disso, devem versar sobre a industria, a produção agricola e o commercio *locaes*, isto é, que os alumnos conheçam ou que podem facilmente conhecer e averiguar.

VI — *Obras publicas*. Refere-se o Regulamento ás exposições sobre obras publicas, que se executam na localidade, as quaes devem ser feitas de preferencia por pessoas da administração local. São palestras de grande utilidade, porque, além dos conhecimentos que dellas podem tirar os alumnos, têm a vantagem de lhes chamar a attenção para a vida publica, para a historia da cidade, para o trabalho dos seus grandes concidadãos, etc.

OUTROS NUMEROS

O Regulamento apenas exemplifica. Ha, entretanto, um campo vasto a explorar nesse sentido: recitativos, lições, bailados, gymnastica, marcha, jogos educativos, brinquedos communs, sempre velhos e sempre novos, que encantam as crianças e os seus paes.

O Auditorium deve ser uma exposição de trabalhos escolares: desenhos, trabalhos manuaes, cadernos de diferentes materias, recitativos, cantos, etc. Tudo o que se apreendeu, em duas semanas, pôde constituir numero de Auditorium.

Um pequeno, por exemplo, aprendeu a dizer bem uma poesia. Outro, que tem admiravel dicção, lerá uma pequena historia. Outro desenhará, no quadro negro, alguma coisa. Outro acompanhará o rio S. Francisco no mappa, mostrando onde nasce, os affluentes principaes que recebe, onde fica a cachoeira de Paulo Afonso, onde elle se despeja, *sem decorar*. Lerá no mappa.

Tornamos a dizer: não é um festival, é uma reunião escolar. Dando-se-lhe grande solennidade, accarretar-se-á o afastamento dos paes pobres e das crianças pobres, além de se trazer premio consideravel ao ensino.

E' uma exposição do que se fez no grupo ou na escola e exposição dos methodos adoptados.

DECORAÇÃO

Insistimos especialmente sobre um ponto particular: não se deve abusar da memoria das crianças. O mais que se

pode fazer, nesse sentido, é dar ás crianças poesias simples, curtas e facéis de decorar e recitar, mas poesias que contenham uma narração. Deve haver especial cuidado na escolha de taes poesias e muito esforço para que as crianças articulem bem e digam bem o que decorarem. E' indispensavel explicar miudamente a significação de taes poesias, para que, diante de uma pergunta de um circumstante, o alumno possa mostrar que não é papagaio, mas ser humano.

Porisso devem ser proscripitas, de uma vez, as lições decoradas, verdadeiros martyrios que impressionam mal um publico intelligente e que podem trazer graves consequencias na vida do alumno.

UM AUDITORIUM EM BRAZOPOLIS

Transcrevemos, com prazer, o programma de um Auditorium realizado no grupo escolar «Cel. Francisco Braz», de Brazopolis, no dia 18 de outubro de 1928.

Programma

- 1—Abertura da sessão.
- 2—Hymno ás Aves—pelos alumnos.
- 3—Prelecção pela professora designada, d. Maria R. Renó, sobre o ponto — «Ensino moral e religioso nas escolas».
- 4—Canto—«Hymno á escola» (Salve, escola) pelos alumnos.
- 5—Exposição do ponto «Biographia de Joanna D'Arc», pela alumna do 4.º anno, Zaira Tribitz.
- 6—Uma pagina de leitura, pelo alumno do 1.º anno «D» masculino, José de Lima.
- 7—Exposição do ponto «Riquezas mineiras do Brasil», pela alumna do 3.º anno «B», Presciliana M. Lopes.
- 8—Exercício de observação, pelo alumno do 1.º anno «A» masculino, João Octavio Faria.
- 9—Exposição do ponto «Bandeirantes», á vista do quadro historico, pelo alumno do 3.º anno «A», José Barcellos.
- 10—Poesia, pela alumna do 3.º anno misto «B», Edith Mendes.
- 11—Poesia «A gralha», pela alumna do 1.º anno «B» misto, Maria José de Mendonça.
- 12—Canção «Tristeza campesina», Maria Leontina.

13—Um dictado, pela alumna do 1.º anno «A» feminino, Maria Benedicta de Jesus.

14—Exposição do ponto «Minas Geraes», pela alumna do 2.º anno feminino, Maria José dos Santos.

15—Um dictado, pela alumna do 1.º anno «B» feminino, Maria Gonçalves Torres.

16—Descrição oral da Bandeira, pelo alumno do 2.º anno masculino, Manoel Nogueira.

17—Um bilhete pedindo relevar as faltas, pelo alumno do 1.º anno «C» masculino, Antonio Cintra Vergueiro.

18—Leitura e interpretação do trecho lido, pela alumna do 2.º anno feminino, Silveria V. Mendonça.

19—Reprodução escripta de uma historia, pelo alumno do 1.º anno «B» masculino, Benedicto Rodrigues Pereira.

20—Poesia «A Leão», de Raymundo Corrêa, recitada e interpretada pelo alumno do 4.º anno misto, Luiz Gonzaga de Lima.

21—Hymno á Patria, pelos alumnos.

22—Encerramento.

INSTRUÇÃO MORAL

Problemas sobre a propriedade

I

—Tua mãe tem gallinhas?

—Não.

—Que farás se encontrares um ovo no quintal de tua casa?

II

—Hontem quiz dar a um menino uma estampa muito bonita. Em vez de uma, porem, dei duas, porque estavam colladas uma á outra. Que deve fazer esse menino?

III

—Acabo de achar um lindo lapis, no chão.

Que devo fazer?

Queres encarregar-te, durante o recreio de procura o dono?

IV

—Professora, acabo de achar uma bala no meu bolso.

—Não é tua?

—Não, senhora.

—Fica descansada. Vamos procurar a pequena companheira que, entrando precipitadamente, não observou com cuidado a capa em cujo bolso devia mettê-la.

V

—Em um negocio, o caixeiro distrahidamente dá-te em troca uma quantia maior de dinheiro. Que deves fazer?

E se te dá menor? Que deves fazer?

VI

—Tu possues muitas coisas? Quaes são as coisas que possues e que aprecias mais? Gostarias de não mais encontrar uma linda joia no logar em que sempre a guardas?

VII

—Quaes são as coisas que não te pertencem? (O que os teus companheiros têm na bolsa; o que a tua mamãe fecha no armario; as flores e as fructas do jardim de tua vizinha; aquillo que não brota na rua, como aservas: bolsa, joia, lapis, canivete, etc.)

VIII

—Maria é uma pobrezinha. E' pallida e veste-se mal. A sua merenda consiste num pedaço de pão e numa banana. A sua mãe-zinha lh'os dá com sacrificio. Porque não se deve tirar, ás escondidas, a merenda de Maria?

(Do caderno de uma professora).

INEFFICACIA DA PUNIÇÃO PARA OS
RETARDADOS

O Evangelho tem uma parabola que põe em foco o pensamento do presente capitulo.

Um senhor partiu para uma longa viagem, deixando guardados cinco talentos com um creado, dois com outro e um só com um terceiro. Quando regressou, chamou os creados ao *redde rationem*. O que tivera sob sua guarda cinco talentos restituiu dez; o que tivera dois restituiu quatro; e o que tivera apenas um restituiu aquelle um que, pelo receio de perder ou de que lhe fosse roubado, havia escondido debaixo da terra.

Para o primeiro e para o segundo creado o amo teve palavras de louvor, porque elles tinham sabido fazer fructificar bem os talentos recebidos; para o terceiro teve palavras de recriminação: chamou-lhe nada menos que *nequam!*

Certamente a parabola não tem valor si applicada ao lado economico da vida, ou teria demais para sustar toda forma de actividade humana, para estrangulá-la, como faz o usurario ao seu desgraçado cliente. Transportamos a parabola para o campo da vida, o campo unico, talvez, para que seja licito transportá-la.

Os homens não são todos igualmente tratados pela natureza. Esta tem filhos predilectos aos quaes dá o disponivel das suas riquezas, filhos que ama com amor normal, aos quaes dá apenas a sua legitima, e filhos aos quaes dá apenas o necessario para que não morram de fome. Ha algumas vezes tambem os desherdados; mas destes falaremos em outro lugar. Deixemos a allegoria: aos primeiros, que são poucos, dá muita intelligencia; a outros, que são a maioria, dá uma intelligencia mediana, e entre estes quantas grações! Aos ultimos, que são tambem seus filhos, dá pouquissima, tanto quanto basta para que não sejam idiotas ou cretinis, um talento! Os idiotas e os cretinis são os desherdados.

Em muitas familias acontece a mesma coisa: ha filhos tratados com caricias e beijos, com balas e bonequinhos, com vestidinhos de luxo, com brinquedos e presentes de toda especie; ha outros, queridos, sim, mas tratados com severidade; e ha, final-

mente, em quasi todas as casas a *borralheira*. Assim, pois, os meninos não têm todos o mesmo grau de intelligencia, como nem todas as estrellas têm o mesmo esplendor, nem todas as flores têm o mesmo perfume.

São os *retardados*.

Os *retardados* não são os anormaes da intelligencia,

Certamente não é facil marcar um limite entre o retardado e o anormal, mas o olhar experiente do mestre, illuminado pela sciencia do psychologo e do psychiatra, pode distinguir um do outro.

..

Da differença entre intelligencia e intelligencia, da diversa gradação intellectual devemos ter conta nós, professores, si quisermos—e como não havemos de querer?—que o nosso esforço seja coroado de exito.

Não podemos pretender que os nossos alumnos caminhem todos com o mesmo passo, que todos aproveitem igualmente as nossas lições. Seria o mesmo que querer ver um côxo caminhar como o que tem boas pernas, ou instituir um premio de velocidade entre um cavallo e um burro e que elles cheguem ao mesmo tempo á meta. Si um de nós tivesse tal pretensão, mostraria não conhecer a natureza e as forças da intelligencia humana.

Uma só coisa podemos, devemos pretender, e para ella fazer convergir todas as nossas forças: que cada um de nossos alumnos faça fructificar os talentos recebidos.

Em vez disso, eis o que acontece frequentemente:

Um rapaz que não resolveu o problema e francamente confessa não haver sabido resolvê-lo. Atribuimos o facto a negligencia e o castigamos, sem pensar que aquella confissão franca—que qualificamos e denominamos mentira—mereça uma palavra de louvor; sem pensar que aquelle menino duran e uma ou duas horas pôz a trato a sua mente para resolver aquelle problema, facil talvez para todos os outros, mas difficil para elle; sem pensar que, talvez, aquelle menino deu punhadadas na testa, arrepelou os cabelos, chorou de raiva. Elle é um retardado, e não um preguiçoso.

Um outro não aprendeu bem a lição, nós o reprovamos veramente, o humilhamos, o punimos, porque *não estudou bastante*, sem pensar que, se a muitos dotados de boa memoria não custou esforço algum aprender bem aquella lição, não lhe bastaram a elle duas horas para aprendê-la mediocremente; punimo-lo, em vez de premiá-lo pelo esforço despendido, pelas lagrimas que talvez

acompanharam aquelle esforço. Elle é um retardado, e não um apathico.

Terminada a explicação de uma coisa, voltamo-nos para um alumno e o interrogamos sobre a materia explicada. O desgraçado não responde, *porque não entendeu*, embora haja mantido sempre tenso, com os punhos nas fontes, o arco da sua debil intelligencia, e nós o ralhamos e o castigamos, porque *emquanto falavamos, a sua mente estava alhures*. Elle é um retardado, e não um distraido.

..

Não sou muito optimista em tal materia e creio que o menino possa ter mentido, possa ter sido negligente ou distraido, mas não nego, antes admitto a possibilidade do contrario, e que não tenhamos conhecido o grau de intelligencia dos nossos meninos.

Então se verifica uma coisa mais grave: para os meninos mais intelligentes todos os louvores, todos os premios, ainda quando sejam verdadeiros travessos e endiabrados.

As travessuras e diabruras mudam assim de aspecto: tornam-se rasgos de espirito, sympathicos ou, pelos menos, toleraveis. Os alumnos de intelligencia commum são tratados da mesma forma pelo regulamento e pela disciplina escolar. Os ultimos, os quasi desherdados da natureza, são esquecidos, são desprezados, quando não são maltratados.

Calumnio? Quisera antes merecer a pecha de calumniador do que saber que ha na escola um só de taes mestres.

..

A arte de nós, professores, consiste nisto: a) em conhecermos o grau de intelligencia dos nossos alumnos; b) em nos adaptarmos á capacidade intellectual media da classe e caminhar com a maioria, detendo com uma das mãos os que quisessem e pudessem andar mais de pressa e ajudando com a outra os mais vagarosos. A difficuldade de que não exista uma media intellectual não é seria. Quem a tira, sabe muito bem que não se fala de media mathematica, mas do grau de intelligencia que é commum na maioria dos alumnos. Verdade seja que entre menino e menino de intelligencia commum ha uma differença, mas é uma gradação; trata-se de aptidões diversas, não precisamente de capacidades intellectuaes nitidamente diversas; c) em nos contentarmos de quanto cada um possa dar, e louvamos, louvamos, louvamos, premiarmos, premiarmos, premiarmos os seus esforços reaes, porque o merito não está no *quanto*, mas no *como*; d) em sermos

imparciaes com todos, ou, por outra, tratarmos a cada um segundo o seu merecimento moral.

«Cumpre progredir lentamente, diz Alengry.—Sêde sempre não só claros e precisos, mas procedei com prudente lentidão. Precisaes bem o vosso ponto de partida, não desprezeis nenhuma idéa i. termedia util; parae a tempo, depois parti de novo, mas assegurae-vos sempre de ser seguidos».

A questão sobre o melhor meio de tocar para a frente os retardados é perfeitamente inutil. Poderei dizer, entretanto, que o meio mais effizaz é a paciencia do professor. Mas não posso deixar de recordar uma coisa que julgo extremamente util: cumpre impedir a passividade do alumno; incitá-lo a falar; a palavra é a imagem do pensamento; através da palavra se conhece o grau da intelligencia e a sua lenta evolução. Incitá-lo a falar não só para responder, mas tambem—e especialmente—para interrogar. E' arte nossa a de excitar aos porquês. O mutismo é resultado de ignorancia, de timidez, de amor proprio. «Os meninos—observa acertadamente Boutroux—não conhecem os proprios erros e são inhabeis. São pois dominados pela timidez ou pelo amor proprio, e assim as idéas se confundem; elles temem os ralhos do professor e os sorrisos dos companheiros» Bastará, pois, habituá-los a interrogar e a responder, a responder e a interrogar, e adeantar-se lentamente, repetindo.

Fazendo sempre sentir na voz o affecto que se sente no coração, não mostrando nunca enfadar-se com as perguntas dos alumnos, ainda quando estas sejam ou pareçam tolas, e neste caso evitar sempre mettê-los a ridiculo ou deixar queos companheiros o façam. Nada ha peor do que isso para tornar mudos os meninos.

No cumprimento da obra educativa, ha que ter sempre em mira o fim da educação: que o alumno aprenda a dirigir e a governar a si mesmo. Ora, para uma pessoa dirigir e governar a si mesma, o meio unico não é desenvolvimento mental e cultura intellectual, não é tampouco este o meio principal. O que se deve desejar nos alumnos—mais que a educação da intelligencia—é a do coração, e promover esta por todos os meios que a experiencia propria e a propria iniciativa aconselham. Mas, sobretudo, não nos deixemos invadir pelo desanimo si não virmos realizar-se, sob nossas vistas, essa obra, porque o resultado da acção educativa se mede pelo longo período de tempo exigido pelo desenvolvimento e a formação da personalidade».

(Tradução de um capitulo de «L'Arte di non punire», de CARLO CIACCIA).

A FORMIGA-LEÃO

Que vedes na nossa gravura? — Um horrivel monstrozinho. Arrasta, sobre seis patas, um ventre volumoso, signal de appetite insaciavel; traz, na extremidade da cabeça, dois chifres afiadados, moveis, recurvos, abrindo-se e fechando-se á maneira de pinças ferozes. Se nos fosse dito que, em uma ilha selvagem, um semelhante monstro, do tamanho de um lobo, sahira da matta espessa e avançara para um viajante, um Robinson qualquer, para pegá-lo e vará-lo com suas lanças, seria grande a nossa emoção e desejaríamos, ao homem ameaçado, as melhores armas para se sahir honradamente deste passo: revolvers de doze tiros, balas explosivas e carabina de carregar pela culatra.

Não abusaremos, porem, do aspecto terrivel do animal para despertar uma emoção facticia, pois o que vamos relatar é a historia, historia verdadeira, e não um conto. Diremos, então, que este animal nos é inoffensivo. Não quer isto dizer que o seu genio seja pouco feroz, mas somente que os seus instinctos sanguinarios fazem as suas victimas num mundo tão pequeno, tão minuscuro, que nós o pisamos sem attentarmos nelle. E' um comilão, sempre esfomeado de carne fresca como o famoso ogre de vossos contos, aquelle mesmo que hospedou uma tarde o pequeno Pollegar e seus irmãos com a intenção de fazer com elles um guizado, como se se tratasse de pombinhos. O ogre, emfim, cuja recordação nos atemoriza.

O nosso animalzinho procura jantar, coisa nem sempre facil de se conseguir neste mundo, principalmente em se tratando de um guloso. A fome lhe roe o ventre, collocando-o entre as pontas de um dilemma—ou comer ou morrer. Sua caça habitual é a formiga, habil corredora, cujas pernas finas evitam logo, na fuga rapida, as tentativas inuteis de ataque do caçador pesado e obeso. Ide propor á tartaruga a perseguição de uma gazella em disparada. Em relação á formiga, nosso ogre não é mais agil e, alem do mais, um outro motivo o impede, em absoluto, da caçada de movimento; é que assim como o caranguejo, elle só caminha bem para traz, maneira que não é das mais seguras para atingir uma caça que foge deante de vós.

Ser pesado, obeso, caminhar para traz e ser forçado a comer formiga apanhada viva, eis um problema difficil, difficilissimo.

Em circumstancias semelhantes que fariéis vós, vejamos? Procræ, reflecti, quebrae a cabeça. Não achareis nenhuma solução. Não vos embarceis, pois qualquer pessoa, começando pela que vos fala, não resolveria o problema.

Diz o bom senso popular, em um proverbio: "Necessidade é mãe de industria". Esta alta verdade, que a experiencia pessoal nos ensina, nos vae ainda ser ensinada pelo caçador da formiga.

Mas primeiramente, para simplificar a narração, vamos dar um nome ao animalzinho. Chamam-no os naturalistas Formiga-Leão, o que quer dizer Leão das Formigas. Expressão feliz, lembrando que o bichinho, a exemplo do Leão, faz carnificina da presa viva, mas carnificina de Formiga. E' bem achado. Continuemos.

Roida pela fome, a Formiga-Leão diz a si mesma: «Pansuda como és, curta de pernas, sem agilidade, jamais apanharás as Formigas em movimento. Mas sabes marchar para traz, está bem; tens uma cabeça achatada como uma pá de terraplenador, o que é excellente; tuas pinças são compridas e agarram com força, o que melhor não se podia desejar. Utilizemos esta propriedade de andar para traz e estes instrumentos, a pá e as tenazes, substituindo pela astucia a agilidade que nos falta, e o jantar virá».

A acção seguiu de perto as palavras. Em um lugar bem secco, coberto de areia fina, visitado pelo sol e abrigado da chuva por alguma rocha, o insidioso animal escolheu um ponto de passagens das Formigas, quando cuidam dos negocios de sua habitação. Gravemente, com o methodo compassado de um engenheiro que traçasse as bases de um edificio sabio, ella marcha para traz com o ventre enterrado na areia, anda á roda e, deste modo, abre um sulco que tem a forma de um circulo perfeito. Depois, sempre recuando e enterrando-se, mais e mais, na areia ella recommença, varias vezes, o circuito, approximando-se aos poucos do centro, onde acaba.

Se alguma cousa embaraçosa, um grande grão de areia, se apresenta, o que estragaria a obra, a Formiga-Leão o põe sobre a cabeça chata e com um vigoroso impulso de pescoço, joga-o longe, por cima dos bordos da cova. Não lograríamos trabalhar melhor com uma pá para tirar os detricos de uma excavação.

Resulta deste trabalho uma especie de funil, com duas pollegadas de largura por um pouco menos de profundidade. De resto, cada Formiga-Leão faz a cova proporcional ao seu tamanho. As mais fortes, as gigantes da familia, fazem-na com proporções taes que nellas cabe uma laranja; as menores, as mais jovens, contentam-se com uma cavidade em que cabe uma noz. Mas, vastos funis ou modestas covinhas; todas estas cavidades

são construidas de accordo com um só principio: a declividade muito accentuada e feita em uma areia extremamente movel, faz com que nada, por mais leve que seja, possa passar por ella sem produzir um desmoronamento, seguido de uma queda.

Acabada a obra, o animal sclerado enterra-se na areia, no fundo do funil. Só as pinças ficam para fóra, promptas a agarrar, mas dissimuladas e mais possivel. A imagem nos mostra a cavidade na areia e as tenazes no fundo. Deste modo, a Formiga-Leão espera em completa immobildade. Espera horas, dias e semanas, se fór preciso, pois a sua paciencia é sem equal. Espera que o alimento venha a ella, já que ella não pôde correr á cata do aimento.

Façamos a seu modo, esperemos bem attentos. Que se vae passar? Eis que uma Formiga trota, despreocupada, levando ás companheiras, que trabalham longe, um pouco de mel, a exemplo da dona de casa que, ao meio dia, leva aos campos o repasto dos trabalhadores. Na sua pressa, ou talvez na sua imprevidencia, ella não viu o precipicio. Caminha no seu bordo, o que não tem importancia. Desde, porém, que a pata se firme no declive perfido, a areia desmorona-se e a pobrezinha é tragada. Um olhar subtilissimo perceberia signaes de uma alegria feroz nas terriveis tenazes do fundo.

Louvado seja Deus! uma imperceptivel palhinha obstou o desmoronamento. A queda terminou no meio do declive e a Formiga, tendo perdido o equilibrio, esforça-se para chegar ao alto. A areia corre sobre seus passos, o que não importa, pois ella age com tanta prudencia, aproveita com tanta habilidade o menor apoio solido, tem tanta precaução no andar em sentido horizontal, em vez de seguir o grande declive, que nos faz pensar no exito da escalada, sem novo desastre. Seus joelhos, seus chifres finos tremem de emoção. Um esforço ainda, um pequeno esforço, e estará salva. A borda está alli, muito perto, e a Formiga vae attingi-la.

Oh! Ella não a attinge. Eis que sobre a degraçada caê do céu, espessa como granizo, uma chuva de grãos de areia que, para ella, tão pequena, é uma verdadeira chuva de pedras. Quem é este barbaro que se diverte em ferir assim a Formiga na sua desgraça, agarrando-se, em desespero, aqui e alli, como pôde, para não cair no fundo do precipicio? O barbaro é elle, o bandido emboscado no fundo do funil. Observae as suas manobras. Põe sobre sua cabeça chata uma carga, uma pesada carga de areia, que elle atira ao ar, para o lado da Formiga, por um brusco movimento do pescoço, tão rapido como o de uma mola. As pásadas, lançadas rapidamente, succedem-se. E chuí! chuí! Queres? Lá vae! Não queres? Vae na mesma.

Que pôde fazer a Formiga, eu vos pergunto, sobre o declive desta armadilha infernal, onde o solo foge sob suas patas, desmoronando-se, e em que tomba do alto uma chuva de pedras? Lucta em vão, com o heroísmo do desespero. Para um passo adiante, dá tres para traz, approximando-se sempre das formidaveis pinças que a esperam no fundo do funil. Ferida, tonta, cahida, ella rola afinal, sobre as pinças. As pinças agarram-na, e tudo desaparece sob a areia. Nada guarda um traço siquer do drama que se passou.

Calmamente, enterrada no esconderijo de areia, a Formiga-Leão devora a sua presa, tão astuciosamente caçada. *Devora* não é o termo. O ardiloso caçador é um comilão que desdenha a carne coriacea e não quer sinão a substancia, mais succulenta e de digestão mais facil. Stuga a Formiga, eis a verdade. Acabado o repasto, sobra uma carcassa secca que é necessario jogar longe, pois, abandonada no funil, poderia aterrorizar uma caça futura e trahir o caçador, no seu covil. Um golpe de pé, isto é, golpe da sua cabeça chata, lança o cadaver fóra da cova.

Depois a Formiga-Leão repara os estragos da sua armadilha, retoca os declives para preparar uma nova queda. Enterra-se como dissemos, as pinças para fóra e espera a passagem de uma outra Formiga. Assim consegue o seu jantar a Formiga-Leão.

E depois, dir-se-á que os animaes não têm espirito!

J. H. FABRE

(Do livro *Le monde merveillex des insectes*).

O ENSINO DA LEITURA

Está na leitura o principio da instrucção methodica. Sem a aquisição deste meio poderoso, ficam desaproveitadas todas as conquistas importantes do passado, que são transmittidas por intermedio do livro.

O problema da educação popular já tem definido o seu objectivo supremo, que não é outro sinão este: ensinar o povo a ler para que elle tire da leitura o maximo proveito social e economico. Não basta ensinar a ler. Isso seria simples instrucção, nada mais do que uma ferramenta, cujo valor depende do seu acertado emprego.

O principio do ensino da leitura reside na professora. Que primeiramente ella indague de si mesma: «Eu, que ensino a ler, cultivo, por minha vez, a leitura e sei tirar partido della? Quantos e que livros tenho lido até agora? Posso comprovar esse meu trabalho pelas notas extrahidas dos mesmos? Qual o liv o que agora estou lendo?».

Si a professora não sabe amar os livros, si não alimenta a sua intelligencia com o estudo, si enriquece o seu corpo e deixa pobrezinho o seu espirito, então, ella poderá ensinar a ler, não ha duvida, mas seu ensino não terá dado ao alumno o amor da leitura.

Tagore, o grande poeta e educador indiano, para o qual «uma palavra é viva como uma flor ou uma borboleta», e «a tabuada está inscripta sobre as petalas das flores e nas nervuras das folhas; sem saber, as mariposas a transportam em suas azas», Tagore assim nos diz: «Não se pode ensinar sinão o que se ama. Vale mais calar, quando não se ama aquillo que se ensina».

LEMBRANDO PRINCIPIOS

1.º - «Em seu evolver para a civiliz ção, a mente avançou do concreto para o abstr. cto, do todo para as partes, do particular para o geral, do proximo para o remoto, do facil para o difficil, do conhecido para o desconhecido».

2.º - «A arte de ensinar é, em grande parte, a arte de construir systemas de associ: ções de idéas no espirito de nossos alumnos. Paul Bernard.

3.º—O melhor meio para comprehender é produzir. Aquillo que, mais ou menos, se aprende por si mesmo, é o que si aprende mais solidamente e o que melhor se conserva. Kant.

4.º—O methodo de leitura ideo-vis al ou global está de accordo com a tendencia da creança, cuja memoria é globalizante, porquanto sua percepção é global. Chama-se ideo-visual porque a imagem graphica está sempre intimamente ligada á scena ou ao objecto; global, porque apresenta o todo. J. Roget.

5.º—«O ensino da leitura ha de ser parallelo ao da escripta nos dois primeiros annos».

6.º O menino aprende a escrever mais facilmente do que a ler, porque o trab lho da escripta faz mover sua mão, e por conseguinte elle agrada mais. G. Compayré.

7.º—A escripta é um exercicio muito facil para os pequenos, porque o sentido muscular é muito desenvolvido durante a infancia. M. Montessori.

8.º—«A escripta vertical apresenta sobre a escripta inclinada algumas vantagens innegaveis: é mais facil, mais legivel, mais semelhante a letra de fôrma, mais hygienica».

9.º—A criança deve ser exercitada a principio em um só caracter de letra tanto na leitura como na escripta. Ser-lhe-á facil em tempo opportuno, no curto espaço de um ou dois dias, passar dos caracteres manuscritos para os impressos. F. Parker.

10.—No ensino o ponto de partida é o essencial, notou Pestalozzi.

Os principios e conceitos precedentes servem para orientar-nos no ensino da leitura, sobretudo em seu inicio.

Por onde ha de principiar o referido ensino? Pela sala de aula com suas partes, com seu mobiliario, com seu material didactico, com seu pessoal. Tudo isso, pôde-se dizer, é concreto, total, particular, proximo, facil e conhecido.

Por que expressões iniciar o ensino da leitura? Pela proposição, mas, não pela proposição plena. O menino começou exprimindo-se por palavras, aliás verdadeiras proposições ellipticas. *Mamã, papae, mamar, andar* e outros termos expressam os primeiros pensamentos da criança. Da linguagem falada é traducção a linguagem escripta. Assim deve ser, pelo menos no principio do ensino da leitura, quando o alumno geralmente nos responde em proposições ellipticas. Como se chama isto, José? *Livro*, responde-nos elle. Você gosta da escola? *Gosto*, tal a resposta. Seja, pois, começado o ensino da leitura, antes da cartilha, por meio de palavras, equivalentes no espirito infantil a proposições.

Dando-se no quadro, para ser lida, a palavra *mesa*, concernente á mesa da professora, ter-se-á dado uma proposição ellipti-

ca, que mentalmente assim se completa: *mesa é nome deste objecto*.

O exercicio seguinte satisfaz alguns dos conceitos, que foram transcriptos. A professora pedirá o nome do objecto, por exemplo, *vidraça*, dará o mesmo nome no quadro para ser lido, depois o escreverá no papel para ser posto na vidraça, fará que a classe o copie a lapis no caderno varias vezes, até que uma das copias sirva para ser tambem collocada na vidraça, indicando o nome desta.

A sala de aula tornar-se-á o primeiro centro de interesse para o ensino da leitura, o que facilitará formar no espirito dos alumnos um systema de associação de idéas.

Outros conceitos mencionados são sem duvida animadores para o ensino da escripta, cuja organização convem ser realizada de intiro accordo com o programma primario.

Os alumnos começarão os exercicios calligraphicos com o tipo de letra manuscrita, quer maiuscula, quer minuscula. Deste modo, a professora poderá apresentar sempre fôrmas correctas não dando ensejo a que uma fôrma errada, como seria, por exemplo, *Brasil* com a inicial minuscula, se fixasse na memoria das crianças. Além disso, o alphabeto *global* não se compõe de letras maiusculas e minusculas? No ensino, antes de tudo, cumpre prevalecer a realidade dos factos.

APLICAÇÕES

1.ª aula

Professora. Hoje é a primeira aula de leitura. Vocês estão nessa sala para aprender a ler e escrever. Por onde entraram aqui? Julio, vá mostrar.

Alumno. Por esta porta.

P. Então, qual é o nome da entrada?

A. Porta.

P. Está direito. Vou escrevê-lo no quadro. Lê-se *porta*.

Venha lê-lo com o apontador, Maria.

A. Porta.

P. A porta da sala de aula abriu-se para dar entrada a Vocês. Entraram todos como amiguinhos da escola, e eu os recebo com muita amizade. Na sua casa, Oscar, ha tambem porta?

A. Ha, sim, Senhora.

P. Quando a sua mamãe vae abrir a porta para receber uma pessoa amiga, fica alegre, não é assim?

A. Fica muito alegre.

P. Pois eu tambem sinto alegria em receber aqui tantos alumnos. Como é mesmo que escrevi no quadro, Julieta?

A. Porta.

P. Agora vou escrever no papel esse nome e collocá-lo na porta. Leia aqui, já collocado, Daniel.

A. Porta.

P. Escreverei o mesmo nome em seus cadernos para copiarei. (Segue-se o exercicio de copia na aula da escripta).

2.^a Aula

P. Já examinei os cadernos. A Luiza vae escrever o nome *porta* em letra maior, e vae pô-lo junto do que alli colloquei. Leiam os dois nomes, um escripto por mim e o outro pela Luiza.

A. Porta, porta.

P. Escreverei no quadro o nome *portal*, que é esta parte onde se acha a porta. Leiam no quadro.

A. Porta, portal.

P. Na aula de escripta copiarão esses dois nomes.

Já escrevi *portal* no papel e vou pregá-lo em seu lugar. Catharina, venha ler no quadro. Eu apontarei.

A. Portal, porta, porta, portal.

P. Experimente, Laura, si escreve no quadro a palavra *porta*. Outras tambem querem escrever? Venham, Esther e Roberto.

A. Já escrevemos.

P. Bem, isto aqui como se chama, Joãozinho?

A. Vidraça.

P. Falou certo. Vou escrever o nome no quadro. Leiam.

A. Vidraça.

P. A vidraça é muito necessaria. Si está chovendo, ella aparta a chuva; si está ventando ella nos defende do vento. Esta parte da vidraça que nome tem, Dulce?

A. Vidro.

P. Escreverei no quadro esta palavra. Ella se parece com a outra, Lecnor?

A. Parece. Vidro, vidraça.

P. Leu direitinho. Quem quer ler todas as palavras na quadro? Venha, Gabriel.

A. Porta, portal, vidraça, vidro.

P. Hilda, venha agora, que eu apontarei para Você ler.

A. Portal, portá, vidro, vidraça.

P. Está certinho. Póde vir ler, Annita.

A. Vidraça, porta, vidro, portal.

P. Collo na vidraça e no vidro estes papeis com os seus nomes. Conservarei todos os nomes escriptos até agora.

3.^a Aula

P. Escolhi nos cadernos o nome escripto pelo Jorge, que elle proprio fixará no portal Edith, venha ler neste e na porta.

A. Porta, porta, portal, portal.

P. Está bem. Leia no quadro, Antonio, que eu apontarei.

A. Porta, portal, vidraça, vidro. Vidraça, portal, vidro, porta. Portal, vidraça, porta, vidro.

P. Isto, que lhes mostro, como se chama?

A. Tinteiro.

P. E que está dentro do tinteiro?

A. Tinta.

P. Escrevo no quadro. Leiam agora.

A. Tinteiro, tinta.

P. Vocês copiarão, na hora da escripta, as palavras *vidraça vidro, tinteiro, tinta*. Quero que notem no quadro quaes as palavras parecidas. Venha, Helena.

A. Porta e portal. Vidraça e vidro. Tinteiro e tinta.

P. Vou escrever mais duas palavras parecidas: *cabello, cabeça*. Leiam todas as palavras parecidas. Você, Manoel.

A. Porta e portal. Vidro e vidraça.

P. Quaes as outras, Albina?

A. Tinta e tinteiro.

P. Não se lembram. *Cabello e cabeça*. Quem quer ler todas? Você, Ernesto.

A. Porta, portal. Vidro, vidraça. Tinta, tinteiro. Cabello, cabeça.

P. Apontarei para tres de Vocês lerem. Esta?

A. Portal.

P. Estas duas?

A. Vidro, tinta.

P. De traz para deante, Margarida?

A. Cabeça, cabello, tinteiro, tinta, vidraça, vidro, portal, porta

4.^a Aula

P. Vi os cadernos. Vou pôr no meu tinteiro as palavras *tinteiro e tinta*. Nesta figura de menina, aqui no quadro, escreverei *cabello e cabeça*. Na aula de escripta hão de copiar *tinteiro, tinta, cabello, cabeça*. Apontarei palavras para. Vocês lerem. Carmen, leia.

A. Porta, vidraça, tinta.

P. Você, Joaquim.

A. Portal, vidro, cabelo.

P. Odette.

A. Tinteiro, cabeça, cabelo.

P. Escreverei juntas, dentro de quadrinhos, as palavras pacidas.

porta portal	vidro vidraça	tinta tinteiro	cabello cabeça
--------------	---------------	----------------	----------------

Venha apontar e ler, Francisco, o quadrinho de *tinta, tinteiro*.

A. Este, *tinta, tinteiro*.

P. Iracema, qual o quadrinho de *cabello, cabeça*?

A. E' este, *cabello, cabeça*.

P. Agora, Marina, aponte e leia os dois que faltam.

A. Este, *porta, portal*, e mais este, *vidro, vidraça*.

P. Onde está a porta? Está aqui. Diga, Antonieta: *a porta está no portal*.

A. A porta está no portal.

P. Vou escrever no quadro: *a porta está no portal*. Leia José.

A. A porta está no portal.

P. Reparem bem no que escrevi. Sebastião, onde está a tinta? Diga: *a tinta está no tinteiro*.

A. A tinta está no tinteiro.

P. Também escrevo no quadro: *A tinta está no tinteiro*.

A. A tinta está no tinteiro.

Leia, Gelycyra.

A. A tinta está no tinteiro.

P. Venha ler os quadrinhos, Marieta, apontando para elles.

A. Porta, portal. Vidro, vidraça. Tinta, tinteiro. Cabello, cabeça.

P. Quem sabe ler o que escrevi por ultimo? Você, Paulo.

A. A porta está no portal. A tinta está no tinteiro.

5.ª Aula

P. Na aula de escripta irão escrever: *A porta está no portal. A tinta está no tinteiro*. Venha ler, Pedrinho, onde eu apontar.

A. A tinta está no tinteiro. A porta está no portal.

P. Onde está o vidro, Theresa? O vidro está...?

A. O vidro está na vidraça.

P. Muito bem. Escrevo para Você ler.

A. O vidro está na vidraça.

P. Onde estará o cabelo? Diga, Carmen.

A. O cabelo está na cabeça

P. Vou escrever e Você lerá.

A. O cabelo está na cabeça.

P. Apresento estes quadros. Como se lê o que aponto, Luiza?

A porta está no portal.	O vidro está na vidraça
A tinta está no tinteiro	O cabelo está na cabeça

A. A tinta está no tinteiro.

P. Este aqui, Roberto.

A. A porta está no portal.

P. E este, Maria?

A. O vidro está na vidraça.

P. Este ultimo, Oscar.

A. O cabelo está na cabeça.

P. Affixarei na porta este papel: *A porta está no portal*. E este outro na vidraça: *O vidro está na vidraça*. Vamos ler novamente. Leiam taes e taes alumnos, que eu apontarei.

6.ª Aula

P. Vocês encontram hoje no quadro negro somente quadrinhos:

porta portal	vidro vidraça	tinta tinteiro	cabello cabeça
A porta está no portal	O vidro está na vidraça		
A tinta está no tinteiro	O cabelo está na cabeça		

(Segue-se a leitura dos quadrinhos por uns e outros alumnos, chamados pela professora, que deve variar o modo de ler, etc.).

P. Na hora de escripta, Vocês irão copiar os quadrinhos a lapis. Não será difficil, pois hei de auxiliá-los. Agora vou descobrir os quadrinhos, que escrevi com gis de côr, para vocês lerem. (Segue-se nova leitura, como já se indicou).

7.ª Aula

P. A parte maior da sala é esta. Chama-se *parede*. Escrevo o nome no quadro. Lê-se *parede*. Venha ler, Dulce.

A. Parede.

P. Prego ahi o seu nome, que escrevi. Agora, qual o nome desta parte da sala? Sim, *janela*. Farei o mesmo, escrevendo-o duas vezes. Vamos ler no quadro. Você, Paulo, conforme eu apontar.

A. Janela, parede.

P. Onde está a janela, Marina? Diga: *A janela está na parede*. Escrevo isto no quadro e leio. Venha ler, Laura.

A. A janela está na parede.

P. Escreverei num quadrinho igual aos outros. Leiam todos.

A janela está na parede

A. A janela está na parede.

P. Farei mais um quadro para lerem e depois copiarão os dois.

A vidraça está na janela

(Segue-se a leitura de todos os quadrinhos).

8.ª Aula

P. Temos lido e escripto muito, mas ainda não escrevemos o nome *sala de aula*. Vou escrevê-lo no alto do quadro, bem no meio, para vocês não o esquecerem.

Venha lê-lo, Daniel.

A. Sala de aula.

P. Irão copá-lo nos cadernos, conforme o costume. Agora, Helena, pague aqui este papel com o nome *mesa* e depois leia.

A. Mesa.

P. Colloque aqui, Leonor, este outro com o nome *carteira*, e leia.

A. Carteira.

P. Na minha cadeira este, Antonio, para você ler.

A. Cadeira.

P. Vou escrever no quadro *A sala de aula tem mesa, cadeira e carteira*. (Seguem-se exercicios de leitura no quadro, conforme a ordem, que a professora julgar mais conveniente).

9ª Aula

Exercicios de leitura no quadro, que apresentará estes escriptos:

porta portal	SALA DE AULA
vidro vidraça	
tinta tinteiro	
cabello cabeça	
A porta está no portal.	
A tinta está no tinteiro.	
O vidro está na vidraça.	
O cabelo está na cabeça.	
A janela está na parede.	
A vidraça está na janela.	

10.ª Aula

Exercicio de leitura no quadro negro e nas inscripções dos objectos da aula.

Observações

Não é necessario que eu apresente maior numero de lições. Nesses primeiros centros de interesse para o ensino de leitura, representado na sala de aula, o mais importante foi ter applicado o processo directo da intuição, satisfazendo ao mesmo tempo a curiosidade das crianças para conhecer o novo meio social, em que vão viver. E' claro que a sala de aula pode fornecer muito maior quantidade de assumpto, mas, não convem demora demasiada em um só ponto. Será melhor passar a novo centro igualmente relacionado com a vida dos alumnos, e introduzir o processo indirecto da intuição, baseado em desenhos feitos pela professora ou em gravuras coloridas. Não quero com isso dizer que se abandone o processo intuitivo directo, sem duvida, o melhor de todos, porém muitas vezes impraticavel.

Nas condições actuaes do ensino, julgo ser ainda impraticavel o uso da cartilha depois da phase preparatoria da leitura.

ra. Entre as melhores cartilhas, que conheço, colloco a do sr. Mariano de Oliveira. Sem querer referir-me a outros pontos da mesma, seja-me permitido fazer a seguinte observação:

Para mim o ensino da leitura, nos dois primeiros annos, deve ser principalmente mecanico. Assim me manifestando, não prescindindo, está claro, do sentido das expressões. O trabalho dos alumnos consistirá em ler a linguagem escripta, cujo sentido já conhecem bastante pela linguagem oral correspondente.

A primeira é desconhecida da classe. Faz-se necessaria sua apresentação por intermedio da segunda, que é conhecida. Si aos alumnos dissermos, por exemplo, *leira*, elles nada comprehenderão. Como, pois havemos de querer que esse desconhecido *leira* lhes apresente a sua forma graphica? E' a antiga historia daquelle desconhecido, que apresentou uma pessoa e lhe perguntaram: «O sr. por quem é apresentado?»

A linguagem falada ha de ser conhecida dos pequenos a fim de que elles, vendo a tradução da mesma na linguagem escripta, possam concentrar nesta toda a sua attenção, despertada por aquella, que lhes mostra sua nova forma. De outro modo, duplicar-se-á inutilmente o trabalho dos alumnos.

Da parte da professora, supponhamos, si ella consegue, na melhor hypothese, tornar inteiramente conhecida da classe a significação de *leira*, terá desperdiçado com essa explicação tempo pertencente á leitura, e haverá ensinado um termo inutil para o vocabulario das crianças.

Na mencionada cartilha bem poderiam ser substituidos por outras de uso infantil certas palavras alli empregadas, como *corcel, maca, peloiro, mordaca, chacal, viga, roca, sége, saguim, damasco, gamo, doca, docel, dominó, dorna, ló'o, lagôsta, lhama, vertido, a. fa, jeno, erna, guedelha, iman, leme, cavaca, etc.*

CARTILHA IDEAL

A cartilha ideal seria aquella que, adstringindo-se aos principios e conceitos já apresentados, fosse composta pela professora de collaboração com a classe, para poder adaptar-se melhor á mentalidade desta, ao meio escolar e aos interesses do momento.

Em taes circumstancias, a collaboração entre professora e alumnos desdobrar-se-ia com maior efficiencia dentro do ensino da leitura, combinado este, não somente com a escripta, sinão tambem com o desenho, a modelagem e a lingua patria. No primeiro anno, pelo menos, essas disciplinas se associariam para iniciar a classe na aprendizagem da leitura.

Observando, falando, escrevendo, lendo, desenhando e modelando, a classe estaria imprimindo a seu trabalho a plenitude do methodo intuitivo, e mais que de leitura, a aula seria de expressão total do pensamento.

Os alumnos se exercitariam nas referidas disciplinas, visando ao mesmo objectivo, assim unificado e por conseguinte fortalecido, e a professora, orientando e activando o trabalho pessoal dos pequenos, manteria vivo o interesse delles e os faria produzir mais e melhor.

A aula de leitura, ou de expressão, que assim se pôde denominar, não seria interrompida até que findasse o trabalho proposto, sem prejuizo, está claro, do costumado descanso interdiário. O seguinte exemplo esclarecerá meu pensamento:

AULA DE EXPRESSÃO

(Abrangendo elocução, escripta, desenho, modelagem e leitura).

Professora. Aviso aos alumnos que o Daniel vae entrar na sala de aula. Vocês todos devem reparar nelle e no que se passar nesta hora, para depois me contarem. Prestem attenção.

A. Sim, Senhora.

P. Daniel, dê-me sua mãozinha, Você como vae?

A. Eu vou bem, e a Senhora?

P. Muito bem. Diga-me que é o que você acaba de fazer.

A. Eu entrei na sala de aula.

P. Para que veio aqui?

A. Vim para aprender.

P. Onde está morando agora?

A. Eu moro na rua do Ouro.

P. Você já viu ouro, Daniel?

A. Já vi no anel da Senhora.

P. Cecilia, como foi que eu recebi o Daniel?

A. A senhora o cumprimentou e elle respondeu.

P. De que modo elle respondeu, Geraldo?

A. Eu vou bem e a Senhora?

P. Depois perguntei-lhe o que tinha feito, e como elle me respondeu, Laura?

- A. Elle deu esta resposta: «Eu entrei na sala de aula».
- P. Em seguida que foi o que eu disse a elle, Augusto?
- A. Para que você veio aqui?
- P. Elle respondeu de que maneira, Marcia?
- A. Assim: Eu vim para apreuder.
- P. Perguntei-lhe mais onde estava morando, e qual foi a resposta, Therezinha?
- A. Eu moro na rua do Ouro.
- P. E depois, quem sabe? Você, Arthur.
- A. A Senhora perguntou si elle já viu ouro, e elle disse que viu ouro no seu anel.
- P. E você, Arthur, onde já viu ouro?
- A. Eu vi ouro no relógio do Papae.
- P. Agora vou escrever no quadro: *Daniel entrou na sala de aula*. Venha ler, Djanira.
- A. Daniel entrou na sala de aula.
- P. Leiam vocês todos.
- A. (Lê).
- P. Abram os cadernos para copiar a sentença uma ou mais vezes. Teem dez minutos para isso.—Vcu ver como escreveram. Leia seu caderno, Leonor.
- A. (Lê).
- P. Venha escrever com gis no quadro, Marina.
- A. Já escrevi.
- P. Leia o que ella escreveu, Olga.
- A. Daniel entrou na sala de aula.
- P. Agora, desenharei no quadro a figura do Daniel. Você, Pedrinho, venha escrever debaixo de meu desenho o nome Daniel.
- A. Está escripto.
- P. Vocês vão desenhar nos cadernos a figura do Daniel. Teem para isso quinze minutos.—Está terminada a hora. Deixe-me ver seu caderno, Chiquinho.
- A. Ficou muito feio.
- P. Não faz mal. Vou ver também os outros desenhos.
- Assim é que se começa. Depois irão melhorando. Cada um de vocês vae fazer em cera a figura do Daniel. Eu também farei. Teem quinze minutos para isso.—Mostre-me seu trabalho, Josephina.
- A. Cá está o Daniel.
- P. Passo a ver os outros trabalhos. Você também desenhou, Daniel?

- A. Eu desenhei a figura do Saturnino.
- P. Bem, vão ler mais vezes no quadro.

— Finaliza-se a aula com exercicios de leitura, constantes das seguintes sentenças, conforme a orientação da professora:

Daniel entrou na sala de aula.

Entrou Daniel na sala.

Eu entrei na sala de aula.

Entrou na sala Daniel.

Elle entrou na sala de aula.

Na aula Daniel entrou.

Nós entramos na sala de aula.

Na sala entrou Daniel.

Elles entraram na aula.

Daniel na sala de aula entrou.

FIRMINO COSTA

Director tecnico do Curso de Applicaçào

Regra — De um lado do pateo collocam-se os alumnos em columnas, com as bolas em frente aos primeiros de cada partido.

EDUCAÇÃO PHYSICA

Jogos gymnasticos

Quanto mais intensa se torna a vida intellectual de um povo, tanto mais necessario será augmentar-lhe a força de resistencia.

—Como estabelecer o equilibrio entre o corpo e o espirito ?

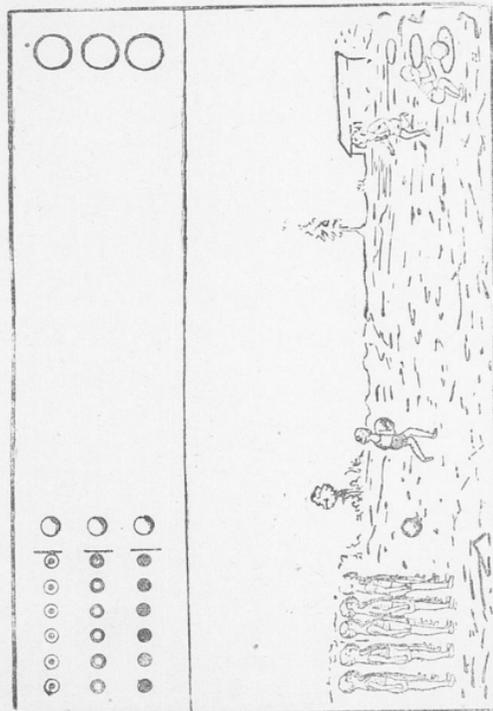
—Um povo prospéra quando sabe assegurar a sua saúde intellectual e physica. Nossas escolas, que empregam todos os esforços para o desenvolvimento intellectual do alumno, não deverão descuidar-se do seu desenvolvimento physico. A hygiene e a educação physica devem estar intimamente ligadas, dando em resultado — uma, a saúde e outra, a resistencia organica.

O jogo gymnastico é a mais natural fórma de exercicio; concorda os movimentos simples ás attitudes naturaes, de mais facil execução, na pratica, pelos exercitandos. Não ha nos jogos movimentos novos: ha apenas o aperfeiçoamento de movimentos que já lhes eram familiares.

As crianças que se dedicarem aos jogos escolares terão superioridade, quer physica, quer moral, sobre os companheiros, que tenham despresado esta actividade. Seu valor como exercicio é incontestavel. Os jogos contribuem para a educação da vontade, da vista, da memoria, destróem o sentimento tão natural do medo ante o perigo, além de suggerir ao espirito: decisão, energia, observação, dominio sobre si mesmo, alegria, cordialidade, entusiasmo, honestidade, sentimento de honra e de justiça.

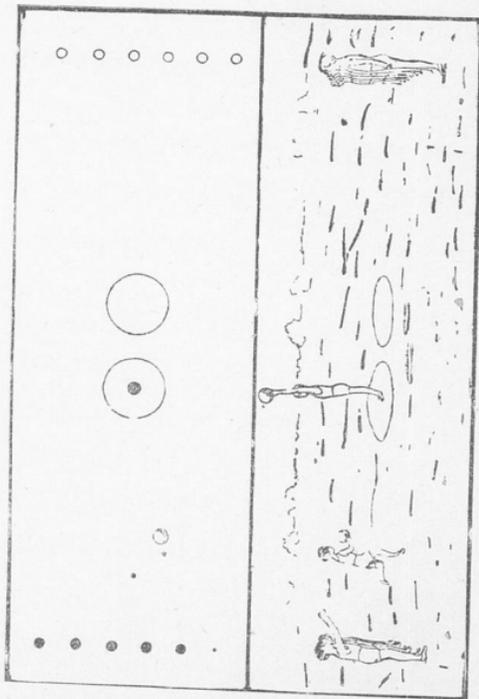
Nos jogos gymnasticos, a criança vê, não uma disciplina escolar, porém uma derivação de prazer, dentro de suas obrigações diurnas, de valor extraordinario, como exercicio physico.

- Material — Tantas bolas n. 3, quantas forem as turmas que porfiarem.



Dado o signal, os primeiros alumnos de cada partido empunham, cada um de per si, a respectiva bola; correm, ba em com a mesma em determinado circulo e, de volta, entregam-nas aos segundos.

Estes executarão o mesmo que os primeiros. E assim se continuará.



O partido que, em primeiro lugar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores, marcará 1 ponto. A partida pôde ser

disputada em tantos pontos, quantos os que o professor julgar convenientes.

Material — Duas bolas n. 3.

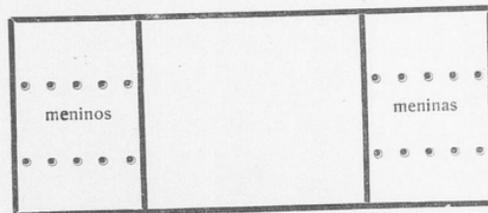
Regra — Os alumnos, divididos em dois partidos, collocam-se no pateo, em fileiras, na disposição do graphico. As bolas serão collocadas no centro de cada um dos circulos, traçados conforme o desenho abaixo.

Dado o signal, os primeiros alumnos de cada partido correm, apanham a bola, arremessam-na aos segundos; estes executarão o mesmo que os primeiros, arremessando a bola aos terceiros.

E assim se continuará. O partido que, em primeiro lugar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores, marcará 1 ponto.

A partida pôde ser disputada em tantos pontos, quantos os que o professor julgar convenientes.

Uma vez arremessada a bola, o alumno deve sahir do circulo e voltar a seu lugar, sem prejudicar a carreira do companheiro.



Material — Um lenço para cada partido.

Regra — Dividem-se os alumnos em 2 ou mais partidos.

De um lado do pateo collocam-se as meninas de cada equipe, em columnas; do lado opposto, tambem em columnas, formam-se os meninos, em frente ás do seu grupo.

Terá á mão um lenço, a 1.ª menina de cada partido. Dado o signal, esta corre e, no lado opposto ao seu, amarra os 2 pés do seu companheiro de partido; este, immediatamente, atravessa o pateo aos pulos, em direcção á 2.ª menina; esta desamarrar-lhe o

lenço, correndo a amarrar os pés do 2.º companheiro, este faz o mesmo que o 1.º e, assim, successivamente, até correr o ultimo menino.

Sahirá vencedor o grupo que, em 1.º lugar, terminar a corrida de todos os jogadores.

GUIOMAR MEIRELLES

Professora de Educação Physica do Grupo
Escolar «Barão do Rio Branco»

CADERNO DE PREPARO DAS LIÇÕES

O que se contém no § 4.º do artigo 437 do vigente Regulamento do Ensino Primario do Estado de Minas Geraes é certamente das innovações regulamentares uma das menos comprehendidas e quiçá das mais cordialmente detestadas pelo nosso professorado.

Nelle se encontra a exigencia de manter um caderno para o preparo antecipado das lições.

Esse caderno estará sempre á disposição do director do grupo e do assistente tecnico, afim de ser detidamente examinado.

Esse aspecto, essa finalidade exclusiva de fiscalização toma, aos olhos de crecido numero de professoras, uma feição tão avultada, que se desfiguram os objectivos outros d'esse caderno, que são de facto os primordiais para nossos trabalhos educativos.

Do estudo da essencia da Escola Activa resalta directamente a razão de ser da exigencia. Na Escola Activa o docente molda a sua lição por um centro de interesse accessivel ao espirito da criança e a elle limitado. Nada mais razoavel do que fugir por isso ao perigo do improviso que levaria o professor a dosar o interesse do centro pelas proprias preferencias, em detrimento da orientação pedagogica chamada Activa.

A Escola Activa possui sua caracteristica do ponto de vista da criança.

Pela escola pedagogica, hoje em declinio, a criança aprendia o que o professor ensinava. A aquisição pedagogica era directamente dosada pelo espirito do professor.

Pela Escola Activa, o cerebro infantil absorve os seus conhecimentos do proprio meio. A aprendizagem, dada o caracter inextinguivel da natureza, é dosada antes pela intelligencia infantil.

Se quizermos, uma comparação. O espirito infantil vive como a planta. O ambiente, o material didactico (que pode e deve ser a propria natureza) é o terreno; o cerebro da criança, raiz que d'elle escolhe e assimila o alimento intellectual.

A professora, essa age precisamente como age a agua para a planta. Nenhuma planta se alimenta só de agua. Em compensação nenhuma vive totalmente sem agua.

A professora é essencial ao discipulo ao mesmo titulo que a agua á planta para assimilar o alimento que, solido ou insolúvel, ficará inaproveitado mesmo se em contacto com a raiz da planta.

Dizei me agora: se o proprio docente não conhece com perfeição o material com que vae fazer a sua lição, como ha de manipulá-lo sem forçar a imaginação da criança?

Duas consequencias são forçadas na lição não preparada, notadamente do professor joven ou inexperiente no manejo do methodo. Se o centro de interesse lhe é profundamente familiar e elle o conhece profundamente, então elle o explora com tal minucia que prejudica a attenção da criança, incapaz de acompanhá-lo até a altura onde se guinda.

Dahi para a criança a sequencia terrivel: incompreensão,—desattenção; cansaço; indisciplina ou tédio; horror á aula e ao estudo.

Mais commum será no entanto que o professor se deixe colher de surpresa, sem conhecimento bastante.

As perguntas das crianças, acaso orientadas em um sentido inesperado, desorientam-no e lá se vae a lição.

São tantas as aneddotas que se contam das aperturas de tal contingencia. Occupe-se o docente de um objecto de uso e terá de responder a perguntas variadas.

Supponhamos um centro complexo: a vacca. O filho de um leiteiro quererá saber porque e como a vacca *esconde* o leite; outro porque o queijo *curado* dá mais bicho do que o fresco.

O menino do sapateiro perguntará porque encolhe o couro mal cortido... Emfim a professora ha de estar bem senhora do assumpto para não ter de se calar ás perguntas que, na maior parte das vezes, revelam o tino altamente observador da criança.

De outra parte, na Escola Activa faz-se mister dirigir-se por igual ás principaes facultades da criança. D'ahi a necessidade de um eschema feito com calma. Primeiro—fazer *observar*—Depois, *fazer associar* o observado ao congenere ou ao heterogeneo. Finalmente *fazer exteriorizar* o que aprendeu. O caderno de preparo de lições terá assim um escopo duplo e duplamente util. Indicar ao docente os varios aspectos do ponto que hão de ser feridos, e consoante o conhecimento que tem elle dos seus alumnos.

O caderno de cada professora será fatalmente diverso do das demais. O caderno de uma mesma professora, emora tratando de um mesmo ponto, variará o summario quando ella muide por exemplo de uma classe de indice A para outra de indi-

ce B e vice-versa. Aqui em B. Horizonte um centro de interesse preparado para o Grupo Affonso Penna não pôde razoavelmente ser aproveitado *tal-qual* no grupo Henrique Diniz ou no Bernardo Monteiro. O que interessa vivamente as crianças de um, deixa indifferentes as de outro estabelecimento.

Permite ainda o caderno que a directora previamente guie e oriente a professora, indicando-lhe e propondo modificações e accrescimos, suggerindo aspectos novos, melhorando o aparelhamento adequado.

Ao assistente tecnico, permitirá visar o escopo maximo de suas attribuições: homogeneizar a directriz do ensino

De um conjunto de summarios deprehende facilmente o assistente quaes os livros cuja leitura indicará á professora.

Quaes os aparelhos ou objectos de que mais carece o Grupo. Quaes os conselhos que encaminhará á Directoria dos que lhe suggiram as professoras.

O caderno de preparo tem no entanto uma terceira vantagem: não ha professor, por muito diligente, que não tenha seu dia de mão estar, de cansaço, de indisposição.

Os centros escriptos previamente e cuidadosamente collocados o soccorrerão com um *stock* de lições por elle proprio preparadas. Ahi está um aspecto que a alguns terá escapado...

Para conseguir-se isto, as lições preparadas conterão um summario minucioso, referente a cada operação intellectual: observação, associação, exteriorização.

A proposito, enfileirem-se factos que se aprendam pouco a pouco. E' inutil tentar fazer *literatura* ou *estylô* em taes preparos, o que ha a fazer é *sciencia*.

Em outras palavras, que o caderno deve conter é a ennumeração dos factos que hão de ser ensinados ás crianças; a lista do objectos que se levarão para a lição; a indicação do aparelhamento necessario.

A professora caprichosa organizará um indice que lhe permita procurar depressa qualquer assumpto já preparado. Cada vez que realize a lição, é aconselhavel que anote á margem ou em seguimento quanto tenha observado e conseguido com a lição professada. Incluirá suggestões para modificação d'este ou d'aquelle aspecto. Poderá tomar nota de qualquer facto saliente que se refira a um alumno mais arguto ou a um retardado. Com o tempo um caderno caprichado será um pequeno manual de pedagogia, quiçá aproveitavel para os efeitos da letra *h* do art. 477, ou mesmo para disputa do premio intelligentemente estipulado no art. 480 do Regulamento.

E' isto que havemos de visar, quantos trabalhos temos na fascinante causa do Ensino: contribuir para a bibliotheca brasileira de ensino primario, pauperrima até agora.

Plano para uma lição de «Noções de Coisas». — 1.º Anno.
— Centro de interesse: a cenoura.

Material necessário { cenouras; — possivelmente outras raízes alimenticias; faca ou canivete;
papel e lapis; sementes de cenoura

OBSERVAÇÃO	1.º aspecto externo partes da planta—(ramo e raiz)	Lingua patria	Ideia de grandeza e numeração.	Escrita para
Exercícios sensoriais. Apreensão possível atráves da visão, do tacto e do gráo de percepção.	côr	rosada		Uma phrase em que se empregue a palavra «cenoura» ou a palavra comestivel
	forma	conica	Pequenos calculos de sommar e subtrahir.	
	superficie	rugosa		
	pellos	finos raros		
	raiz—	curtos		
	dimensões	dura		
	consistencia		medir	
	peso	agradavel	pesar	
	sabôr	agradavel		
	cheiro			

2. Aspecto interno — cortar longitudinalmente.
» transversalmente.

ASSOCIAÇÃO.

Comparação de olhos vedados com outra raiz; nabo, por ex.

» não vedados »

Raizes que se parecem com a cenoura.

» não se »

Utilidade para a criança—comestivel.

Outras raízes comestíveis: nabo, beterraba, batata doce, mandioca, inhame, mangelrôt, rabanete.

EXPRESSÃO — (graphica — desenho á vista da raiz.
» retirado o modelo.
» modelagem.

Actividade—semear sementes de cenoura.

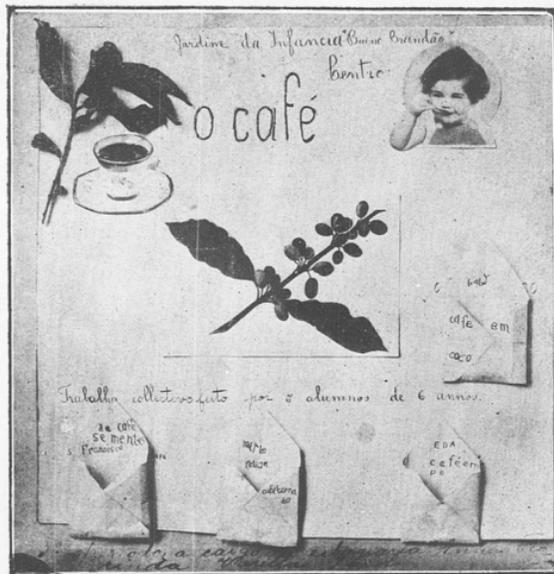
Anotações após a aula:

As crianças não perceberam *sosinhas* a forma da cenoura, como o fizeram para a côr.

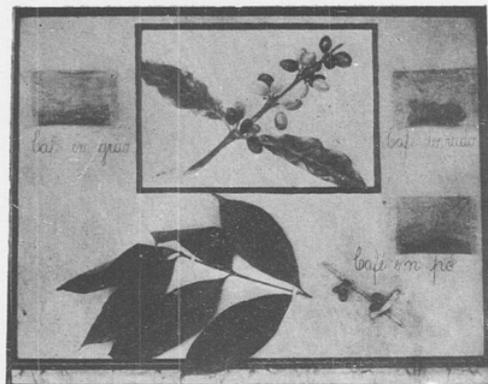
Faltou-lhes o adjectivo *rugoso*—disseram «cheia de rachadinhos».

Algumas tiveram difficuldade em pronunciar *beterraba* e *comestivel*, etc, etc.

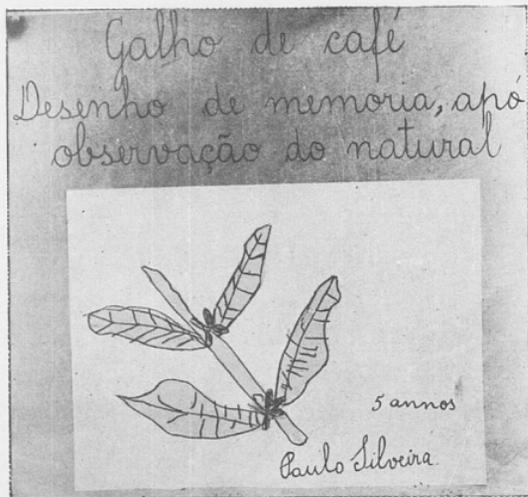
MARIA LUISA DE ALMEIDA CUNHA
Assistente tecnica do ensino



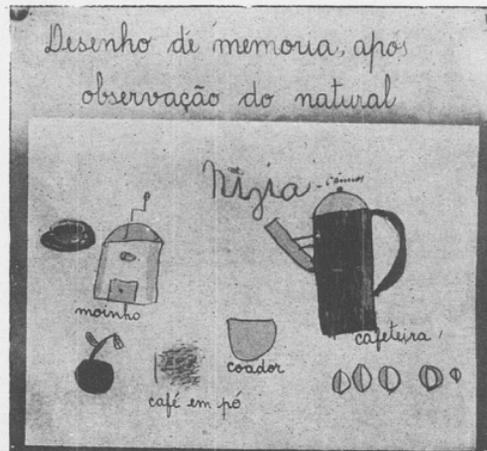
Jardim da Infancia "Bueno Brandão" — Centro: O café. — Trabalho collectivo por 7 alumnos de 6 annos. — 3.º periodo, a cargo da estagiaria Anna Florinda Varela Jacob.



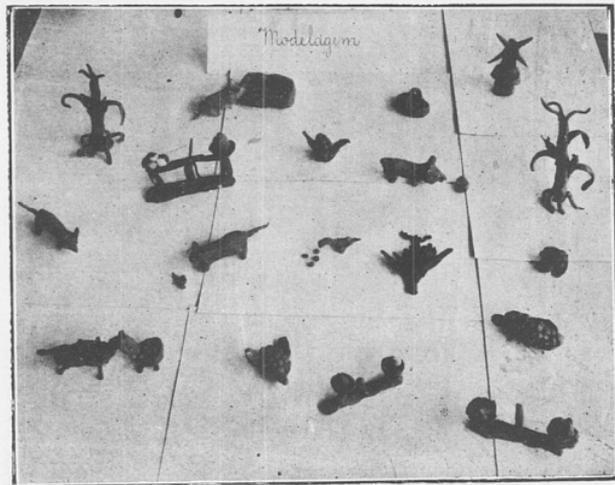
Centro de interesse: O café. Trabalho colectivo, realizado por cinco crianças de 5 anos.



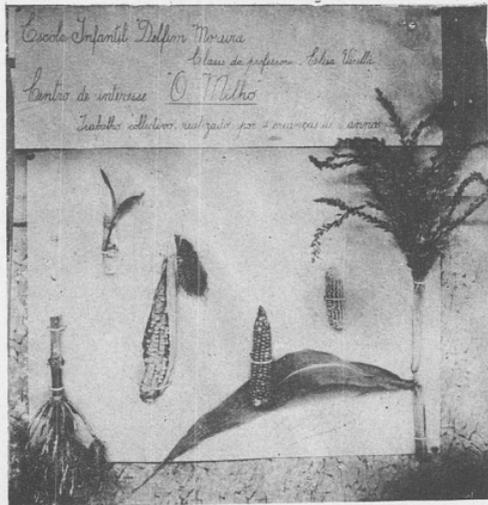
Galho de café — Desenho de memória, após observação do natural.
Paulo Silveira, 5 anos.



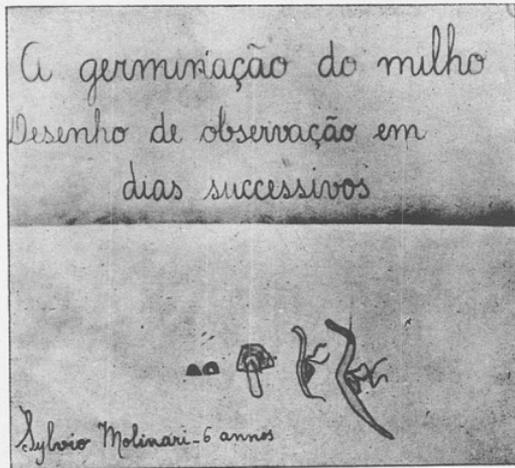
Desenho de memória, após observação do natural. — Nizia, 6 anos.



Modelagem

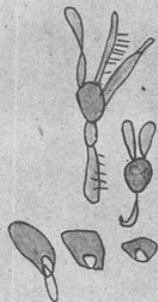


Escola Infantil "Delfim Moreira" — Classe da prof. Elisa Varela. — Centro de interesse: O milho. — Trabalho colectivo, realizado por 4 crianças de 6 anos.



A germinação do milho. — Desenho de observação em dias sucessivos.
Sylvio Molinari, 6 anos.

A germinação do milho
Desenho de observação em
dias sucessivos

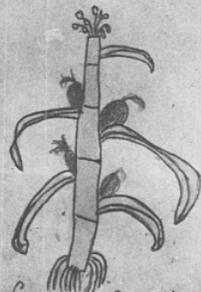


Clovis Lagoeiro - 4 anos

A germinação do milho — Desenho de observação em dias sucessivos.
Clovis Lagoeiro, 4 anos.

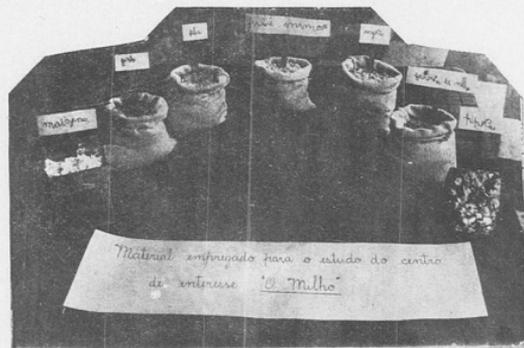
Pé de milho

Desenho de memória, após
observação do natural

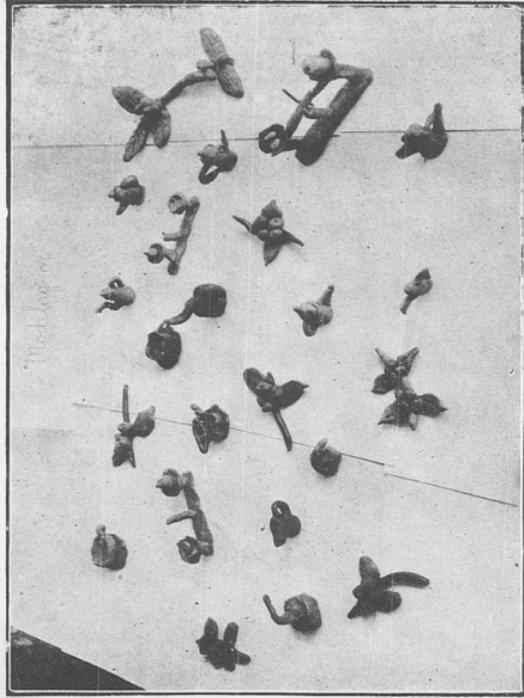


Julia Gordiano - 6 anos

Pé de milho - Desenho de memória, após observação do natural.
Julia Gordiano, 6 anos.



Material empregado para o estudo do centro de interesse: O milho.



Modellagen

PRIMEIROS FRUCTOS

Terminamos o primeiro anno lectivo em que vigorou a reforma Francisco Campos.

Seria interessante e proveitoso que cada director de grupo apresentasse uma synthese dos trabalhos realizados á luz da nova directriz. Saberíamos assim verificar os principaes obices á execução dos programmas, auscultaríamos as possibilidades de estender ou restringir estes ou aquelles assumptos, observaríamos si o espirito novo de actividade já se infiltrou, e até onde, na grande massa dedicada do professorado.

Aos que sonhamos, talvez utopicamente, com a "escola viva", haurindo do proprio meio os materiaes necessarios ao ensino, elaborando as intelligencias na observação e na espontaneidade ao envez de petrificá-las num ensino passivo... aos que sonhamos assim, já é animadora, douradamente promissora a mêsse de documentos colhidos relativos aos processos decrolyanos. Uma simples analyse das photographias que reproduzimos e que são das Escolas Infantis da nossa Capital, revelam que é possível, que é exequível o methodo em nosso meio — com material nosso e na grande maioria fornecido pela criança.

As photographias revelam que nossas professoras já se têm convencido do valor educativo do desenho; e, carinhosas, têm colleccionado essa documentação em archivo precioso para "nossos" trabalhos de psychologia infantil. E' tão necessario elaborarmos os "nossos" "testes" para as "nossas" crianças! Constituirão elementos de tal ordem uma contribuição de inestimavel valor.

O observador que se queira dar ao trabalho, verificará que as modelagens tem a linha "canhestra" da inhabilidade infantil (porque não foram feitas para efeitos de exposição pelas mãos mais habéis de suas professoras) mas que revelam a observação e a capacidade realizadora das crianças.

Os quadros collectivos denotam que o trabalho em comum já vae prendendo, aconchegando os elementos da classe.

Emfim sentimos ao manusear esses documentos que o espirito da escola activa já se infiltra em nossos estabelecimentos de ensino.

Que elle se desenvolva, que cresça, que se fortaleça "vitaminizando" as nossas queridas casas de educação para que, de facto, possamos assegurar que Minas pharoleja a instrução brasileira!

MARIA LUISA DE ALMEIDA CUNHA

PROBLEMAS DE CALCULO

A DEZENA

Exercício: — Contar 9 páuzinhos.

Mandar formar o numero 10, ajuntando um páuzinho. 10 páuzinhos são 9 páuzinhos e um pauzinho.

Exercícios complementares: — Mostrar uma moeda de 10 tostões, uma nota de 10\$000 rs., um comprimento de 10 metros. Os tostões, os mil reis, os metros são objectos que se grupam muitas vezes aos 10. Diz-se então que ha uma *dezena* de tostões etc. Da mesma forma se dirá que ha uma dezena de alumnos, uma dezena de linhas etc.

Mandar formar dezenas, sobretudo uma dezena de páuzinhos, collares de bolinhas, etc., que serão preciosamente guardados para as futuras lições.

Escrever o numero 10:—Procurar a pagina do livro que vem depois da 9.ª; examinar attentamente o numero que é escripto em cima. E' formado de 2 algarismos: um 1 e outro signal, que se chama zero.

Imitemo-lo. Escrevamos muitas vezes e em seguida o numero 10, tomando a precaução de pôr um pontinho depois de cada zero. Porque?

Notemos que a *dezena* de que falámos (ha *uma*) é indicada no numero escripto. E' o algarismo 1 que está á esquerda do zero.



Nada

Quando colloco uma dezena de páuzinhos em cima desta mesa, fica ainda algum páuzinho ao lado? Não.

Não ha nada ou zero páuzinho.—Escreverei, pois, uma dezena e um zero.

Representar uma dezena de objectos: — Insistir principalmente sobre as representações seguintes (o barbante amarra o



maço de 10 páuzinhos, que nos servirá constantemente nas futuras lições).

Desenhar: $00000000+0=0000000000$.

Escrever: $9+1=10$.

$10-1=9$.

Decomposição do numero 10: — Servir-se quer de objectos, quer do contador de bolinhas (quando o ha), quer de 10 bolinhas furadas atravessadas por um cordel estendido, quer ainda de dominós etc.

Mandar formar 2, depois 3, 4, 5 grupos, insistindo entretanto sobre a decomposição em dois grupos. Mostrar assim, principalmente, que:

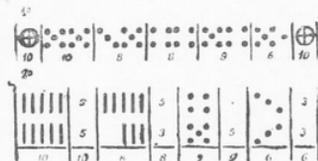
10 bolas=7 bolas+3 bolas.
=3 bolas+7 bolas.

10 nózes—7 nózes=3 nózes.

Mostrar igualmente que: 10 páuzinhos=5 p.+5 p.=2 vezes 5 páuzinhos. 10 é o dobro de 5. 5 é a metade de 10.

Mandar procurar ao mesmo tempo o dobro de 2, 3, 4; a metade de 6, 8, 2, 4.

Exercícios de applicação:



$$\begin{array}{r|l|l|l|l|l}
 3.^\circ & & & & & \\
 \hline
 + 2 & + 3 & + 2 & + 4 & - 10 & - 10 \\
 \hline
 + 6 & + 4 & + 1 & + 3 & - 1 & - 3
 \end{array}$$

$$\begin{array}{l}
 4.^\circ \\
 2 + 6 = \dots \quad | \quad 10 - 1 = \dots \quad | \quad 5 + 3 + 2 = \dots \\
 3 + 4 = \dots \quad | \quad 10 - 3 = \dots \quad | \quad 4 + 2 + 1 = \dots
 \end{array}$$

5.º) Julio tem 6 bolas; ganha 4 Quantas bolas tem agora?
R.: 10 bolas.

6.º) Paulo recebeu uma linda prata de dez tostões; comprou um lapis de 700 rs.. Quanto lhe ficou?
R. 3 tostões.

Jogo.— O vispora — Os alumnos desenharam o cartão. A professora escreve os numeros (em qualquer ordem para obrigar a procurar os numeros idênticos em todas as lousas).

3	7	8	1
10	2	8	6

Um menino toma ao acaso uma pedra, lê o numero inscripto. Seus collegas procuram e riscam esse numero, si elle figurar na sua lousa. O ganhador é o primeiro que tiver todos os numeros riscados.

CALCULO MENTAL

(Contar de 2 em 2, de 3 em 3, de 4 em 4)

Exercicios variados: — 1.º) Contar na ordem crescente; depois, na decrescente.

Exemplos:

De 2 em 2; de 1 a 13; de 4 a 20; de 41 a 63; depois, de 18 a 4; de 49 a 31.

De 3 em 3; de 1 a 16; de 2 a 17; de 3 a 18; de 21 a 36.

Depois, de 26 a 11, de 47 a 32, de 76 a 46.

De 4 em 4; de 1 a 17; de 2 a 22; de 5 a 19; de 4 a 20.

2.º) Contar de 2 em 2, de 3 em 3, as linhas de uma pagina de livro.

O alumno que achar primeiro a resposta exacta é recompensado.

3.º) O mesmo exercicio com os quadradinhos formados pelas linhas do caderno.

DE 1.000 A 10.000

(Arithmetica)

Observar para esse estudo o methodo seguinte:

1.º—Formação, escripta e leitura dos numeros 2.000, 3.000 10.000.

Comparar:

- 1.000, 2.000... millímetros.
 1.000, 2.000... 10.000 réis (notas postas lado a lado).
 1.000, 2.000... phosphoros, etc.
 2.º—Formação, escripta e leitura dos numeros de 1.000 a 2.000; depois, de 2.000 a 3.000, de 3.000 a 10.000.

EXEMPLO: «Numeros» de 1.000 a 2.000:

Tenho 1.000 pennas. Ajunto as pennas uma a uma.

Tenho assim: 1 000 e 1, 1.000 e 2... pennas..., 1 000 e 10 pennas, e digo, suprimindo «e»: mil um, mil dous, etc.

Mostrar ao mesmo tempo como se escrevem estes numeros:

	m	c	d	u
1.000	1	0	0	0
1.000 e 1	1	0	0	1
1.000 e 10	1	0	1	0

insistir sobre a escripta dos numeros 1010, 1920... 1100, 1200...

Leitura: 1.º) com o quadro negro;

2.º) sem o quadro negro, obrigando a pôr um ponto depois dos milhares.

Exercícios oraes.—1.º Contar de 2 em 2, de 1.000 a 1030; de 1189 a 1219; de 1969 a 1999.

2.º) Contar de 3 em 3.

3.º) Lêr os numeros: 1345; 1890; 2045; 3.060; 4205; 4009.

4.º) Dizer, em cada um desses numeros, qual é o algarismo que representa as unidades, as dezenas, as centenas, os milhares.

Exercícios escriptos.

1.º) Escrever os numeros 1042, 1060, 1006, 1600, 2083... etc.

2.º) Escrever os numeros compostos de 1 milhar, 3 centenas, 2 dezenas, 7 unidades; 1 m., 4 d., 5 u... Um kilometro, 3 hectometros, 6 decametros, 9 metros; 6 kilometros, 2 hectometros; 5 kilometros, 4 decametros, 2 metros; 9 kilometros, 8 metros; 10 kilometros.

DIFFERENÇAS

(Problemas)

Insistir-se-á, particularmente, sobre os problemas que tenham por fim procurar um *lucro*, para bem inculir essa noção ainda nova.

Quando se vai á casa do vendeiro comprar um kilo de açúcar, paga-se esse açúcar a 3\$000.

Teria o vendeiro pago esse preço? Não. Porque? E' preciso que elle viva e sustente a sua familia. Teria elle pago mais de 3\$000? Não. Quanto, mais ou menos? 3\$000 é o preço da venda e 2\$400 é o preço da compra. Quanto ganhará elle? 600 rs. E' o lucro.

Chegar a esta conclusão: que o lucro é igual ao preço da venda diminuido do preço da compra, contanto que o açúcar seja vendido mais caro do que foi comprado. Si assim não fóra, haveria prejuizo. Mas não insistir demais, por enquanto, sobre a idéa do prejuizo, para que a primeira (a idéa que se quer dar) não corra o risco de obscurecer-se.

Tomar exemplos concretos: compra e venda de um livro, de um boné, de um terno de roupa. Um menino será o vendedor, e outro o comprador.

Exercícios oraes. Calcular o lucro obtido em uma mercadoria, sendo o preço da compra e o de venda, respectivamente, 5\$400 e 4\$200; 6\$800 e 5\$400, 10\$800 e 6\$000; 300\$000 e 240\$000; 420\$000 e 300\$000; 6.000\$00 e 5.400\$000.

Problemas escriptos—1.º) Um chapeleiro vendeu por... 15\$000 uma boina que lhe havia custado 12\$000.

Qual foi o seu lucro?

R. 3\$000.

2.º)—Um vendeiro compra queijos por 75\$000; revende-os por 120\$000.

Qual é o lucro?

R. 45\$000.

3.º)—Seu pae vendeu por 276\$000 um novilho que havia comprado por 267\$000. Quanto lhe ficou?

R. 11\$000.

4.º)—O sustento da minha vacca me custa 71\$000 por mês; ella, porem, produz 18\$000 de leite.—Qual é o meu lucro mensal?

R. 53\$000.

5.º)—Um criador vai ao mercado com 4.200\$000. Compra uns animaes por 2.625\$000. Quanto lhe resta?

R. 1.575\$000.

5.º)—Um negociante compra chocolate por 165\$000 e assucar por 180\$900. Vende tudo por 332\$800. Qual o seu lucro?

R. 37\$800.

7.º)—Um cavallo foi comprado por 1:680\$000. O comprador teve que gastar 252\$700 de forragem antes de revendê-lo. Afinal, elle o cede por 2:100\$000. Qual é o seu lucro?

R. 168\$000.

8.º)—Um fazendeiro comprou um terreno, que pagou em tres prestações. Despendeu successivamente 1:200\$000, ... 2:100\$000 e 1:350\$000. Acaba de vender esse terreno ganhando 900\$000. Por quanto o vendeu?

R. 5:550\$000.

9.º)—Um negociante vendeu um pipote de vinho por ... 270\$000. Paga o montante das despesas de transporte e do imposto, seja: 22\$200. Esse mesmo negociante vende depois uma metade do seu vinho por 168\$000 e a outra metade por ... 189\$000. Quanto ganhou?...

R. 64\$800.

10.)—Um negociante de fazendas comprou linho por ... 370\$200. Vende, primeiro, a metade por 228\$000; depois salda o resto por 126\$000. Ganhou ou perdeu? Quanto?

R. Perdeu 16\$200.

SYSTEMA METRICO

(Comprimentos)

Inteirar-se, antes de tudo, de que os alumnos sabem perfectamente o que é: um metro, um decimetro, um kilometro etc.

Mandar depois que elles achem quanto vale: 1 kilometro, 1 hectometro, etc.

Leitura e escripta dos numeros que exprimem comprimento. Ligar esta lição com a que foi ensinada em *arithmeticca*.

Multiplicar os exercicios, principalmente os que consistem em achar numeros que tenham zéros intercalados entre as diferentes unidades. Mandar realizar medidas de comprimento e escrever os numeros que lhes correspondem.

Escrever um numero que exprime um comprimento (4020 mm.); depois mandar realizar esse comprimento.

Avaliar distancias ou comprimentos. Verificar, tanto quanto possivel. Escrever os numeros.

Lêr os numeros: 35 km., 420 hm., 7800 dm.; 179 mm; 4095 m. Nomear as unidades representadas por cada algarrismo.

Exprimir em metros as dimensões seguintes: mesa 3.000 cm.; pateo: 4 decametros por 3 decametros; campo: 2 hectometros por 12 decametros.

Exprimir em centimetros: atlas, 3 dm. por 2 dm. e 4 cm.; porta: 1 m. e 8 dm. por 10 dm....

Effectuar (insistir com os alumnos sobre esses exercicios que consistem em ajuntar ou subtrahir numeros representados por unidades diferentes):

$$27 \text{ m} + 4 \text{ dam} = \dots \text{ m.}$$

$$320 \text{ dm} + 1 \text{ dm.} = \dots \text{ m.}$$

$$60 \text{ dm} + 500 \text{ cm.} + 3 \text{ m.} = \dots \text{ cm.}$$

$$80 \text{ cm.} - 3 \text{ dm.} = \dots \text{ dm.}$$

$$9 \text{ hm.} - 200 \text{ m.} = \dots \text{ m.}$$

$$17 \text{ dm.} - 30 \text{ cm.} = \dots \text{ m. e cm.}$$

A PROVA DA MULTIPLICAÇÃO

Desenham-se num cartão 18 quadrinhos (6 por 3).

Collocando-se horizontalmente o cartão, temos 3 carreiras de quadrinhos, ou:

$$6 \text{ quadrinhos} \times 3 = 18 \text{ quadrinhos.}$$

Collocando o cartão em sentido vertical, temos 6 carreiras de 3 quadrinhos, ou:

$$3 \text{ quadrinhos} \times 6 = 18 \text{ quadrinhos.}$$

Pode-se dizer que $6 \times 3 = 3 \times 6$; logo:..

Um producto não se altera quando se põe o multiplicando em logar do multiplicador e o multiplicador em logar do multiplicando.

APPLICAÇÕES

1.º)—SIMPLIFICAÇÃO DOS CALCULOS.

Exemplo: O preço de 759 kilos de açúcar a 2\$400 o kilo. Deve-se obrigatoriamente dizer que o preço de 759 kilos é igual a $2\$400 \times 759$.

Para fazer a operação, será mais facil multiplicar 759 por 4.

2.º)—PROVAS DA MULTIPLICAÇÃO.

a)—fazer as multiplicações seguintes, collocando: 45×37 ou 37×45 ; $70,5 \times 43$, ou $43 \times 70,5$; 285×356 ou 356×285 .

Prova dos 9.

b.) Mostrar como se faz a prova dos 9, sem tentar justificá-la.

EXERCICIOS

Effectuar as operações seguintes:

Tirar a prova dellas (pelos 2 processos).

Dizer qual é o processo mais rapido.

$$390 \times 302 \quad 5,75 \times 350 \quad 8,85 \times 720$$

$$306 \times 749 \quad 870 \times 0,45 \quad 0,38 \times 54$$

Obrigar os alumnos a fazer as provas de todas as multiplicações que encontrarem nos problemas. Adquirirão assim o habito excelente de verificar por si mesmos, de râtificar o seu trabalho.

RECEITAS E DESPESAS

(Problemas)

Exercícios oraes:

1) Um operario que ganha 2\$400 por hora, trabalha 8 horas dia e 6 dias por semana.

Qual é:

1.º) o seu ganho diario;

2.º) o seu ganho hebdomadario?

R.: 19\$200. 115\$200.

2.º) Um empregado ganha 240\$000 por mês.

Quanto ganhará num anno?

R.: 2:880\$000

3.º) Um operario gasta 1\$200 por dia.

Quanto gastará num mês de 30 dias?

R.: 36\$000.

4.º) Um operario ganha 12\$000 por dia.

Quanto terá ganho:

1.º) em outubro, si faltou ao serviço durante 6 dias;

2.º) em 1930, si fálhou 66 dias?

R.: 300\$000. 3:600\$000.

Exercícios escriptos:

1.º) Uma creada trabalha 5 horas por dia e 6 dias por semana.

Quanto ganha semanalmente si é paga a 1\$200 cada hora?

R.: 36\$000

2.º) Uma familia consome 2 kilos e 500 grammas de pão dia. Paga 1\$200 cada kilo.

Quanto gasta durante o mês de Novembro?

R.: 90\$000.

3.º) Um trabalhador da roça ganha 9\$900 por dia. Trabalhou 60 dias.

Quanto deve receber?

R.: 594\$000.

4.º) Em uma familia, o pae ganha 10\$800 por dia; o filho, 7\$200.

Quanto trazem para casa: depois de 25 dias de trabalho?

R.: 450\$000.

5.º) Um operario ganha 11\$700 por dia.

Quanto terá ganho:

1.º) em um mês de 30 dias, si folgou 5 dias;

2.º) em um anno de 365 dias, si folgou 65 dias?

R.: 292\$500. 351\$600.

6.º) Em uma familia, o pae ganha 360\$000 por mês; a mãe, 6\$000 por dia, e o filho mais velho, 9\$000.

Quanto ganhou toda a familia em um anno durante o qual a mãe e o filho tiveram, cada um, 300 dias de trabalho?

R.: 8:820\$000.

7.º) Dois operarios trabalharam juntos durante 20 dias. Ganharam, ao todo, 511\$600. Um delles ganha 14\$700.

Qual é a parte do 2.º operario?

R.: 219\$000.

8.º) O pão era vendido a 270 rs. cada meio kilo. Custa agora 1\$140 o kilo. Quanto uma familia de 4 pessoas gasta, a mais, de pão cada anno, si cada pessoa consome, em media, 750 grammas por dia?

Rs.: 643.

9.º) Uma familia gastou durante um anno 3 pipas de vinho, contendo 228 litros cada uma. Quanto terá ella, em media, gasto por dia, si um litro de vinho custa 1\$410.?

R.: 2\$640 rs.

10.º) Um creado recebe 168\$000 por mês; tem casa e comida. Orçando-se a sua alimentação á razão de 5\$400 por dia e sua dormida em 70\$000 por mês, em quanto pode ser orçado o seu ordenado annual?

R.: 4:851\$600.

11.º) Uma familia consome 2 litros e 12 de vinho por dia. Pode comprar esse vinho varejo a 1\$800 o litro, ou em barril, a 150\$000 o hectolitro. Realizará ella uma economia comprando esse vinho em barril?

Qual será essa economia em 1930?

R.: 273\$750.

NUMERAÇÃO DAS MEDIDAS DE CAPACIDADE

Recordar as regras da numeração decimal, as regras empregadas para as medidas de comprimento. São as mesmas que as empregadas para a capacidade.

Os numeros abaixo serão, pois, escriptos assim:

Em hectolitros	Em decalitros	Em decilitros
1 hl. 2	12 dal.	1200 dl.
0 hl. 504	5 dal.	504 dl.
0 hl. 095	0 dal. 25	0 95 dl.

Exercícios:

- 1.^o) Diga os numeros seguintes:
Indique a unidade de capacidade representada em cada algarismo: 420 litros; 47 l. 25; 1., 75; 9 Ol. 08; 405 l. 5.
- 2.^o) Quantos decilitros, centilitros ha em 2 l. 5; 0 l. 75; 20 l. 4; 3 l.; 0 l. 05?
- 3.^o) Quantos litros, decalitros, hectolitros, em 5 decalitros; 3 decalitros 1/2; 2 hl. 25; 4 hl. 9 l.; 3 75 l.; 1800 l.?
- 4.^o) Qual é, em centilitros, o conteúdo de um copo de vinho (4 em cada litro) e seu valor, á razão de 1\$800 o litro?
R.: 25 cl. 450 rs.
- 5.^o) Qual é, em millímetros, o conteúdo de um calice (20 em cada litro)?
R.: 50 ml.
- 6.^o) Quanto vale um hectolitro de essencia si se paga 6\$840 o garrafão de 5 litros?
R.: 136\$800 rs.
- 7.^o) Qual o preço de um hectolitro de vinho a 1\$680 cada litro? De um barril de 5 decalitros?
R.: 168\$000.—89\$040.

8.^o) Exprimir por um numero inteiro: 0, 315; 6 dal. 025; 0 hl. 812; 3 dl. 40.

9.^o) Mudando apenas o nome da unidade, tornar 100 vezes maiores: 4 dl. 25; 32 l.; 90 ml.; tornar 10 vezes menores: 3 hl. 08; 80 cl.; 712 dal., 25 dl.

10) Converter em litros:

4.500 l. + 1 hl. 5 + 25 dal.	3 hl. 5 × 4.
25 hl 3 + hl. 5 l. + 300 cl.	420 cl. × 3
40 hl. — 135 dal.	7 dal. 9 dl. × 5
825 dal. — 30 hl.	2 hl. 5 l. × 2.

ADDIÇÃO DE NUMEROS DECIMAES

(CALCULO MENTAL)

Mandar fazei os exercicios propostos anteriormente sob a mesma rubrica.

Accrescentar os seguintes.

1.^o) 9\$450 + 7\$000 + 1\$920 + 3\$780; 5\$490 + 5\$250; 7\$200 + 5\$370 + 1\$860; 2 kilos 750 grammas + 1k,300; 13 kilos e 640 grammas + 9^k + 7^k,250; 25^k,500 + 17k. 300 + 20^k,650.

2.^o) Compro um frango por 10\$050, 2 duzias de ovos por 12\$480; 1/2 kilo de café por 8\$850 Quanto tenho que pagar?
— R.: 31\$380.

3.^o) Um tapete tem 2^m,35 de comprimento e 1,75 de largura.
Qual é o seu tamanho?

— R.: 8m²,20.

4.^o)—Uma mesa rectangular de 1^m,95 de comprimento por 1^m,40 de largura. Qual o seu tamanho?

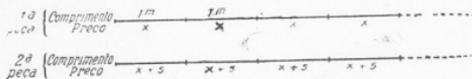
— R.: 6^m,70.

5.^o) Em uma familia, o pae ganha 14\$800 por dia, a mãe 6\$500, o filho 9\$450. Qual o ganho diario dessa familia?
— R.: 31\$230.

QUANTIDADES IGUAES E VALORES DIFFERENTES

(PROBLEMAS)

Exemplo: Duas peças de fazenda de comprimento igual custaram, uma, 420\$000, a outra, 480\$000. O preço de cada metro da 2.^a excede de 3\$000 o preço de cada metro da 1.^a. Qual é o comprimento de cada peça?



Para comprar 1 metro de cada fazenda, ha uma diferença de 3\$000; para comprar 2 metros, a diferença é de duas vezes 3\$000, etc..

O comprimento de cada peça é, pois, igual á diferença dos valores totaes (480\$000 — 420\$000), dividido pela diferença dos valores da unidade (3\$000).

PROBLEMAS:

1.^o) 2 operarios occupados durante o mesmo tempo ganharam: o 1.^o, 144\$000; e o 2.^o, 90\$000. O 1.^o ganha 3\$600

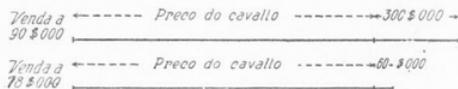
mais, por dia, do que o outro. Qual é o salario diario de cada um delles?

R.: 9\$600. 6\$000.

2.º) Um fazendeiro vendeu carneiros a 90\$000 cada um.

Com o dinheiro recebido comprou um cavallo e restaram-lhe 300\$000. Si não tivesse vendido os carneiros senão por . . . 78\$000, só lhe restariam 60\$000. Quantos carneiros tinha elle, e qual o preço do cavallo?

R. : 20 carneiros. == 1:500\$000.



3.º) Si um vinhateiro vende sua colheita a 70\$000 cada hectolitro, restar-lhe-ão 600\$000 depois de ter saldado a compra de uma casa; mas, si elle vende cada hectolitro apenas por . . . 66\$000, faltar-lhe-ão 300\$000. Qual é o numero de hectolitros colhidos, e quanto custa a casa?

R. : 150 hl. — 10:200\$000.

4.º) Alguem quer rifar o relógio. A 3\$000 cada bilhete, elle ganharia 60\$000. A 2\$400 o bilhete, perderia 12\$000. Diga o numero de bilhetes e o preço do relógio.

R. : 120 bilhetes. — 300\$000.

A PEDAGOGIA DE JESUS CHRISTO

Discurso proferido pelo sr. dr. Mario Casanata, inspector geral da Instrução, como p-ranympo da turma de normalistas do 2.º grau, no Collegio Sagrado Coração de Jesus, em dezembro de 1928.

«Minhas boas amiguinhas.—As vossas mestras ensinaram-vos a amar e a comprehender a Jesus Christo. Mostraram-vos, por certo, pela palavra e pelo exemplo, que nas lições augustas dessa figura admiravel— se encontra o segredo da paz na terra e da felicidade no céu. Explicaram-vos os seus preceitos incomparaveis, deante de cuja infinita sabedoria é bem pequena a mais alta philosophia humana. Contaram-vos, por certo, com ternura, todo esse poema dulcissimo de verdade e de bondade, que foram os trinta e tres annos de sua vida rutilante. Disseram-vos que nasceu numa estrebaria, viveu sempre entre os humilides, morreu na cruz entre os criminosos e, entretanto, foi a maior figura que já viveu entre os homens. Enumeraram, com doçura, os milagres, que praticou, não para a gloria propria, mas para alivio dos desgraçados: os paralyticos andavam, os ceguinhos viam, os surdos ouviam, os mudos falavam, as chagas dos lazarus se alimpavam e os mortos abriam os olhos de novo para a vida. . . .—Senhor, se tu quizeres, podes me curar, soluçou um misero leproso.

E Jesus, estendendo a mão, tocou-o, dizendo:

—Quero. Sára.

E logo sarou. . .

. . .—Se eu conseguir tocar nas suas vestes, suspirava uma desgraçada mulher, se eu conseguir tocar nas suas vestes— hei de sarar.

Uma numerosa multidão cercava o Mestre. Ella se opprime no meio daquella gente. Esforça-se.

—Oh! se eu lhe tocar, hei de sarar por certo!

Machuca-se. E' batida e empurrada de todos os lados. Mas não se desalenta e continúa. Tenta atravessar aquella pesada muralha humana. Vae atirada para um e outro lado, como um mi-

seravel farrapo Não se desespera. Havia de tocar nas suas vestes! Continúa a avançar e consegue, afinal, tocar-lhe nas vestes. E immediatamente sarou...

— Filha, a tua fé te curou.

...—Jesus, filho de David, tem compaixão de nós, exclamaram, com angustia, dois pobres ceguinhos.

Jesus lhes disse:

— Crêdes que vos posso curar?

Disseram elles:

— Sim, Senhor.

Então elle lhes tocou nos olhos, dizendo:

— Faça-se segundo a vossa fé.

E os olhos se lhes abriram...

Tudo isso decerto vos não ensinava as vossas boas mestras, com dedicação e com carinho. Ensinando vos, aconselharam-vos a seguir o caminho luminoso do Mestre. Convenceram-vos de que não é possível um bocado de paz na terra nem é possível um logar no grande Reino, depois da morte, sem a pratica dos altos preceitos que cahiram daquella bocca maravilhosa.

O MESTRE

Pois bem, minhas boas amiguinhas, venho falar-vos tambem de Jesus de Nazareth. Não vos repetirei o que as vossas mestras vos ensinaram nem venho explicar a sua doutrina elevada. Mestre dos Mestres, tentarei aconselhar-vos que procureis nelle, na sua doutrina, nas suas lições, no seu modo de expor, nos exemplos que citava, nos seus admiraveis processos pedagogicos — um modelo incomparavel para o cabal desempenho de vossa tarefa de professoras.

Tão grande Mestre foi que todos lhe chamavam Mestre e a humanidade lhe vem chamando, com devoção, Divino Mestre. François de Gueux, numa phrase lapidar, aponta-o como modelo de educador. Mestre Unico lhe chamou Pestalozzi, assombrado deante de sua pericia. E Clemente de Alexandria o proclama pedagogo da humanidade.

Todos os grandes homens têm-lhe tributado, senão a adoração que lhe consagramos os crentes, pelo menos a subida admiração e a poderosa veneração que justamente se devem á sua intelligencia fulgurantissima e ao melhor coração que palpitou na terra.

Vamos considerar rapidamente a sua prégação admiravel e reparemos como expendia, explicava, expunha, persuadia as grandes verdades que nos deixou. Nota, porém, que neste pequeno discurso apenas se referirão aquellas qualidades que uma obser-

vação superficial me deparou. Apontando-vos Christo como mestre de pedagogia, quero, antes de tudo, concitar-vos a attentar, com cuidado, para os seus processos, os seus modos, os seus expedientes pedagogicos — verdadeiramente notaveis pela sua eficiencia e inteiramente de accordo com a orientação de nossas cias.

A DOCTRINA E OS DISCIPULOS

Que é que Jesus Christo pretendia prégar? Um codigo moral perfeito. A quem ia explicar esse codigo? A todo um povo, mas particularmente a doze apóstolos, uma dúzia de homens rudes, escolhidos entre os mais simples e os mais pobres. Quasi todos pescadores, um carpinteiro e um arrecadador de impostos.

Para conseguir, portanto, baixar a sua elevadissima doutrina ao raso do entendimento daquella gente, para agitar aquellas intelligencias, fazer com que aprendesse de facto as suas lições, era necessario que empregasse os mais perfectos expedientes pedagogicos. Na verdade, empregou os mais perfectos.

METHODO INDUCTIVO

Empregou os mais perfectos methodos de ensino, torno a afirmar.

A sua linguagem era de uma clareza crystallina. Procurae um termo difficil, uma comparação preciosa, um conceito obscuro na sua prégação e não o haveis de achar. As palavras que empregava eram as mais simples. Dos dois methodos principaes, a que se reduzem afinal, todos os methodos, do inductivo que tira de um facto uma regra ou do deductivo que desce da regra para o facto, preferia o inductivo. Partia do conhecido para o desconhecido, do concreto para o abstracto.

E mesmo quanto a essas coisas concretas, procurava-as colher do pequeno quadro physico e social em que vivia, da agricultura, da pesca, dos campos, das arvores, das ovelhas, das aves, da vida familiar.

— Vêde as aves do céu. Não semeiam, não ceifam, não recolhem em celeiros. Entretanto, vosso Pae celestial as sustenta. Porventura não valeis perante elle mais do que ellas?

— Considerae os lirios dos campos, continuava. Vêde como crescem. Não trabalham, não fiam. Entretanto, nem Salomão, no esplendor de sua gloria, se vestiu como qualquer um delles. Porventura não valeis mais do que essas hervazinhas, hoje florescentes e amanhã arremessadas no forno?

Os seus argumentos eram tão claros que fôra impossível não os compreender.

Como se lhe censurasse a facilidade com que frequentava os peores peccadores, como bebia e comia com elles, Jesus respondeu:

—Não vim curar os sãos: vim curar os doentes. Não vim para os puros: vim para os peccadores.

Vêde como se esforçou para explicar o Reino de Deus. Dizia:

—A que é semelhante o Reino de Deus e a que hei de compará-lo? E' semelhante ao grão de mostarda. Um homem tomou-o e semeou-o na sua horta. Germinou. Cresceu. Fez-se uma arvore tão grande que as aves do céu vieram poisar-lhe nos ramos...

E insistia:

—Sabem com que hei de comparar ainda o Reino de Deus? Ao fermento que uma mulher tomou e misturou em tres medidas de farinha, até que ficou tudo fermentado.

Notae a profundeza e a simplicidade dessa lição. De facto, a Verdade que elle prégava era como o grão de mostarda e como um pouco de fermento. Menos ainda: era um punhado de palavras, que desappareciam, logo que se articulavam. Todavia, esse punhado de palavras enche, transforma, illumina, purifica o coração dos homens, como uma pequena semente se transforma em arvore grande e um pouco de fermento transforma e augmenta a massa fresca a que se mistura.

De outra feita, censurando os homens que tinham olhos e não viam, tinham ouvidos e não ouviam, Christo lhes disse:

—Quando vêdes apparecer uma nuvem do lado do poente, logo dizeis: Vem chuva; e assim succede. Quando o vento sopra do lado sul, dizeis: Fará calor; e assim é. Vós sabeis distinguir os aspectos do céu e da terra e não sabeis considerar e comprehender a hora que passa.

Como vêdes, Jesus tirava do mundo physico, das coisas que todos viam e dos phenomenos ordinarios que todos conheciam, os exemplos para as suas lições. E' o methodo intuitivo superiormente applicado. Observar, com cuidado, as coisas e os factos, compará-los uns com os outros e delles abstrahir uma verdade—eis o caminho da sciencia.

CAPACIDADE DOS ALUMNOS, SERIAÇÃO DE LIÇÕES, ZELO

Além de extrahir exemplos da vida concreta e partir do que todos sabiam, Jesus esmerava-se em exprimir-se, com admiravel clareza, e procurava adaptar-se á capacidade de seus ouvintes,

como textualmente nos refere Marcos, capitulo IV, numeros 3 e 34: «Propunha-lhes a palavra com muitas parabolos, como estas, conforme a capacidade dos ouvintes. Só lhes falava em parabolos, que explicava mais particularmente a seus discipulos».

Não só isso. De principio, ensinava coisas simples. Depois as coisas mais complexas. Havia gradação nas verdades que proferia. Acompanhava, com carinho, o desenvolvimento espirital de seus discipulos, que conhecia bem a fundo. Na hora opportuna, ás vezes ao acaso do primeiro accidente, vinha com uma verdade nova. Assim, quando se procedia á libação ritual, no Templo, elle exclamava:—Se algum tiver sede, venha a mim e beba».E' vér em S. João, capitulo XVI, numero 12: «Tinha muitas coisas para vos dizer, mas não estaes no estado de comprehendê-las».

E' admiravel o zelo com que explicava. Admiravel a exposição, pelal ogica, clareza, evidencia. O pensamento, a linguagem, as comparações eram de uma simplicidade infantil. E o que é mais interessante é que se estabelecia uma serie de perguntas entre o Mestre e os discipulos, como recommendam os moder-nos tratadistas, e, acabada a lição, o Mestre perguntava:

— Comprehendestes todas estas coisas?

— Sim, sim! respondiam todos.

AUCTORIDADE

Finalmente, alem dessas qualidades admiraveis de doutrina-dor, que sabia explicar o que pretendia, Jesus Christo tinha uma qualidade imprescindivel a um professor de moral: tinha auctori-dade. A sciencia completa e perfeita do que ensinava, o calor da prégção, o zelo pelo aperfeicoamento dos discipulos, uma vida immaculada—tudo nelle assombrava os que o viam e ouviam. Assim quando falou, pela primeira vez, a seus patricios, na syna-goga de sua terra, muitos se admiravam de sua doutrina e diziam: —Onde este foi aprender essas coisas? Que sabedoria lhe foi dada? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago e José, de Judas e de Simão?

Na synagoga de Capharnaum—verificou-se o mesmo assom-bro. Quando se poz a ensinar, «pasmavam de sua doutrina, asse-vera Marcos, porque os ensinava como quem tinha poder e não como os escribas».

A cada passo se topa nos Evangelhos—com esta phrase encantadora de ingenuidade: «Nenhum homem falou como este ho-mem!» Os proprios inimigos que procuravam assediá-lo de per-guntas, para fazer com que incorresse em contradição ou em que-bra da lei, depois de longas discussões de que sahiam inteiramente

batidos e confundidos, os proprios inimigos acabavam por applaudir-lo: *Bene dixisti, magister*. Bem o disseste, Mestre. E, depois de tudo isto, diz o Evangelista, não se atreviam a interrogá-lo mais».

DECORAÇÃO

Taes as qualidades principaes da pedagogia de Jesus Christo. Entretanto quero salientar uma virtude que tem urgente necessidade de ser introduzida entre nós, pelo bem que pode trazer e pelo mal que nos tem trazido a pratica contraria: Christo não mandava decorar.

Fazer decorar, servindo-me de uma expressão d'elle, é fazer construir sobre a areia. A memoria humana é por demais contingente. Prestae bem attenção nas parabolae de Christo e convençei-vos de que a humanidade ainda não inventou meio melhor para o ensino da religião e da moral. Folheae os tratadistas de methodologia ou os grandes mestres da doutrina e avaliareis a perfeição desse grande modelo.

Entre outros, citarei Santo Agostinho que aconselhava se ensinasse, com a ajuda da historia, que a religião é tão antiga quanto o mundo; como Jesus era esperado no antigo Testamento e como reinou no novo.

Overberg, tendo applicado o processo mnemonico ao ensino da religião, ficou absolutamente desanimado deante de seus resultados: os meninos esqueciam rapidamente e, quando não esqueciam de todo, adulteravam mais tarde a doutrina que se lhes ensinava. Poz-se a contar historias tiradas da Biblia. A escola reanimou-se. Os meninos acompanhavam as aulas com interesse. E, através das narrações, aprenderam para sempre a boa doutrina.

E Fenelon acrescenta: «Os factos de que tratamos são curtos, variados, apositados para agradar mesmo aos menos intelligentes. Deus que conhece melhor do que ninguem o espirito do homem criado por elle, collocou a religião nos factos populares, que, longe de sobrecarregar os entendimentos rudes, lhes ajudam a conceber e a conservar os mysterios».

Dae, pois, não só ás outras materias, mas tambem e principalmente ao catecismo a forma originaria e perfeita que lhe imprimiu o grande Mestre. Nada vale decorar palavras sem comprehender-lhes a significação. Ensinae a significação, exemplificae e explicae, por factos e coisas concretas, o que explicardes, fazei com que os alumnos comprehendam e apprehendam o que ensinardes e realizareis, com brilho e com proficuidade, a vossa missão.

UMA GRANDE MISSÃO

Para fechar estas palavras descoloridas e desatadas, tracejades rapidamente, numa aberta de grandes trabalhos, e que só se tracejaram para revelar-vos a minha infinita gratidão por me haverdes escolhido vosso paronympho — reservei de proposito a consideração de uma encantadora virtude de Jesus Christo e que deve ser a principal virtude que deveis cultivar: o amor aos pequeninos.

Oh! Jesus o amava estremecidamente! Bastára para prová-lo aquelle delicioso lance dos Evangelhos, em que se vêem os seus discipulos procurando obstar a approximação das criancinhas. Jesus viu o gesto de seus discipulos e não gostou. Mais: censurou-os. Disse-lhes: «Deixae vir a mim os pequeninos e não os estorveis, porque delles é o Reino de Deus». E chamando-os a si, impôs-lhes as mãos, numa benção, e abraçou-os com ternura...

E' essa a grande virtude dos mestres: amar. Só quem ama possui esses thesouros de paciencia, para supportar as travessuras dos pequeninos, esses thesouros de indulgencias para as suas tendencias primitivas, thesouros de carinho, de sympathia e de saledoria, para velar sobre elles, tudo conseguir suavemente e, sobretudo, prendê-los, peio habito, ao trabalho e ao dever.

Amae-os e recebei-os de braços abertos, como o Justo dos Justos. Procurae conhecê-los bem e estudeae os meios melhores, mais suaves e mais efficazes de ensiná-los.

Caminhae, com enthusiasmo, para a vossa grande tarefa. Minhas Geraes é hoje o theatro de uma solenne hora historica, porque o seu eminente governo, civicamente empolgado pela diffusão da instrução, quer realmente resolver esse problema fundamental para a nossa nacionalidade, nelle empregando o maior de seu orçamento, para elle convergindo a pujança de seu carinho e de suas preoccupações e delle fazendo a pedra angular de sua fundissima administração.

Vamos para a escola nova, minhas boas amigas, e ao envez de homens sem fibra, sem sangue, sem idealismo nem convicções, eduquemos homens fortes de corpo, de caracter e de intelligencia, na altura da Terra da Cruz...»

Secção do Centro Pedagógico Decroly

Como crear uma nova mentalidade em o nosso professorado

Poucos professores amam sua missão. Poucos são os que exercem o magisterio animados pela flama divina do entusiasmo. Para a maioria dos nossos educadores, a cadeira do mestre não passa de um calvário, e o unico estímulo para levarem sua cruz são os míseros vencimentos que recebem.

A causa dessa tibieza, dessa falta de interesse pela nobre missão de educar está sobretudo na ausencia de mentalidade em os nossos educadores. E não ha mentalidade porque as organizações escolares que deviam nutrir os professores sempre peccaram por falta de base e de finalidade.

Os nossos programmas escolares, quer para os cursos normaes, quer para os primarios, sempre se resentiram de unidade, finalidade, connexão. Dizemos que instruir e educar a infancia é a primeira das necessidades de um povo, que a escola é a base de todo o progresso estavel.

Mas em que consiste essa instrução e essa educação?

Não existe nada definido. Porque é que se ensinam ás crianças determinadas noções, em vez de outras, e se adoptam taes methodos dentre varios?

Porque devemos preferir os methodos da escola activa?

Quaes os fins da educação manual, do desenho, dos exercicios gymnasticos?

Quaes, enfim, as razões finais da escola?

Em geral, nosso professorado desconhece estas cousas. Desconhece-as por não conhecer os factos psychologicos e sociais. Não cogitam de saber as relações entre a alma infantil e o progresso social.

Da incompreensão dos fins racionais da educação resulta a ausencia de entusiasmo nos encarregados da educação da infancia. Não se pode amar o que não se comprehende.

E' preciso saturar a escola do verdadeiro sentido educacional, fundado nos conhecimentos de psychologia e de sociologia, visando o engrandecimento da raça.

Urge crear no espirito do magisterio uma grande ideal de educação, o que se conseguirá por meio de uma cultura basica e essencial, apoiada de um modo especial na psychologia educacional.

Até ha pouco os nossos professores primarios se habitavam em cursos inteiramente alheios ao criterio mencionado. As escolas normaes não creavam nas normalistas o senso da educação, a sua mentalidade necessaria.

Não havia o espirito educacional, a alma da pedagogia. Não se cogitava de psychologia infantil, da pedra angular de toda a organização de ensino educativo.

Enquanto esses conhecimentos já davam ha muito uma firme direcção aos institutos educacionais de outros povos, nós seguimos o rumo da construção empirica e sem base em materia de educação.

Coube á magnifica reforma Francisco Campos sanar essa causa de fraqueza em nossa organização escolar, introduzindo nas escolas normaes a cadeira de psychologia educacional e ao mesmo tempo creando junto aos grupos escolares classes experimentaes de ensino activo, de accordo com as legitimas consequências dos estudos de psychologia experimental.

E' preciso que se notem as sabias relações existentes nessa reforma.

A escola activa é uma consequencia do estudo da alma infantil. Ella corresponde ás tendencias da vida da criança e tende ao seu completo desenvolvimento.

Quando o professor tiver comprehendido essa questão, novos horizontes se abrirão á sua affectividade e grande impulso hão de receber suas capacidades. Então elle sentirá que no jardim da escola ha mais flores do que espinhos, e que o labor entre os pequeninos dá mais prazer do que contrariedades.

O essencial é que a escola seja feita para a criança.

A criança, possuindo a vida em toda a plenitude, é uma fonte perenne de actividade. Ella tem necessidade de se expandir. E' um reclamo imperioso e indispensavel ao seu desenvolvimento physico e moral. Da liberdade concedida a essa expansão vital dependem a energia e o vigor individual reclamados pelas luctas da existencia.

Não devemos sopitar esse avanço da natureza, obrigando a criança a uma attitude de passividade forçada, sob pena de atrophiar seu physico e seu caracter.

O que convem é guiar essas forças da vida para um objectivo de utilidade. Este objectivo é o que

a escola activa veiu organizar.

A criança em sua comprehensão nasce em estado que vida consiste em jogos e brinquedos. Pois façamos do ensino uma serie de jogos e teremos correspondência aos appetites de sua mentalidade. Conciliando desta arte o seu interesse, e por consequencia a sua attenção, muitas vezes superiores serão os resultados dos exercicios e methodos a serem ensinados. Só se aprende bem o que desperta o interesse. Si esta verdade convem aos adultos, com muito mais razão á criança, que absolutamente não pode comprehender o sacrificio que se deve voltar á consecução de um fim, principalmente quando este se mostra de uma forma vaga á intelligencia em formação.

Os programmas e methodos de ensino hão de ser organizados de maneira que a creança não seja tolhida em seus movimentos e manifestações de suas qualidades e inclinações naturaes, mas ao contrario, possa ella se revelar em todos os exercicios espontaneos. Assim, o desenho, os trabalhos manuaes, os jogos educativos são meios excellentes para que o alumno revele seus gostos, intuições e sympathias. E' por meio desses exercicios que se poderá seleccionar as capacidades e mostrar-lhes um destino vantajoso ao progresso da collectividade.

O methodo da escola activa de Decroly procura uma sequencia logica para as noções que se devem ensinar aos alumnos, organizando centros de interesse, sendo a vida da criança a primeira ideia central. A criança e o seu meio physico e social é o principio em virtude do qual se organizam os planos instructivos. A criança deverá aprender em primeiro lugar aquillo que constitua o interesse primordial de sua vida, e em seguida tudo o que possa fazê-la capaz de prestar o maximo de beneficio ao seu proximo.

Observando os factos que nos rodeiam cada dia, pensando sobre

elles, externando-os por todos os modos possiveis, afim de bem provar a segurança de seus conceitos, o espirito infantil se educa num sentido de alta psychologia, adquirindo desde os annos mais tenros um bom criterio para observar e julgar as cousas.

O professor, por sua vez, praticando um methodo, racional fundado nos factos psychologicos experimentaes, saberá organizar com interesse suas lições, que serão exercicios activos, e ao mes-

mo tempo, a melhor distracção de suas horas. Esses exercicios se reduzirão a jogos instructivos, trabalhos graphicos e manuaes.

E' pelo estudo da psychologia experimental e a pratica do ensino activo, que se ha de transformar o espirito do educador, creando a sua mentalidade propria.

E assim o professor primario encontrará na sua missão muitos motivos de vivo contentamento, tornando-se feliz com sua sorte.

JULIO DE OLIVEIRA

Daqui e dali

Nova Inconfidencia

O sr. dr. Mario Casasanta, inspector geral da Instrucção Publica de Minas, acaba de expedir interessantes instrucções aos directores das Escolas Normaes do Estado relativamente ás directrizes do ensino normal. Diz-se á que expedir instrucções seja cousa de somenos importancia, por que todos os chefes costumam sempre assim proceder, ou para ordenar algum expediente, ou para mostrar que estão fazendo algum movimento em sua repartição.

As instrucções do inspector geral, porém, são notaveis. Os leigos encontrarão ahí uma prosa serena, com que se deliciarão por um quarto de hora, achando como é facil dirigir a inspectoría da instrucção publica em Minas. Tudo parece simples. E quando se termina a leitura fic-se a desejar que as instrucções fossem ainda mais extensas. . . E si o leitor não acredita é fazer uma experiencia, procurando-as ler no jornal official, onde foram publicadas.

Ha tanta delicadeza nas suggestões e nas ordens, que os directores das Escolas Normaes ver-se-ão obrigados a cumpril-as, não por obediencia, mas por correspondencia. Amor com amor se paga, lá diz o adagio.

Por outro lado, os directores deverão ficar sensibilizados e contentes de serem assim tratados por quem lhes é superior hierarchico. E' um atestado indirecto da competencia já presupposta.

Acredito que si forem, como deverão ser, seguidas taes instru-

ções, o ensino normal em Minas atingirá um grau impossivel de ser avaliado devidamente. O certo é que não ficaremos envergonhados dos professores.

Veja-se, por exemplo, esta observação sobre as palestras dos alumnos: "deve-se preferir a palestra não escripta nem decorada, e, quando vier escripta ou perbeber-se que é decorada, cumpre interromper a exposição com pequenas perguntas, a ver si o alumno sabe de facto o que profere e obrigal-o a expor com mais precisão". Nisto vai,nada mais nada menos, o em que consiste a formação intellectual do professor.

Mas, não só do alumno se cogita neste caso importante da vida escolar, como tambem do proprio professor: "o monologo, o discurso, a exposição exclusiva do professor são terminantemente prohibidos pelo Regulamento, e, legalmente, não têm mais logar numa boa escola mineira."

Ha pouco tempo esteve em Belo Horizonte o competente educador dr. Lourenço Filho. Professor de psychologia da Escola Normal de São Paulo, reformador da instrucção publica do Ceará, é um dos mais sabedores de coisas de educação e instrucção que conhecemos. Viu o que se está fazendo em Minas e ficou satisfeito. Escreveu uma carta. Da justiça dos seus conceitos somente agora me asseguro, depois que li as instrucções do dr. Mario Casasanta. Ora, vejamos o juizo do dr. Lourenço Filho:

"Do dr. Francisco Campos, a impressão excedeu a qualquer expectativa. E' um homem de raro

valor! Tive oportunidade de estabelecer com elle uma certa intimidade, iniciada pelo desejo de conhecer bem certos aspectos technicos, de minha parte, no ensino mineiro; da parte delle, em submeter á critica o que tem feito. Pois bem. Sem exaggero, tive a impressão de que esse homem elabora em Minas uma "nova Inconfidencia!" — tal a largueza dos planos e a visão segura do que tem feito e está fazendo...

Ora, bem. Considerem-se os dois passos das instrucções acima citadas e veja-se si é ou não exacto o juizo do dr. Lourenço Filho. Por mim, estou aqui a subscriverlo, diante das instrucções do dr. Mario Casassanta.

J. DE OLIVEIRA FILHO

(Da "Gazeta de Uberaba", de 3 de janeiro de 1929).

A leitura

"E' pela leitura que a gente se instrui... Mas, para isso, é mister saber ler facilmente, vivamente, sem esforço, de modo que o espirito se destaque da letra e se attenda ao sentido. Si o menino sai da escola, ainda habuendo aprendido e gostando, não terá o gosto da leitura. Alé esquecerá o pouco que sabe..."

ALAIN — "A Emancipação"

Como conduzir os alumnos da nossa escola a esse estado perfeito que Alain deseja? E' o que nos propomos examinar. Trataremos da aprendizagem, propriamente dita, da leitura; da leitura por syllabação e da leitura corrente; da leitura expressiva.

A aprendizagem da leitura

A aprendizagem da leitura exige o emprego de um *methodo*. O essencial é que se adeque com o passo seguro, que se saiba bem, a todo tempo, o que se aprendeu, e que, em chegando ao fim do *methodo* e tomando o primeiro livro de leitura, a gente leia, len-

tamente, o que é de veras louvavel, mas sem tropeçar diante de cada pequena difficuldade.

Como obter esse resultado? Questão de memoria, de repetição paciente, de exercicio, como para a acquisição de todos os n. canismos.

Para a pratica das lições, insistirei apenas sobre este ponto: em dos meios de não aprender a ler é gastar tres quartos do tempo la aula de leitura a explicar palavras ou a contar historias.

Mas eis algumas observações uteis a meu ver:

As crianças aprendem de pressa e de cór o que lêem: Desde logo o recitam sem olhar para o livro; mas fóra do livro não reconhecem o trecho lido. Não aprenderam a ler, portanto.

Evita-se essa mystificação dando-lhes a ler outras palavras que não as do livro, preparando antes a lição que se escreve na pedra, ou formando no momento palavras moveis. E, sobretudo, ensinam-se para sempre as fórmulas mandando copiá-las, o que obriga-o observá-las minuciosamente e, ainda, mandando escrevê-las sob dictado, o que exige esforço maior do que a copia. Sim, a copia, o dictado do que foi lido são o complemento indispensavel, no curso primario, da lição de leitura.

Outro escolho a evitar é estabelecer muitas turmas no curso primario, o que impede que se cuide de cada um dellas, como conviria. O ideal é não estabelecer mais de tres grupos de alumnos (os melhores, os medianos e os retardados) de que um monitor ajudante alternativamente cuidará. E cada um dos grupos fica bastante homogeneo, si em cada um dellas se souber estimular os ultimos e interessar os primeiros fazendo-os ler outros exercicios em que entrem os mesmos elementos, contando que elles "esperem" os seus camaradas.

Assim, por isso mesmo, que os alumnos terão sido methodica-

mente *treinados*, por meio de varias lições de leitura quotidiana, porque terão lido e escripto muitas palavras que abraçam os elementos estudados, porque se terá velado sobre a sua articulação nítida, saberão ler ao fim de tres ou quatro meses (1.º grupo), seis ou sete (2.º grupo), dez meses ou, algumas vezes, mais (3.º grupo).

Leitura syllabada e leitura corrente

No 2.º anno como no 1.º anno do curso, a lição de leitura deve ser, antes de tudo, um exercicio em que todos os alumnos leiam, cada um por sua vez, e por bastante tempo. Como no 1.º anno, ella pôde ser seguida de breves exercicios de copia intelligente (o que se refere a uma idéa... o que diz um personagem...) ou de um dictado de algumas linhas do texto. Tudo isso, no lado de outras vantagens, ensina a ler cada vez melhor.

Mas conviria que os alumnos do 2.º anno tivessem muitos livros de leitura, conservados na escola e postos em suas mãos no momento querido, afim de que não pudessem decora-los e afirme de que o seu interesse pelas diferentes paginas não arrefeca á força de repetições, o que acontece sempre com a leitura de um só livro. A falta desses livros multiplos, poder-se-iam utilizar, cada um por sua vez, os diversos livros de aula (historia, geographia, sciencias, etc.).

E não é cedo demais para se tratar do que será objecto de applicação ulterior, isto é, do tora da leitura. No 2.º anno, como no 1.º, com effeito, os alumnos, si se não tiver cuidado, contraem voluntariamente, na leitura, sobretudo graças aos exercicios collectivos, um tom particular, ora cantarelado, ora arrastado, — algumas vezes susceptivel de variações ridiculas, pelas quaes a escola se denuncia de longe ao profano divertido. Certamente,

não se pôde exigir de meninos ainda tenros uma leitura expressiva, mas apenas uma leitura menos defectuosa. Obtemo-la, fazendo ler num *rhythmo* mais cadenciado, que se marca batendo levemente o compasso e num tom apropriado de que se dá de tempos a tempos o *dispaño*. E, assim, matamos de uma escajada dois coelhos: ensinamos a ler sem arrastar e sem cantarelado, o que é mais precioso, ensinamos a respeitar a pontuação.

Alías, não é conveniente usar muito parcimoniosamente aos exercicios de leitura? Estes se tornam para logo ruidosos e os preguiçosos repetem sem ler ou contentando-se de fingir que lêem... quando não se divertem com isso.

Assim, depois da aprendizagem propriamente dita no 1.º anno, que facilita o conhecimento das multiplas peças do mecanismo da leitura, outra aprendizagem, no 2.º anno, que familiariza com o manejo dessas peças, o torna gradativamente mais rapido e mais commodo. Mas a attenção da creança permanece ainda, em grande parte, adstricta ás palavras, sinão ás syllabas, quando as palavras são pouco usuas ou extranhas ao seu vocabulario.

A leitura expressiva

A leitura só se torna verdadeiramente livre com os exercicios continuados dos 9 aos 13 annos, no 3.º anno e no 4.º anno, e, quando o espirito do alumno, cada vez mais familiarizado com os signaes materiaes, consegue progressivamente abstrahir das palavras para attender ao sentido.

E só então se pôde tratar da leitura expressiva.

Leitura expressiva que vem a ser afinar sinão traduzir pela entonação, pelo andamento da recitação, os pensamentos ou os sentimentos encerrados sob as palavras?

Operação extremamente difícil, porque pressupõe a compreensão do que se lê, alguma observação e uma certa habilidade vocal.

Eis-nos, por exemplo, diante da fábula do "Corvo e da Raposa", de La Fontaine.

A parte mais difícil de ler é, sem dúvida, a primeira — o discurso da Raposa. Importa compreender que é uma "adulação". Mas, quem nunca observou um adúlador, dulcuroso, envolvente, bom conhecedor da sua vítima e atacando-a no ponto vulnerável, como havia de imitá-lo? E como daria o troco si não é um pouco senhor da própria voz?

Antes de mais nada, convem explicar o trecho, depois de o haver lido, o que reforça a explicação. Só depois é que se manda que os alumnos leiam alternadamente, repetindo sempre até que se obtenha uma dicção conveniente. Mas explicar, tendo em vista a leitura expressiva, não é insistir sobre todas as palavras difíceis: é apenas mostrar o carácter do trecho, ou de suas diferentes partes, afim de realçá-lo pela leitura.

Ao que parece, não ha sinão um preceito geral para a leitura em voz alta.

Lendo qualquer coisa o que se deseja, antes de mais nada, é ser comprehendido.

Donde, uma dupla necessidade: bem articular e não ler de pressa, afim de deixar aos que ouvem o tempo de perceber distintamente as palavras. Mas, fóra disso, tudo depende do trecho, do tom e do andamento.

O defeito a corrigir, tão frequente nas classes, é a monotonia que vem da incompreensão, da falta de interesse dos alumnos pelo que lêem, e talvez tambem do facto de nos mostrarmos contentes com esse modo de ler — de não os termos exercitado, pelo nossos esforços ou pelo nosso exemplo, a lêrem melhor. Remedia-se a isso fazendo ler mu-

tas vezes em voz alta e recorrendo ás obras mais variadas para se adaptar a todos os tons.

E depois de um longo desvio, encontramos Alain, com quem começamos a nossa viagem: "Si eu fosse chefe desses "bien parleurs" — allude aos mestres das nossas escolas — todas as lições seriam lidas: lêr-se-ia a historia, a geographia, a hygiene, a moral; e si se retivesse de todas essas leituras exclusivamente a arte de lêr, eu julgaria isso suficiente."

Pela nossa parte, julgamos tambem que seria muito, si essas leituras tivessem sido um pouco explicadas, si tivessem despertado o desejo de saber: porque, então, não restaria apenas a arte de lêr, mas, com ella, o gosto. E não é necessario um e outro?

H. ISSAURIAT

O calculo mental

Notei com viva satisfação os conselhos que nos deu o sr. Jérôme no "Manuel Général", sobre o ensino do calculo na escola primaria. "Calculo mental e calculo rapido devem constituir a base do ensino da arithmetica desde o inicio... Em todos os grãos cumpre não perder occasião de contar mentalmente. Que bella gymnastica o calculo mental, mas comtante que se não subordine a lições especiaes!..."

Uma experiencia de 10 annos no curso elemental permittiu-me apreciar todo o valor do calculo mental no ensino da arithmetica, nesse periodo delicado em que se estrêa, com a iniciação mathematica, a formação do raciocinio nas crianças.

Trata-se, entretanto, de habilitá-las desde essa idade a pratica desses processos de "economia mental", taes como a mul-

tiplicação ou a divisão por 5, 11, 25, 125, etc? Absolutamente não. Semelhante tentativa seria prematura e, provavelmente, infructifera.

Para a criança de sete annos o calculo consiste, sobretudo, em se mover no dominio, inteiramente imbiado ainda de concreto dos numeros inferiores a 100, e em combiná-los mentalmente com rapidez e segurança.

Quem não observou, aliás, a facilidade com que as crianças chegam a resolver problemas que comportam muitas operações, desde que os dados numerico sejam pouco elevados? Desde que abandona os pequenos numeros e as "pequenas coisas" — para falar como La Bruyère — a criança não sabe mais ocnduzir o seu raciocinio. Ella não vê mais a solução e se desorienta.

Desde então, devemos reservar um largo espaço ao calculo oral que verse sobre numeros pouco elevados.

Em vez de resolver cada manhã muitos problemas complicados, não será preferivel limitar-se a gente ao estudo methodico de um só, preparado por uma serie de exercicis oraes progressivos?

Um exemplo illustrará vantajosamente este conceito.

Seja dado no curso elemental o problema seguinte:

Sua mamãe vende no mercado 4 frangos a 48000 cada um e um pato por 68000. Com essa quantia, ella compra para Você uma capa impermeavel de 808000. Quanto a sua mamãe traz para casa?

a) Importa, antes de mais nada, "realizar" o problema. Um alumno faz o papel de vendedor, ao passo que outro, munido de uma carteira... do professor, representa o comprador, e um terceiro, um pouco mais longe, espera, junto do toldo e

do impermeavel, a visita da mamãe. Toda a classe, com a lousa na mão, acompanha a serie das negociações que se desenrolam.

b) Mas esta intuição sensível deve ser logo acompanhada — não assistimos a uma lição de calculo? — de um conjunto de operações abstractas.

Eis porque o professor, pelo processo de La Martinière, restabelecerá a ordem, o silencio e a attenção na classe fazendo resolver *mentalmente* os pequenos problemas seguintes:

2.º — Você compra 3 kilos de agucar a 18000 o kilo, e um de sabão por 500 rs.. Quanto fica V. devendo ao todo?

3.º — Sua mamãe 2 litros de óleo, de 38000 o litro, e uma garrafa de kerozene de 28000. Quanto é que o vendeiro tem de voltar a V.?

4.º — Seu pai vendeu 88000 de couves e 48000 de alface. Com essa quantia elle compra um carrinho de 108000. Quanto fica para elle?

5.º — V. vende a um collega 3 piões a 300 rs. cada um, um lapis vermelho por 200 rs., uma corda por 100 rs. Com essa quantia você compra um canivete de 18000 e algumas bolas por 28000. Quanto fica para elle? 6.º — Etc. etc.

Os meninos chegam assim a resolver mentalmente problemas bastante difficeis, desde que sejam um pouco exercitados. Combinam, sem hesitar, as adições, subtrações, multiplicações e divisões. *Raciocinam*, em vez de resolver os problemas por *imitação* ou de *memoria*, como se faz frequentemente.

c) O problema do dia é assim bem comprehendido. Desde então, a solução delle não amedronta ao alumno, que passa, agora, para o trabalho escripto no caderno.

Convirá insistir sobre as vantagens de semelhante methodo?

Si o professor sabe dosar a progressão de seus exercicios e circumscrever-se aos justos limites, que afugentam a fadiga e o tedio transformará a sua classe numa colmeia cheia de actividade. A hora do calculo será esperada com alegria pelas crianças, ao passo que ellas têm horror ás lições, aos exercicios escriptos mal adaptados, em que são obrigadas a procurar, á luz do "já feito", soluções intrincadas que jamais destrincam.

Els por que rêsponderemos pela affirmativa ao questionario da Conferencia Pedagogica.

Sim, pensamos que ha excesso de trabalhos escriptos, que se tiram a limpo muitos problemas e que seria preferivel tratar, em grande numero, questões muito simples, resolvidas mentalmente.

Alligeiremos, simplifiquemos, graças ao calculo mental bem comprehendido!

L. PEYGAUD.

(Do *Manuel Général de Instruction Primaire*”).

Pequena anthologia de recitativos

O CANTO DA AGUA

— *Donde vens, ó agua clara,
Com tua voz branda e fina?
— Venho do pé da montanha,
Para regar a campina...*

— *Mas porque não ficas quieta,
Quando estás a trabalhar?
— Quem trabalha, meu menino,
E' feliz e quer cantar...*

Actos officiaes

Instrucções aos directores das Escolas Normaes

Senhor director:

Tendo a reforma do ensino vigente procurado introduzir nas escolas primarias novos methodos e processos, que se dirigem, antes de tudo, a provocar a iniciativa, a espontaneidade, o esforço pessoal do alumno, — é claro que tal preocupação sobe de ponto, com referencia ás escolas normaes. Nem seria natural que a escola primaria se transformasse radicalmente, com a intromissão de novas directrizes, que lhe vêm tornar o ensino activo e fecundo — e as escolas normaes perseverassem no mesmo passo rotineiro e pesado de velhos tempos.

Antes, pelo contrario, das escolas normaes é que deviam partir os movimentos reformadores e ellas é que deviam encetar animosamente o emprego dos melhores methodos, para que os novos professores dellas sahisses modernos preceitos pedagogicos.

Para se alcançar esse desideratum, vimos, de ordem do sr. Secretario do Interior, chamar a vossa attenção para pontos substanciaes do regulamento do Ensino Normal, de cuja observancia, a nosso vêr, quasi unicamente depende a efficiencia do ensino.

PREPARAÇÃO DAS LIÇÕES

Entre os deveres do professor, enumerados no artigo 151, é de notar o da letra *h*, que se refere ao caderno de preparação das lições. Ocioso seria expender a necessidade, a utilidade, a importancia de tal medida. Baste dizer que sem tal preparo — impossivel é dar as lições na forma e na altura das exigencias do Regulamento.

Deveis observar, com cuidado, o caderno de preparação das lições dos professores e verificar se obedecem ás condições do artigo 43: se contém a summula das lições e dos trabalhos designados aos alumnos.

Nas visitas frequentes, que fareis ás aulas, de accordo com o que dispõe o artigo 47, observareis e visareis os referidos cadernos. Especificando que deveis visá-los, ao menos uma vez por mez, o Regulamento deixa a vêr que aconselha inspecção frequente e amiudada das aulas e dos cadernos. Assim, pelos proprios termos do Regulamento, um director zeloso não se restringirá a visar só uma vez por mez os cadernos de seus professores.

REGISTRO ESPECIAL

Das frequentes visitas que fizerdes ás aulas, fareis breves relatorios em um registro especial, referindo as boas e as más qualidades notadas, de que, quando más e precisadas de reforma, dareis parte, reservadamente, ao professor. Tem esse registro por fim exculpar, de algum modo, a vossa responsabilidade, quanto ao mau andamento de certas aulas, fornecer aos inspectores meio rapido de verificarem o movimento escolar e obrigar os professores, sob vossa orientação, a adoptarem melhores methodos.

INICIATIVA, ACTIVIDADE INTELLECTUAL, SENTIDO DE RESPONSABILIDADE, ESFORÇO PESSOAL, CURIOSIDADE INTELLECTUAL

O Regulamento accentua e pondera, em termos muito claros, que a principal preocupação do professor, ao dar as suas lições, deve ser a de provocar a iniciativa, a espontaneidade, o esforço pessoal do alumno.

Os artigos 41 e paragraphos, 44 e 50 exprimem precisamente o principio substancial da actual reforma do ensino, que é, ao cabo de contas, o principio substancial e fundamental de todas as boas doutrinas pedagogicas, antigas e modernas: o alumno trabalha, o professor apenas orienta e provoca.

Tal trabalho, porém, não é facil e demanda preparo sollicito, rigoroso e minucioso das lições. Por isso é que se attribue a maxima importancia ao caderno de preparação das lições, pois se presume que o professor, por mais sabio e experimentado que seja, não tem a virtude de interessar os alumnos em aulas e sobre materias de si fastidiosas e pouco interessantes. Faz-se mister preparar, com cuidado, as lições, tendo em conta a qualidade de seus alumnos, estudar, engenhar e organizar, de antemão, as experiencias e exercicios a dar, fazendo com que os alumnos delles participem e nelles collaborem, quando não os façam integralmente.

Proferir dissertações em vez de aulas é trabalho facil, por vezes brilhante, mas quasi sempre infructuoso. O monologo, o discurso, a exposição exclusiva do professor são terminantemente prohibidos pelo Regulamento, e, legalmente, não têm mais logar numa boa escola mineira.

Deveis chamar a attenção dos professores que se restringem a explicar a materia, em exposição corrente e ininterrupta, sem provocar o interesse, despertar a iniciativa e produzir a collaboração dos alumnos, durante as aulas.

EXERCICIOS COMPLEMENTARES

Para attingir amplamente esse alto objectivo, que se reduz a fazer com que os alumnos aprendam, activamente, o que se lhes expõe, e não recebam passiva e mecanicamente o que se lhes impõe, ha, além da exposição clara e intelligente da materia nas aulas, os exercicios referentes a essas materias.

Taes exercicios, pratica e explicação dos principios expostos, são absolutamente indispensaveis e é preferivel que se dê a parte pratica da materia, os problemas e exercicios della decorrentes - a dar-se a exposição oca das theorias, que se ouvem e não se guardam. Assim, á falta de tempo ou em razão de qualquer outro motivo, antes prejudicar a exposição do que a parte pratica da materia.

Lembrareis aos professores o que dispõe os artigos 44, 50, 51, 57 e 59, que se referem, com muita nitidez, a taes exercicios, determinando a extensão, a importancia e a orientação que se lhes deve dar.

AULAS MODELOS

Além das aulas modelos, que devem ser dadas pelos professores de cada materia, conforme o que se deduz do Regulamento, deve se accentuar que todas as aulas são afinal aulas modelos, quanto á substancia, forma e methodos. Nem é concebivel que nas aulas do curso normal, destinado á formação de professores, se deixem de observar os preceitos e os expedientes que a boa methodologia prescreve.

Para tal fim, hade o professor, além dos conselhos dados accidentalmente nas aulas ordinarias, reservar a primeira aula de cada mez, para dar a methodologia de sua materia.

A exigencia de serem as aulas modelos propriamente ditas, dadas pelos professores das respectivas materias e pelos professores de methodologia e não somente por professores de classes annexas, como se tem irregularmente feito, assenta em bases le-

gítimas: professores da materia, corre-lhes obrigação de conhecê-la bem e professá-la bem, sem grande esforço.

PALESTRAS

Para melhor despertar a iniciativa dos alumnos, estimular os seus trabalhos e as suas investigações pessoais, determina ainda o Regulamento que elles façam uma palestra, ao menos uma vez cada trimestre, aos seus discipulos sobre assumptos simples e facéis. Recommenda, com insistencia digna de nota, que versem sobre assumptos escolhidos no dominio dos exercicios complementares, o que quer dizer que não deve haver palestra sem exercicios praticos, demonstrações, desenhos, problemas ou experiencias que se refiram ao assumpto.

A palestra, conforme a quer o Regulamento, deve ser uma exposição clara, simples, sem atavios, de um ponto qualquer, de maneira que o alumno aprenda a falar em publico com simplicidade e naturalidade.

Deve-se preferir a palestra não escripta nem decorada e quando vier escripta ou perceber-se que é decorada, cumpre interromper a exposição com pequenas perguntas, a vêr se o alumno sabe de facto o que profere e obrigá-lo a expor com mais precisão.

Taes palestras se hão de fazer, de começo, em um ambiente de franca cordialidade, para que os alumnos não tenham acanhamento e difficuldade no cumprimento de sua tarefa.

Para esse fim, deveis organizar o registro de que reza o artigo 55, remetendo copia das listas á Inspectoria Geral da Instrucção, no começo de cada trimestre.

CONFERENCIAS

Organizae, de accordo com os demais professores e notadamente com o professor de methodologia, uma serie de conferencias que versem sobre os pontos mais importantes do programma. Insiste o Regulamento na necessidade de serem os themas das conferencias escolhidos dentre aquelles sobre os quaes hajam os alumnos realizado investigações, documentação, experiencias, estudos especiaes.

Trata-se de uma exposição clara, methodica, interessante, animada quanto possivel de projecções, experiencias, anedotas, biographias, desenhos, etc.

E' util permittir assistencia de extranhos, quando haja espaço, para que a escola seja, como deve ser, um centro de grande irradiação cultural.

O programma deve ser cuidadosamente elaborado, devendo os themas formar um verdadeiro curso, numa serie de estudos concatenados.

Feito o programma, com a indicação dos professores que devem executá-lo, será remetido, no começo de cada trimestre, á Inspectoria Geral da Instrucção, devendo-se descontar na folha de pagamento a importancia de duas aulas, cada vez que o professor a isso se recusar.

A Inspectoria manterá um registro especial e acompanhará de perto as conferencias e palestras feitas, as quaes devem ser comunicadas, cada vez que se effectuarem, de accordo com as instrucções já baixadas.

EXCURSÕES

Ao par de exercicios complementares, de palestras e conferencias, serão realizadas as excursões, de conformidade com um programma bem organizado. As observações, as explicações e as lições que se derem não resultarão do acaso das circumstancias, mas deverão ser preparadas de antemão. Nas excursões os alumnos observarão, cuidadosamente e ao vivo, a realidade e della induzirão ou a ella applicarão leis e ensinamentos recebidos.

Uma excursão é excellente e imprescindivel exercicio de applicação de varias materias, principalmente de sciencias naturaes, geographia, calculo, geometria e desenho.

Como bons exercicios de linguagem—e quasi estamos a affirmar como melhores—servirão os relatorios do que houverem observado.

REUNIÕES DOS PROFESSORES

O artigo 49 determina que os professores realizem, ao menos uma vez por mez, reuniões destinadas á troca de idéas e suggestões sobre o ensino normal, execução dos programmas e trabalhos escolares.

Quer, com isso, convocar a cooperação de todos para a grande obra commum, conjugar esforços, assentar modificações e suggerir medidas que deveis propôr ás auctoridades superiores do ensino, supprir deficiencias, corrigir irregularidades e falhas, manter o movimento escolar em constante e crescente animação, não deixar que o desinteresse afaste da escola professor algum e suscitar, finalmente, a communhão de espiritos e a solidariedade profissional que devem ser inabdicaveis apanagios de um estabelecimento dessa natureza.

BIBLIOTHECA E LEITURA

A bibliotheca deve ser organizada, de modo que os alumnos e professores possam frequentá-la commodamente, reservando-se-lhe sala ampla e apropriada.

Nunca serão demais os vossos conselhos e os conselhos dos professores no sentido de incutir nos alumnos o gosto e o habito da leitura.

E' necessario que estabeleças livros de carga e descarga, com especificação das obras e dos autores, não só para o fim de não se perderem os livros, mas tambem para o fim de se orientar a leitura dos alumnos.

CAIXA ESCOLAR

Aconselhamo-vos a instituição da caixa escolar, nas formas e para os fins com que se acha instituida no Regulamento Primario.

CRITICA

O artigo 67 tem dado ensejo a interpretações diversas e, entretanto, o seu sentido é clarissimo: o professor de methodologia assistirá ás lições modelos e fará a sua critica do ponto de vista methodologico, «afim de atrahir a atenção dos alumnos mestres sobre o methodo, processos e demais aspectos didacticos da lição».

A palavra *critica* deve ser entendida na sua accepção propria e elevada e o Regulamento exprime-se com clareza verdadeiramente crystalina: tem por fim fazer com que os alumnos mestres notem os processos, os methodos, a ordem, os expedientes pedagogicos nas aulas modelos que se lhes derem.

Não significa censura dos processos empregados pelo professor, porque importaria em dar ao professor de methodologia attribuições dictatorias que lhe não cabem de modo algum.

Uma aula modelo vale tanto quanto uma experiencia de physica ou de chimica. E' uma experiencia de methodologia e os alumnos verão praticados e em concreto — os processos que theoreticamente ouvem em aula ou leem em livros.

Para evitar possíveis attritos, o professor de methodologia assistirá, com os alumnos, ás aulas modelos e fará as suas observações, logo que o professor se retire.

Deveis assistir, igualmente, sempre que possível, a taes aulas, para verificardes os processos e methodos seguidos e para evitar-

des que a critica degenerate em maledicencia. A vós e não ao professor de methodologia é que compete chamar (e isso muito delicada e reservadamente) a atenção dos professores sobre os defeitos e falhas dos methodos applicados.

O PAPEL DO DIRECTOR

Como vêdes, notavel é a tarefa que vos incumbe, para a boa organização de vossa Escola, de accordo com as novas directrizes assignadas pelo Regulamento.

O vosso contacto com os alumnos será, sem duvida, muito rapido e regulamentarmente bem reduzido, mas, em compensação, todos os vossos esforços se dirigem principalmente sobre os professores, cuja concordia, eficiencia e dedicação deveis estimular e provocar, com a maior energia e entusiasmo.

Descançado da parte disciplinar, que deve ter funcionarios na altura de a manter e zelar e que por ella se responsabilizem, a vossa missão será, antes de tudo, de velar sobre o regular funcionamento do estabelecimento, fazendo com que todos os funcionarios cumpram o que se exige no Regulamento e dando parte á Secretaria, immediatamente, da inefficiencia, desleixo e incuria dos mesmos.

Frizamos, mais uma vez, que a vossa atenção deve convergir principalmente para o corpo docente, por intermedio do qual a Escola realiza as suas augustas finalidades. Sem a actuação regular dos docentes, baldados serão os vossos esforços em outros departamentos da casa, os quaes, quando muito, conseguirão uma disciplina imposta á força e esteril nos seus resultados, porque o essencial não é o silencio, mas o aproveitamento. Manter perfeita ordem e pesado silencio, sem aproveitar coisa alguma, é perder o tempo de modo desinteressante, inutil e até nocivo.

Se o professor não dá as suas aulas de accordo com os melhores methodos, ou se os encarregados de outras funções da Escola não cumprem, com rigor a sua tarefa,—o vosso papel é de sanar provisoriamente o que for sanavel, tomar as medidas de emergencia e participar á Secretaria, sem retardamento, a verdade do que se passa.

Afinal e no remate: a vossa atenção, o vosso esforço, a vossa dedicação não podem malbaratar-se em minusculerias e illudir-se com a vã tentativa de conseguir uma disciplina formidavel. Devem convergir para a intrmissão de novos methodos, novos livros, novos exercicios, novos expedientes educativos, conferencias, palestras, leituras, excursões e tudo quanto vos occorrer de util para alevantamento do nivel espirital de vossa Escola.

Ponde a colmeia em trabalho, que é por si a melhor disciplina: o rumor que surdir não deve inquietar-vos nem affligir-vos, primeiro porque é inevitavel, segundo porque vos divertiria de vossa grande tarefa e, terceiro, porque é o rumor fecundo e sadio da actividade. As proprias machinas, que não falam nem agem espontaneamente, fazem arruido, quando trabalham.

Que a vossa Escola trabalhe, que produza os melhores resultados e que mantenha o ambiente elevado de respeito e cordialidade que se exige numa instituição como esta — e o mais virá por accrescimo e não vos será exigido.

Essas instrucções devem ser trabalhadas, na integra, a todos os professores e funcionarios que participam sob vossa direcção, para que se capacitem da parte que se lhes refere.

Bello Horizonte, 20 de Dezembro de 1928.

MARIO CASASANTA

Inspector Geral da Instrução

Bibliothecas escolares

AVISO

Recommendamos aos srs. directores e professores que, para aquisição de livros para as bibliothecas escolares, observem o catalogo official que hoje começamos a publicar e que continuará a sahir nesta "Revista".
Bello Horizonte, 11 - I - 929. — Mario Casasanta, Inspector Geral da Instrução.

CATALOGO PARA AS BIBLIOTHECAS ESCOLARES

(Organizado pela Inspectoria Geral da Instrução)

GEOGRAPHIA:

Jean Brunhes: I "Cours élémentaire". II "Cours moyen et

préparatoire au certificat d'études". III "Cours supérieur — "La Géographie de l'histoire".

Jean Pierre: — "La géographie pittoresque" — "La haute montagne et la vallée" — "La mer, la presqu'île et l'île" — "La ville traversée par le fleuve".

Gallouédéc et Maurette: "Nouveau cours de géographie", compreendendo varios volumes: "Cours élémentaire", "moyen", "moyen et cours supérieur", "cours supérieur".

Lemonnier et Shrader: "Cours de géographie" (todos os volumes).

Doda: "Memento de la géographie des principales puissances du monde".

Tiget: "Enseignement de la géographie par les cartes postales" (38.50).

Alzonne et Moreau: "L'histoire et la géographie par les mots croisés".

Rouch: "Les traits essentiels de la géographie humaine".

P. Foncin: "Cours complet de géographie" (300 gravuras) — "Pour illustrer mon cours de géographie" (300 gravuras).

Foncin—Colin—Frayse: "Notions de géographie".

Mme. Koemy: "Récits de géographie".

Homem de Mello: "Atlas do Brasil".

Delgado de Carvalho: "Geographia elemental" — "Geographia do Brasil" (1.ª e 2.ª partes) — "Methodologia do ensino geographico".

Ezequiel de M. Lima: "Geographia e cosmographia".

Carlos Novaes: "Curso superior de geographia".

Alvaro da Silveira: "Narrativas e memorias".

Pedro Voss e J. C. Silva: "Curso de cartographia do Brasil".

Cerceda: "Como se ensina la geografia".

Barker: "Milieu géographique".

Mc Murray: "Excursions and lessons in home geograph".

A. F. Proença: "Como se ensina geographia".

João Soares: "Athas-Geographia".

ESCOLA ACTIVA

(METHODOLOGIA, NOÇÕES DE COASAS, ETC.)

G. Colomb: "Leçons de choses en 650 gravures".

H. Kraemer: "L'univers et l'humanité" (5 volumes).

"Bibliothèque des livres religieux": "La boutique de mon épicier" — "Les habitants de l'air".

Felix Faucon: "Histoire de l'alimentation".

Romanès: "L'intelligence des animaux".

Henry Correvon: "Nos arbres" — "Les plantes et la santé".

Louis Fiquier: "Les merveilles de la science" — "L'électricité" — "Grands tunnels et métropolitains" — Todas as obras da serie.

M. e Mme. Chantiaclaire: "Comment réaliser 250 expériences de Physique et de Chimie à peu de frais."

F. Guéchet: "Par l'éffort".

Albert Thomas: "Histoire didactique du travail".

Van Someren Brand: "Les grandes cultures du monde".

"Larousse agricole".

E. Reclus: "L'homme et la terre".

"Le monde et la science" (toda a collecção).

"Histoire du travail et des travailleurs".

G. Renart et Alb. Dulac: "L'évolution industrielle et agricole depuis cent cinquante ans".

Montile: "Leçons de choses".

Octave Chauve: "La locomotion dans l'histoire".

Viollet-le-Duc: "Dictionnaire du costume et de l'ameublement" — "Histoire de l'habitation humaine".

Ménard et Sauvageot: "La vie privée des ancêtres".

Jacquemart et Bois: "L'industrie de nos jours".

D'avenel: "Histoire du travail".

"La bibliothèque des merveilles" (toda a collecção).

"Bibliothèque scientifique des écoles et des familles" (toda a collecção).

Jules Demolins: "Comment la route crée le type social".

Paul Bert: A collecção.

Maeterlinck: "La vie des abeilles" — "La vie des termites".

Bulwer-Lytton: "Os ultimos dias de Pompeia".

Cécile de Rodt: "Voyage d'une suisseuse autour du monde".

Hachet-Souplet: "Principes du dressage" — "De l'animal et de l'enfant".

A. Amieux: "L'enseignement des leçons de classes dans les classes primaires des lycées de filles et dans les écoles primaires de filles."

Elisabeth Huguenin: "Paul Geheeb et la libre communauté scolaire l'Odenwald".

Julia Degonde: "Histoire d'un journal organisé par les enfants". Blagnernon: "Pour l'école vivante".

Angelo Patri: "Vers l'école de demain".

Gal: "Pas à pas. Du fait à l'idée".

"Cours de Lucienne": toda a série.

H. Bourgoïn: "De l'école à la vie".

Jean Bedel: Toda a serie.

A. Heraud: "Jeux et Recreations scientifiques" (2 vols.: 1. Physique; 2. Chimie, histoire naturelle, mathématiques) — "Les secrets de l'économie domestique" — "Les secrets de l'alimentation".

J. H. Fabre: "Les serviteurs: récits de l'oncle Paul sur les animaux domestiques" — "Les auxiliaires: récits de l'oncle Paul sur les animaux utiles à l'agriculture" — "Les ravageurs: récits de l'oncle Paul sur les insectes nuisibles à l'agriculture" — "La plante: Leçons à mon fils sur la botanique" — "La terre: Lectures et leçons pour tous" — "Lectures sur la zoologie" — "Le ciel: Lecture et leçons pour tous" — "Lectures sur la botanique" — "Les petites filles: premier livre de lecture" — "Aurore: cent récits sur des sujets variés" — "Le ménage: causeries d'Aurore avec ses nièces sur l'économie domestique" — Maître Paul: simples récits sur la science" — "Le livre des champs: entretiens de l'oncle Paul avec ses neveux sur l'agriculture" — "L'industrie: simples récits de l'oncle Paul sur l'origine, l'histoire et la fabrication des

choses d'un emploi général" — "Le livre d'histoire: récits scientifiques de l'oncle Paul à ses neveux" — Chimie agricole: lectures courantes pour tous les écoles — "La chimie de l'oncle Paul: lectures courantes pour tous les écoles".

Faria de Vasconcellos: "Didactica das ciencias naturaes".

A. Jacquemin: "Comment enseigner les sciences à l'école primaire".

Lafayette R. Pereira: "Botanica elemental" — "Zoologia elemental".

Maximino Maciel: "Botanica elemental".

Mello Leitão: "Zoologia elemental".

Lofgren: "Systema analytico de plantas".

Bois e Gadeceau: "Les vegetaux (leur rôle dans la vie quotidienne)".

Goué et Goué: "Comment faire observer nos élèves".

Luiza e Silva e Potch: "Elementos de mineralogia e geologia".

Heitor Lyra: "Cadernos de physica".

Vital Brasil: "A defesa contra o opidismo".

"Recenseamento do Brasil" (publicação do Ministerio da Agricultura — 1.º volume).

Gulick: "Hygiene serie" (Control of body anding the body at work).

Blaisdell: How to keep well our bodies and how we live — Life and health".

Haubert: "Histoire naturelle".

Palau Vera: "Estudio experimental de algunos de los animales que se encuentran en la casa, en el jardin, etc.".

Ferrière: "L'école active" — "La pratique de l'école active" — "L'éducation dans la famille" — "Transformemos a escola".

Dewey: "El niño y el programa escolar".

Bernard: "Comment on devient éducateur".

Mossier: "Comment former des esprits solides et vivants".

Kerchensteiner: "L'école active dans le cadre de l'école primaire". "Encyclopedia pela Imagem".

LINGUA PATRIA

Carneiro Ribeiro: "Serões grammaticaes".

M. Said Ali: "Grammatica elemental da lingua portugueza".

Othoniel Motta: "Lições de portuguez".

João Ribeiro: "Selecta Classica".

Epiphany Dias: "Grammatica portugueza".

Carlos Góes: "Methodo de analyse logica".

Mario Barreto: "Obras completas".

Candido de Figueiredo: "Obras completas".

METHODOLOGIA DE LINGUA.

Fortunat Strowski: I — Cours préparatoire et première année du cours élémentaire. II — Cours élémentaire et première année du cours moyen. III — Cours moyen et programme du certificat d'études.

Gabet et Gillard: "Vocabulaire et methode d'orthographie: a) Premier livre; b) Cours élémentaire; c) Cours moyen; d) Certificat.

V. Bouillot: "Le français par les textes".

J. Dussouchet: "Grammaire française".

Maquet, Flot, Roy: "Cours de langue française".

Lefrançais: "Methode de langue française".

Amand: "La pratique du vocabulaire et de la composition française".

Souché: "La lecture et le français".

Chatelein: "La composition française".

Toutet et Fichaux: "1.300 sujets de rédaction".

Pierre et Minet: "Le problème grammatical".

Fontaine: "Le problème grammatical".

Bocquet-Perrotin: "Methode de français pour la culture des sensations et l'étude des textes".

Collecção de Jean Peirrot et Fernand Fau e os commentarios de Mlle. Weiller (Librairie F. Nathan).

Blaise: "Pour bien lire et bien réciter".

J. Carré: "Le vocabulaire français" (todos os volumes).

Pessoneaux et Portel: "Lexicologie élémentaire".

Franche Vogt: "Le livre unique de grammaire".

Carré et Moy: "Rédaction et éducation".

INSTRUÇÃO MORAL E CIVICA

A. Souché: "Le livre du maître pour l'enseignement de la morale dans les petites classes".

Bourqueil: "L'instruction civique du brevet élémentaire".

Maillet: "Cours complet d'éducation et d'instruction civique" (toda a serie, com livros para os alumnos e para os mestres).

Dugas: "Morale pratique".

M. Dugard: "La culture morale".

Faye: "Morale" — "Instruction civique".

Ferdinand Buisson: "Leçons de morale".

Toulose: "Comment former un esprit".

Lavisse: "Les récits de Pierre Loloi".

Charles Dupuy: "Éducation morale" (cours moyen et élémentaire) — "Morale" (cours moyen et élémentaire) — "Instruction civique" (cours moyen et élémentaire).

Payot: "A educação da vontade" — "A moral nas escolas" (ha em portuguez).

Foerster: "L'école et le caractère".

Serpillanges: "La vie intellectuelle".

Gratry: "Les sources".
 Gillet: "L'éducation de la conscience".
 Ruiz Amado: "O segredo do exito".
 Samuel Smiles: "Todas as obras".
 Wagner: "Todas as obras".
 Ollé-Laprume: "Le prix de la vie".
 Ruy Barbosa: "Oração aos moços".
 Edmundo de Amicis: "O coração".
 J. A. Nogueira: "Sonho de gigante".
 Visconde de Taunay: "A retirada da Laguna".
 Joaquim Nabuco: "A minha formação".

HISTORIA DO BRASIL

Euclides da Cunha: "Os sertões" — "A margem da historia".
 João Ribeiro: "Historia do Brasil" (curso superior).
 Rocha Pombo: "Historia do Brasil" (curso superior).
 Alberto Faria: "Mauá".
 Oliveira Lima: "O Imperio brasileiro".
 Capistrano de Abreu: "Capitulos de historia colonial".
 Afonso Arinos: "Lendas e tradições".
 Oliveira Vianna: "Obras completas".
 Lucio dos Santos: "Historia de Minas Geraes" — "A Inconfidência mineira".
 Diogo de Vasconcellos: "Historia antiga de Minas Geraes" — "Historia média de Minas Geraes".
 E. Taunay: "Grandes vultos da Independencia" — "Historia geral das bandeiras paulistas". — "Índios! Ouro! Pedras!" — "Na era das bandeiras" (todas as obras historicas).
 Jonathas Serrano: "Methodologia da Historia no ensino primario".
 Gasquet: "L'enseignement de l'histoire à l'école primaire".

PEDAGOGIA, METHODOLOGIA GERAL, PSYCHOLOGIA

Mercante: "Metodologia de la enseñanza primaria".
 Pastrascóiu: "Metodologia".
 Mc. Murray: "How to study, and teaching to study".
 Compayré: "Pédagogie" — "Histoire de la pédagogie" — "Psychologie appliquée à l'éducation".
 Vasconcellos: "Lições de pedagogia" — "Une école nouvelle en Belgique".
 Brémont: "Lectures de pédagogie pratique" — "Auteurs pédagogiques".
 Augé: "Pédagogie générale".
 Simon: "Pédagogie expérimentale".
 Buisson: "Dictionnaire de pédagogie".
 Poitral: "Pédagogie pratique".
 Mathieu et Blaguernon: "Leçons de pédagogie".
 William James: "Causeries pédagogiques".
 Sainvel: "Causerie pédagogiques".
 Dewey: "L'école et l'enfant".
 Daparède: "Psychologie de l'enfant".
 Toledo: "Escola brasileira" — "Crescimento mental".
 Piaget: "Le jugement et le raisonnement chez l'enfant" — "Le langage et la pensée chez l'enfant".
 Dottrens: "L'éducation nouvelle en Autriche".
 Spencer: "Educação" (edição portuguesa).
 Agostinho de Campos: "Casa de pais, escola de filhos. — Educação e ensino. — Educação" — "A mãe de todos os vícios".
 Collection d'actualités pédagogiques (Instituto J. J. Rousseau). Toda a collecção é recomendada como indispensavel a quem quer acompanhar o movimento pedagogico moderno.

Augé: "Manuel do certificat d'aptitude pédagogique".
 Boucher: "Psychologie appliquée à l'éducation".
 Cuvillier: "ABC de psychologie".
 "Bibliotheca de educação" (Companhia Melhoramentos de S. Paulo). Toda a collecção.

TESTE

Binet: "Les idées modernes sur les enfants".
 Claparède: "Comment diagnostiquer les aptitudes des écoliers" — "L'école sur mesure".
 Buysse: "L'utilisation des tests en organisation scolaire" — "La selection des mieux doués".
 Stern: "La selection de los niños".
 Medeiros e Albuquerque: "Tests".
 Pressey: "Iniciation à la methode des tests".
 Binet et Simon: "La mesure du développement chez les jeunes enfants".

TRABALHOS MANUAIS, DESENHO, ETC.

Rogie, Bonecque, Levesque: — "Nouvelles lectures professionnelles".
 A. et L. Franchet: "Les lectures de la profession" — "Les lectures de l'apprenti".
 E. Rocheron: "Travail manuel".
 Marcaut: "Le livre du maître pour l'enseignement de la géométrie, du dessin et du travail manuel".
 Baraduc e Laroche: "Enseignement du croquis-coté" (toda a serie, compreendendo livros para o alumno e para o mestre).
 Chauvel et Azais: "L'enseignement du dessin" (todos os volumes).
 Saissset et Lecoispellier: "La coupe pratique par l'observation".
 Martin: "Cours de travail manuel" (toda a serie).

Laurent et Bianconi: "Methode progressive du dessin".
 Artus-Perrelet: "Le dessin au service de l'éducation".
 "Cahiers de travail manuel" (collecção).
 "Carnets d'atelier" (collecção).
 Boquillon: "Comment on prend un croquis".
 Laroche et Baraduc: "Le livre du maître pour l'enseignement du croquis à l'école primaire".
 Profit et Viven: "Le travail manuel appliqué sans outillage".

SYSTEMA DECROLY

Hamaide: "La methode Decroly".
 Dalhem: "Contribution à l'introduction de la methode Decroly à l'école primaire".
 Decroly e Boon: "Vers l'école renouvelée".
 G. Boon: "Essais d'application de la methode Decroly dans l'enseignement primaire".

ARITHMETICA

A. Rousseau: "Calcul mental à l'enseignement primaire".
 Perrot et Biculescu: "Arithmétique des petits en images sans paroles".
 Decroly: "La pratique du calcul mental raisonné".
 J. Husson: I — "Cours préparatoire d'arithmétique"; II — "Cours élémentaire et moyen"; III — "Cours moyen et supérieur".
 A. Lemoine: "Premier livre d'arithmétique".
 Minet, Patui et Delanay: "Cours pratique d'arithmétique" (série).
 Gillard: "Nouveaux cours d'arithmétique pratique et raisonnée" (série).
 Chanticleire: "Ce qu'il faut savoir pour calculer rapidement de tête".
 Martel: "Procédé de calcul rapide".

Saunier: "Le problème d'arithmétique".

Laurent et Floriot: "Calcul mental raisonné" (toda a série).
L. Grosgrain: "L'enseignement de l'arithmétique".

Thorndike: "The new methods in arithmetic".

EDUCAÇÃO PHYSICA

"Manuel d'exercices physiques et de jeux scolaires" (Librairie Hachette).

Lerigot et Coquerelle: "Pour rendre nos enfants souples et gracieux".

Costé et Capus: "Méthode d'éducation physique à la portée de tous".

Fabry et Kumlje: "Cours complet d'éducation physique."

MUSEU

Bannworth: "Organisation des musées scolaires" (série).

MUSICA, SOLFEJO E CANTO

Renaudet et Delage: "L'enseignement de la musique" (toda a série).

Dubus: "Des chants, des jeux, des rondes".

Marmontel: "La première année de musique", etc. (toda a série).

D. et Schlosser: "La chanson éducative".

Noel: "Les premières chansons".

Legrand: "L'âme enfantine".
François et Monfort: "Chants scolaires et chansons".

Bouchor: "Chansons animées".

ESCOLA ACTIVA

Para se pôr ao par da Escola Activa e dar aulas por ella orientadas, recommendamos a aquisição destes livros, em primeiro lugar:

As obras de Ferrière, já indicadas, sob a rubrica "Escola Activa"; o *Thesouro da Juventude*; a *Bibliotheca de Educação Racional*, em português, que comprehende Iniciação, Mathematica, Botanica, Geographia, etc., e as obras da *Bibliothèque d'Éducation Scientifique*, sob a direcção do Abbé Th. Moreux.

Informações uteis

Serão respondidas, nesta secção, tanto quanto possível, todas as consultas concernentes ás questões de ensino, quer técnicas, quer administrativas.

I. — As escolas, sendo todas mistas, podem funcionar só com alumnos do sexo masculino ou só com alumnos do sexo feminino?

Resposta:

As escolas, com excepção das nocturnas, foram todas convertidas em mistas, mas sem obrigatoriedade quanto á matricula para um e outro sexo.

O Regulamento do Ensino, no artigo 43, § 2.º, estabelece que aos responsaveis é licito escolher qualquer escola publica ou particular para a matricula dos menores em idade escolar.

Dahi decorre que os responsaveis, onde houver duas ou mais escolas, podem acertar de escolher uma escola só para os alumnos do sexo masculino e outra só para os alumnos do sexo feminino e nem por isso as escolas deixarão de ser mistas. Anteriormente, havia escolas mistas que funcionavam só com alumnos do sexo masculino ou só com alumnos do sexo feminino.

Em 1928, houve em algumas localidades, opposição á promiscuidade de alumnos. Devem ser respeitados esses escrúpulos locais que, aliás, têm apoio no dispositivo contido no § 2.º do artigo 43 citado.

A administração, pondo em pratica a obrigatoriedade do ensino primario, deve facilitar, e não dificultar, a matricula e a frequencia. — A. Marinho.

II — Pretendendo matricular-se neste grupo escolar alguns menores, que acredito terem excedido a idade escolar, consulto si é permitido, neste caso, exigir certidão de idade.

Resposta:

O Regulamento em nenhum dos seus dispositivos fala em prova de idade para os fins de matricula. Na matricula solicitada, o professor ou director se louvara na formação dada pelo responsavel; na matricula ex-officio, o professor ou director, na falta de informações colhidas de conhecidos ou nas visinhanças do alumno, fará o lançamento da idade por estimação.

Na matricula solicitada, si o professor ou director vir que o menor ainda não tem 7 annos completos ou que já excedeu á idade de 14 annos (art. 279, do Regulamento), poderá recusar-lhe a inscrição. Neste caso, para que o menor recusado possa ser admitido á matricula, será licito exigir-se a prova de idade. Uma vez, porém, matriculado o menor, quer mediante solicitação, quer ex-officio, o professor ou director não poderá promover a exclusão do alumno e exigir, para isso, a certidão de idade. Si a exclusão, no caso, fosse permitida, a prova de idade deveria ser produzida pelo professor ou director. — A. Marinho.

III— A palavra “educacional” já está incorporada ao patrimônio da nossa língua?

R. O neologismo *educacional* ainda não se acha registado nos dicionários de nossa língua. Outros neologismos eguaes a elle ahí já se encontram, como *institucional*, *accional*, *passional*. Os exemplos sobejam: *ascensional*, *condicional*, *congregacional*, *divisional*, *emocional*, *flexional*, *oracional*, *preposicional*, *regional*, *seccional*.

Essa formação é desde muito admittida na língua vernacula, provinda directamente de adjectivo latino (*convencional*, de *conventionalis*), ou derivada regularmente de substantivo com o suf-

fixo *al* (*constitucional*, *constituição*, *constitutio*; *educacional*, *educação*, *educatio*). Assim como se diz *Direito constitucional*, isto é, direito relativo à Constituição, também se pôde dizer *Psychologia educacional*, *psychologia* concernente à educação.

A par dos referidos adjectivos, apresentam-se verbos: *adicionar*, *adicionar*; *funcional*, *funcionar*; *occasional*, *occasionar*. Alguns delles são neologismos, como *fusionar*, *propulsionar*, *solucionar*.

Está nas mesmas condições, o neologismo *educacionista*, que deriva de *educação*, com o suffixo *ista*, e já se acha consignado em alguns dicionários.

REVISTA DO ENSINO

CONCURSO

A *Revista do Ensino* concede premios ás duas melhores aulas modelos que se lhe enviarem até o dia 15 de cada mez, referentes a qualquer ponto de qualquer materia do programma primario.

Egualmente concede um premio ao melhor trabalho sobre o seguinte thema: Quaes as vantagens do caderno de preparação de lições, quaes as desvantagens e — se se considerar inutil a medida — qual o melhor meio de se estimular o professorado a preparar as lições e de se verificar essa preparação?

Este ultimo trabalho, que deve ser simples, claro e não é necessario que seja longo e doutoral, deve ser entregue ou enviado até 15 de fevereiro, para o primeiro concurso, á *Revista do Ensino*, Secretaria do Interior, Belo Horizonte.

Convida-se o professorado em geral a participar desse util certamen, que, além dos premios, proporcionará a seus autores optimo ensejo de revelarem competencia e dedicação e de fazerem obra de proveito para o ensino.

O concurso far-se-á com o maximo cuidado e discreção, nada tendo que recear os que apresentarem trabalho defeituoso ou deficiente.